



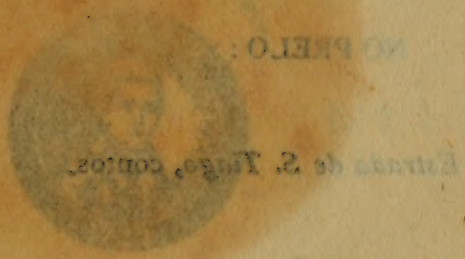
3 1761 07036557 2

Handwritten notes:
1911
1912

46

FILHAS DE BABILÓNIA

Terça de Babilónia, novelas.
Terça de Babilónia, romances — 2.ª ed.



Na Livraria Atlântica e Bertrand:
Livraria de S. João, contos.
Livraria de S. João, contos.

DO AUTOR

Na Livraria Aillaud e Bertrand:

Jardim das Tormentas, contos.

A Via Sinuosa, romance—2.^a ed.

Terras do Demo, romance—2.^a ed.

Filhas de Babilónia, novelas.

NO PRELO:

Estrada de S. Tiago, contos.

761 Livro

AQUILINO RIBEIRO

FILHAS
DE
BABILÓNIA

NOVELAS

de Barros



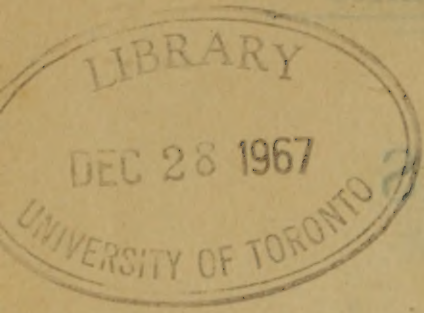
Livrarias Aillaud e Bertrand
PARIS-LISBOA

LIVRARIA CHARDRON
Porto

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
Rio de Janeiro

1920

PQ
9261
R5F5



Todos os exemplares vão rubricados pelo autor.

NOVELAS

Aguiar Ribeiro



Livraria Billard e Bertrand
LISBOA

Livraria Caramelo | Livraria Francisco Alves
Rio de Janeiro

1930

A

JOÃO DE BARROS

Este livro trata da vida de João de Barros, o primeiro historiador português, que nasceu em Lisboa em 1463 e morreu em 1521. Ele foi um homem de muitas facetas: diplomata, escritor, viajante e administrador. O livro descreve sua carreira e suas obras, destacando sua importância para a história de Portugal e do Brasil.

João de Barros nasceu em Lisboa em 1463. Foi um homem de muitas facetas: diplomata, escritor, viajante e administrador. O livro descreve sua carreira e suas obras, destacando sua importância para a história de Portugal e do Brasil.

Em 1482, viajou para o Brasil com o primeiro governador, Pedro Álvares Cabral. Foi nomeado escrivão e depois secretário do governador. Em 1494, foi nomeado escrivão da Câmara Municipal de Vila Rica. Em 1498, foi nomeado escrivão da Câmara Municipal de Vila Rica. Em 1500, foi nomeado escrivão da Câmara Municipal de Vila Rica.

Em 1501, foi nomeado escrivão da Câmara Municipal de Vila Rica. Em 1502, foi nomeado escrivão da Câmara Municipal de Vila Rica. Em 1503, foi nomeado escrivão da Câmara Municipal de Vila Rica.

Em 1504, foi nomeado escrivão da Câmara Municipal de Vila Rica. Em 1505, foi nomeado escrivão da Câmara Municipal de Vila Rica. Em 1506, foi nomeado escrivão da Câmara Municipal de Vila Rica.

Em 1507, foi nomeado escrivão da Câmara Municipal de Vila Rica. Em 1508, foi nomeado escrivão da Câmara Municipal de Vila Rica. Em 1509, foi nomeado escrivão da Câmara Municipal de Vila Rica.

Em 1510, foi nomeado escrivão da Câmara Municipal de Vila Rica. Em 1511, foi nomeado escrivão da Câmara Municipal de Vila Rica. Em 1512, foi nomeado escrivão da Câmara Municipal de Vila Rica.

Em 1513, foi nomeado escrivão da Câmara Municipal de Vila Rica. Em 1514, foi nomeado escrivão da Câmara Municipal de Vila Rica. Em 1515, foi nomeado escrivão da Câmara Municipal de Vila Rica.

Em 1516, foi nomeado escrivão da Câmara Municipal de Vila Rica. Em 1517, foi nomeado escrivão da Câmara Municipal de Vila Rica. Em 1518, foi nomeado escrivão da Câmara Municipal de Vila Rica.

Em 1519, foi nomeado escrivão da Câmara Municipal de Vila Rica. Em 1520, foi nomeado escrivão da Câmara Municipal de Vila Rica. Em 1521, foi nomeado escrivão da Câmara Municipal de Vila Rica.

JOÃO DE BARROS

Parte d'este livro escrevia-a ha anos em Paris, a Babilónia, cuja taça d'ouro inebria toda a terra, como bradava e brada ainda do fundo dos seculos a voz irosa do profeta; a outra parte em Portugal, permitindo-me de acrescentar á Cartilha do abade de Salamonde a pagina velhissima, tão comum aos cultos submersos, duma moral complacente com as leis da vida. Daqui, por localisação e por alegoria, as Filhas de Babilónia.

Ao tema versado não é propicia esta hora, tão cheia da tilintada de dolars e gritos de chacal — de homem para homem

e de povo para povo. Já Ovidio, escriptor que floresceu na Edade d'Ouro fechada aos quatro dias do mês de agosto do ano da Redenção de 1914, expendeu seu formoso engenho em restaurar Adão e Eva no Paraizo. Sendo aqui um seu longinquo sequaz, confesso o peccado de não engeitar uma prosa feita, desenfadada de mim e dos homens, para um mundo que morreu.

Lisboa, maio de 1920.

A. R.

OS OLHOS DESLUMBRADOS

(Caderno dum voluptuoso)

PLATE 10

Os olhos deslumbrados

(Caderno dum voluptuoso)

I

Em caminho de ferro, através da chã pasmada de Castela-a-Velha. Tôdas as tristezas de princípio de inverno, do entardecer e do deserto, entraram para a carruagem, tomaram os lugares vazios, penduraram-se aos espaldares e ao nosso pescoço. Quase que se podem palpar; teem corporeidade de viajantas.

Ainda ouço e melhor vejo os tamanhos do chefe que na última estação, de bandeirola no sovaco, as mãos encabadas nas mangas do tabardo até os cotovelos, deu com a cabeça o sinal de partida. Eram de incouras, com testeiras douradas, e seu belo somido de matraca

rompia singular por entre o fragor metálico da manobra. Era a voz de presença da Espanha.

Há já uns bons quilómetros andados e, não obstante, as montanhas do Douro continuam a mover-se a oeste, ronçadamente. Só o rolar do infinito sôbre o infinito terá aquela subtil cadência na mobilidade. Lá vão correndo e figura-se-me que um corvo, empoleirado além, naquele pinheiro solitário, está estupefacto a vê-las correr. A nós, não, que conserva o garbo castelhano — nem olhar à retaguarda, nem olhar em baixo.

A planície e o trem esgalgam-se, qual dêles mais incansável. Surrada dos gados, com a sarna dos restolhos velhos e da urze a grisalhar, parece que Deus, ali, só semeou cinzas. Nem moita, nem casal. É uma sala de bailar dos ventos. O combóio espalha o arfar de quem foge com mêdo.

Se não com mêdo, mais melancólico que um herói no exílio, entro para a

carruagem. Os passageiros, que na aduana socorri com a minha sciência das sete partidas, acabaram de arrumar a complexa bagagem. O papá, de boné em viseira, mãos cilhadas no joelho, tem esta fisionomia officiosa do viajante que embala as horas, rilhando a idea da chegada. Mesmo mais do que isso, encontro-lhe êste ar de obsessão interior, aparentemente semi-desatento, dos enfermos que, entre outros enfermos, aguardam na sala de espera dos médicos a vez de consulta. Ela não, vive momento por momento. Já seus olhos — estorninhos trejeitando na neve — voam sôbre mim curiosos. Porque são floridos e é grande regalo sentir-lhes o vôo sôbre nós, baixo a vista, condescendente, poiso-a sôbre o pé, espiritual como um Menino-Jesus e tão voluptuoso que nêle vão espojar-se os cupidinhos todos do meu serralho.

Pouco há ainda, emquanto o papá me agradecia murmurando desta Espa-

nha que não sabe línguas, nem penetra a intenção próxima das coisas, seu sapato Luís XV cantou na areia do cais, a par de minhas botas americanas. Bem sei que foi no ritmo quase accidental de passeantes que abrem o passo na mesma linha. Embora, já marchamos por trilhos combinados, já houve entre nós uma relação de simpatia, e daí nossos sexos — tudo entre homem e mulher se reduz a sexo — encetarem o jôgo da conjunção. Depois, na *gare* plácida, à beira do piquete de homens que com os rins empurrava um vagão devoluto, deambulamos silenciosos, o pensamento de cada um dentro de seu «jardim». No meu estava ela rescendente e formosa; no dela talvez eu, um carabineiro, rosadas teias de aranha.

Sinto que os olhos dela me passeiam, procuram inteirar-se do meu *eu* social pelo halo de características imateriais que há em todo o homem e ainda pelas luvas, que calço, côr de azeitona verde, a

gravata adrede desdenhada, a fronte em vasta meia lua, êste geito desarticulado que me deu o uso do florete e o abuso de viver. Baldado esfôrço, sou cispado como uma arca nova ou assim me julgo. Mas forma a sua idea e nunca há ilusão numa idea que nasce para morrer. Nas malas-artes de seduzir costumava eu, nos bons tempos, abandonar-me, assim como um ouriço escorregando lentamente da couraça, no que havia de especial em mim, minha luxúria exhaustiva, meu orgulho, um enfado benigno, uma emotividade toda orgânica, feras domésticas que soltava e enjaulava a prazer. Vezes sucedia assombrá-las, o que era de bom jôgo; o assombro é na mulher e na guerra o primeiro passo da derrota. A fascinar esta donazinha de pé pequenino, nem Belial desejaria ser. Um joven cura persuasivo, um ingénua colegial, um poeta romântico, sim. Vem-me mesmo o receio de que a assuste; mas não, sinto em mi-

nhas carnes como raios intoldáveis dum sol nascente os raios do seu olhar.

Desvio dela tôda a suspeita de atenção, em contra do instinto marrado nela como podengo ante caça de altanaria. Alheio-me, mesmo, e ouço a música bárbara do combóio e nela em seu diabólico volume colho uma canção doce, vagabunda. E lembra-me a donzela das velhas trovas, sentada de cima duma penha a cantar, emquanto passa, com lusido tropel, um rico senhor da Biscaia.

Nas vidraças, búcias da cacimba, debuxa-se uma flora caprichosa. Por entre choupos e codeços emaranhados, consigo ver no primeiro plano um gigante de barretina e perna de pau, tocando gaita de foles. Um homúnculo dança e é um urso. Depois a floresta recua até confins indevassáveis e torna-se um cenário mágico, de mil côres. Vejo as magnólias de grandes flores brancas, embocadas como sinos de catedral, as olaias cobertas de lágrimas cõr

de vinho loreno, laranjais prenhes de frutos maduros. Minha retina é uma feiticeira; a abundância enfada-me e tudo se esvai como as riquezas de Pedro Cem.

Da alucinação ótica, descaio no jôgo mecânico, racional, do que há mais activo em mim que é o cérebro. Vou submetendo a cabine a cálculos aritméticos. O teto compõe-se de vinte e seis ripas ou vinte e sete, cômputo feito duma emenda. Não ostenta em seu verniz luzidio bosques miraculosos, mas, a um canto, uma máscara de histrião depara-se-me. Os olhos são duas dedadas de lampeanista, a bôca uma junta que arreganhou com um provavel descarrilamento. Um... dois... três letreiros... trinta e quatro letras. A mnemónica desta cifra seria os trinta dinheiros de Judas mais os quatro evangelistas; ou os números da harmonia perfeita, venerados dos pitagóricos, 3-4; muitas até a obsessão. Lá ouço, outra vez, na sinfonia raivosa do aço, a terna cantiga

errante. Parece um hino flébil a alguém que está longe.

As malas dos viajantes teem argolas, em que o coiro mareou com o suor das mãos, cravadas com seis pregos cada uma. A mais rotunda e baldeada ostenta o rótulo de Coimbra... Coimbra, uma estreloçada de címbalos, a Antónia que me conjurava na hora íntima a dar-lhe mordicadas nos braços... Onde eu vou! Uma das malas tem a *housse* ponteada a vermelho, quando a côr é de açafão. Por baixo, o cabedal está gasto. As *hous-*
ses foram renovadas e falam baixinho de mediania que tem vergonha de se mostrar. Entre elas vai amolentada uma condecinha em trança de vermelho, branco e verde. Talvez a tecesse um penitenciário... um honrado cesteiro. Que me importa? Dentro viajará o necessário, toalha de mãos, lencinhos de assoar, calças dela que trasbordaram das malas. ; Lá com as calças deixaria arrancar o coração e fechá-lo dentro, o libidinoso!

Reflectindo que seria louca presunção supor que os olhos dela me passem ainda, considero que na cretone do encôsto, por detrás do papá, há uma queimadura de cigarro ou de charuto, e vem-me o apetite de fumar. Ainda saco da cigarreira, mas não me decido, teria de pedir-lhe licença, interromper com uma vénia banal a tecitura misteriosa da rêde que a seus sentidos meus sentidos vão lançando. Volto a doidejar com o pézinho que, inadvertido ou inocente, na perna cruzada, se mostra tão diabolicamente tentador. Deve ser um pé de neve com unhas côm de rosa e veias de azul diluído em leite. É um pé que anda alto, duas polegadas acima da terra, e dá a seu torso a quebradura de Niobe espavorida. Os felinos inflectem assim no salto. É a linha incidente da queda. Êste tacão mavioso apareceu tarde. Mediante êle, a mulher teria ganho a batalha da Idade-Média entre as diabruras do espírito e a divindade da carne,

O pé dela é rechonchudinho sem demais; cabe na cova da mão; quase o cobre um beijo. Se fôsse a minha amante, os seus pantufos, ao desnudar do corpo, bem sei quais seriam. . . as minhas mãos trémulas.

Fatigo-me de divagar. Meus olhos correm, afinal, afoitos a buscar os seus que fogem. A volúpia de vê-la, ao menos, não mo pode ela tolher. Visualmente é minha; sua pele, sua côr, seu modelado, seu talhe, hão-de percorrê-los estes que a terra há-de tragar, tão real e perfeitamente como estando em meus braços. É uma posse e, nela, queira que não queira, perderá um pouco de sua capitosa pureza.

Não sei bem se é mulher se é criança. Tem a estatura daquela e a expressão desta. Mas não vale a pena rebusca. Mais tenro que ela, para divino gôzo, arrebatou a águia a Ganimedes. Não me lembro bem em quem desfrutei aquela linha substantiva, tão sensual. Em An-

gela não, que era uma trágica. Tampouco em Mina que caía no espasmo an-gélico dum querubim adormecido. Elsa range os dentes e soluça. Ah! Agora me recorda, é o *rictus* de Marta, *la petite alsacienne au cinéma*. Dizia-me *Tu m'ébranles comme à un prunier!* Eu abanava-te, tu sacudias-me até as raízes imprescrutáveis da minha vida, enterra-das pelas campas na poeira de meus avós, os mais remotos.

A feição mulheril desta, imóvel, é a de Marta. Transportada, deve executar aquela mesma pantomima do deleite onde nascia e morria todo o geito har-monioso de formação e consumpção. Marta, porê, dava-se por natureza, sem medida; esta — diz-mo sua bôca voluntária — deve pôr uma louca orde-nação no amar.

Seu grau de feminilidade, quase tão vago como sua identidade, escapa-me. O vestido, curto por moda, esconde-me a sazão em que vai levada. Traja sim-

ples, mas com graça; a mantinilha lilas, rolada na cabeça à maneira de turbante, assenta-lhe sôbre o rosto, mescla de cereja, vinho velho e leite, a matar. Será, não será, uma virgem sem história, ou para não ter história, nos horizontes dum honesto burguês, comerciante, burocrata, professor, marido a catar as espinhas da testa nos primeiros meses de noivado.

Também não identifico o papá. Não denota luxo, mas é avisado o corte do vestuário. Pedra na gravata, botões de ouro falam de muita gente. Traz pera à passa-piolho, bem cuidada, mas sem o *quid* mefistofélico que dá êste acessório, e daí inútil como o queixo varrido. Olhar lento a mover-se, abdómen escoreito, mãos muito brancas e asseadas, mas um asseado quase de manicuro ou de quem dispõe de tempo para se enlevar em seu amanhã, nervosas mas sem o empalme que dá o volante, seguras mas sem a presa que dá o ouro,

não está ali banqueiro nem capitalista, nem senhor de roça. Menos um príncipe. Aquelas muitas malas falam de mediocracia. Ela, sim, podia ser uma princesinha, se não traísse já no olhar a sensibilidade pelo mundo de quem se sente baldeada nêle.

Agora reparo, a fisionomia do papá ressuma bondade, um como doce lua-ceiro de convalescente. Palpita-me ali um homem de profissão liberal, incompreendido ou incompetente, que não soube vencer. Esta idea irrita-me, fica-me a martelar no cérebro, longo espaço. Procuro-lhe uma categoria idónea, alta, por simpatia com ela, mas não a acho. Nem a de gramático lhe vai.

Anoiteceu; a carruagem fica isolada do combóio e do mundo. Consigo furtar-me à idea mortificante daquele anonimato. Entrego-me a ela e, sujeito, meu pensamento é como água de represa em que a divina adolescente se banha.

II

Muitas estações, muitas léguas dobaram já e nada me roubou ou nada me roubou a ela. Quatro pessoas instalaram-se na carruagem, mas breve as anulei, lhes risquei tôda a existência do livro dos vivos e dos mortos. Em face, duas velhas donas carregadas de anos; à minha ilharga, uma mulheraça loira, nutrida, tão rente a mim que só, por torsão, pude aperceber-me de seu semblante farfalhudo. Mais ao largo um cura scismava . . . scismava com o bispo, as ovelhas de suas ovelhas, ou um doce pecado de joven confessada. Pela aparência de muito equilíbrio, nem ascética nem fragueira, cómodamente abstraí dêle. Tambêm, sem esforço, lancei fora

do entendimento às açafatas tristes. Ostentava uma dente de oiro e, luzente, sua poalha era menos viva que a chama piedosa que se lhe desprendia da fronte, a meio dos bandós esfipados como asa de corvacha já caduca. Uma e outra pareciam-se com as imagens xilografadas, em velho papel, que, nas galerias, se mostram esmorecentes por trás dum vidro empoeirado. E passei.

Viajo só com ela, e esta carruagem, articulada de aço, é uma discreta liteira bamboando sôbre as sogas de duas mulas forçantes. Seus lábios de tanto me beijar mostram os agravos das camélias sequiosas. Eu vou quebrado dos rins, mas meus espíritos rejuvenescem a cada mirada que lhe lanço. Ao longe, fraldeja o coruto branco dum campanário rural. Vamos em chouto medido pela estrada soalheira e, andando, andando, camponeses soltam a salvação, desbarretando a figura velazquenha. É domingo, o prior rezou a missa, casou uns noivos, bate

no largo um fandango, ao som do pandeiro infernal. Do balcão da pousada, rescendente de cravos, debruçamo-nos ambos par a par. As côres, as danças e o sol estuam, a alma ibérica, feita de sangue e de amor, sobe até nossas almas e bebemos vinhos rubros, e nossas bôcas dão mil beijos e nossos braços mil abraços. A eternidade suspendeu-se em nós.

Assim a transporto comigo, na bulha dum combóio aceso, repleto de gente, batendo o railhe com furor. Apitos, estallos de aço, luzes, vultos. . . uma estação.

Lá entra um homem em sapatos que rugem, mala de côr sangrenta em riste. Não é dos que hesitam às portas, mas vai direito ao lugar com a segurança de quem sabe que é o seu, ali lhe está de reserva por um preestabelecimento concatenado, vindo do fundo dos tempos. Abanca e, desabotoando o casaco e palpando a carteira, fica a olhar sem antecipação as damas sorumbáticas. Aquele sobretudo, a grossas leivas ver-

des e vermelhas, côr de carne podre, irrita-me; sua cachaceira sangüinea enfurece-me. Todo êle assanha a minha antipatia. Por isso mesmo não posso desfazer-me dêle. E entre mim e ela atranca-se um corpo, uma afronta, êste inexplicável de volume, de côr ou de som que faz arrancar um bezerro e gannir os perús.

Não é um peninsular, vê-se-lhe na pelagem do queixo, ruiva e rala como erva de verão sôbre um rochedo. Sinão ganas de lhe preguntar quem é, e para que vem perturbar meu embevecimento de amor. Lá compõe o boné de quadradinhos e mostra o ócciput calvo dentro de um aro de mechas brancas como a imagem geométrica de Saturno, o astro esbandulhado. Farejo nêle um inglês, um americano, dêstes que apodrecem de ricos a explorar as terras pobres do sul. Quero que o seja e basta.

Quedo a examiná-lo e meu cérebro reage em simultaneidade, a perder de

vista. A verdade é que eu, se não estimo, admiro estes cavaleiros do progresso, eu o pródigo voluptuário que desbaratei a legítima a correr mundo, e das amantes — bailarinas, semimundanas, mulheres respeitadas — podia reünir um bordel copioso. Perante êles, sente-se como que a potência avassaladora duma fórmula algébrica e é sumamente capitoso vê-la ir-se desdobrando. A humanidade é a sua lousa de operações e nada mais delirante que a mão crispada sôbre o mundo fazer girar o mundo. Mas, representantes de uma civilização pirata, é à bruta que calcam em sua madracice as raças da latinidade; ou, emissários dos países novos, teem a contundente grosseria e grotesco dos recém-vindos á civilização. Sob suas botas fleugmáticas calcam usos, costumes, tendências despertas ou adormecidas, abastardando o carácter, coisa que vale a luz eléctrica e o bifeteque a escorrer sangue. Por isso os detesto.

Eu, criatura amoral, preso a tradição como um brâmane. Sofro de paixões históricas por uma página de arte perdida numa ruína ou num cunhal de cidade morta. Deleitam-me os velhíssimos beirais vermelhos povoados de ninhos e os vasos de mangericão medrando sobre o encôsto de uma varanda. E nunca faltei com o *salve-o Deus* ao lavrador que, conduzindo a rabiça do celta, pragueja atrás dos bois. Tudo isto porque venero nestas frioleiras a procissão interminável dos mortos que me geraram.

Lá vai o homem meditando, desfiando talvez algarismos. Á luz, porém, de minhas considerações, sua personalidade de mero produto quantitativo esvai-se, e eu torno à suave companheira pela posse da qual daria tôdas as minas, todo o aço, tôdas as montanhas de dólares das Américas, se não a civilização de meus avós.

Mais um arranco vindicativo da latimidade e acabo de riscar de meu espírito a aventesma. Concentro-me todo

nela. Só aqui, à minha espádua, a dama gorda, sonolenta, desvirtua um pouco minha entrega. Nas oscilações da marcha, a barriga de sua perna toca ao de leve minha perna. São titilações macias, deleitáveis, e por aí se escoa um sôpro da minha voluptuosidade. Um quase nada que não consigo vedar, para me dar a hipóstase absoluta com ela. Mas forço a representação e, sentando-a a meu lado, não é à outra, é ao corpo dela que meu corpo se encosta. E ondas de deleite sobem em meus nervos, umas após outras, cálidas e suaves, e meu cérebro é um receptor embriagado. Mas o combóio penetra no torvelim duma estação, fogos, choques bárbaros, árvores de ferro, discos coloridos. O pregoeiro clama:

— Salamanca!

Salamanca! . . . Comprei aí, uma vez, um Cristo dulcíssimo de Morales. Elsa pendurou-o à cabeceira de nossa cama, propiciatório.

III

O combóio entorpecera. Via decorrer os minutos, longos como dias de calabouço, cair do relógio ventrudo da *gare* com a lentidão peganhosa das gotas meladas.

No cais, em contra dos vultos errantes, só a luz eléctrica dava uma impressão de presença, da estranha personalidade objectiva. Parece que exercia ali o papel animoso de preenchimento. Contra o muro, caras de mulheres seranas vendiam espasmo; e, pelo asfalto espelhento das chuvas, um cura deslissava mais manso que palmípede preto num charco. Outros viajeiros... mas eu mal me apercebia de seus vultos gra-

ves. Sons, vozes da cantina, era como se partissem do cabo do mundo. Não se sentia o pulsar da locomotiva, o nosso pulsar difuso de viajantes. Era a imponderabilidade.

A sineta tangeu afinal, e entrei em assonância com «o de fora». A fonda começou a revessar seu mundo, os malteses de pau e manta que adoram o Menino nos quadros de Ribera, os marchantes de borla no *sombbrero*, os carabineiros de filhos à trela. Uma chica passou a cantarolar *El alma de Dios*. Como lesma sôbre uma abóbora, o ponteiro negro avançava no mostrador branco.

— ¿Não sentes frio, Genoveva? — indagou *dela* o papá.

— Não; tenho sêde.

— O combóio está a partir... ¿Não é sêde que mate?

Graciosamente, fazendo acreditar meus bons officios, propus-me ir à cata de bebida; e, sem pompa em minha di-

ligência, pude guiar até ela provida bandeja de águas. Não sei o que murmurou, então, sua voz enleada; só lhe fixei o timbre, a música com que desejaria sair os umbrais dêste mundo, para eterno gozo da minha alma. Era a voz pura de uma criança, destas que, em sonhos, ouço a negaciar minha mocidade moribunda. Sou assim monstruoso, desperto trago um arraial comigo, dormindo, escuto e vejo os paraízos que se me vão fechando.

Já a sineta deu o segundo sinal e, no cais, a turba multa ordenava-se. Os sacos de chita tinham subido os estribos sujos das terceiras; um harmónio chorava. Menino de côro, seminarista, um mocinho dirigiu-se muito desenganoado ao cura:

— *El señor obispo no viene.*

— O cura abriu os braços na mesura larga do *orate fratres* e lento, com a suavidade oleosa da gente eclesiástica, desapareceu.

Clareara novamente a *gare*. Perante as cabeças brancas de «adoração», as serranas erguiam um olhar de lágrimas. O chefe dera dois passos á frente; lá longe, na noite, a locomotiva arquejava, cuspia vapor e chama, e a hulha exalava seu odor acre de vertigem. Um matulão atirou a última bôlsa do correio; no movimento inclinado de alcançar, uma senhora, seguida de dois bebês, acorreu.

Terceiro repique: *adios! id com la Virgen!* e o combóio, estirando os tendões, desamarrou. Recuos elásticos das vigas de ferro e dos letreiros, saltos ásperos de barras, a confusão, os fogos todos da cidade cortejando-nos.

Rolamos; eu fito-a, ela fita-me...

A dama retardatária anda em busca de lugar. Vejo, pelo corredor fora, sua bela cabeça loura sondando os compartimentos, temperando seu rasgo dum sorriso amável. Atrás, os meninos bôcas-abertas e esgrouviados.

Ainda ali vão dois lugares devolutos,

mas Deus a leve para longe. Gosto de crianças, gosto, muito embora sejam meninas e louças e me levem a desesperar de mim, à data em que sua puberdade em flor coincidirá com a minha sazão de envelhecer. Neste momento, porém, detestaria essas crianças alvas, pernaltas, fugidas dum retábulo real de Velasquez, se poisassem entre nós. Quero ir só com *ela*, sem anjos que me aborreçam.

Mas a bela mamã passa adiante.

— ¿Temos, então, o prazer de viajar com um patricio? — perguntou-me à queima-roupa o papá, atirando a gazeta que lia.

Declinei uns breves dados sôbre minha caderneta civil e êle tornou:

— ¿Mas vive em Portugal?

— Uns meses do ano, lá pela quadra da caça e do mosto. O resto do tempo passo-o ao acaso da inspiração, em Paris, em Berlim, em Veneza, onde calha.

O viajante contemplou-me com circunspecção e proferiu :

— Nós somos dos arredores do Pôrto e vamos a Montmorency, terra de minha mulher.

Estabelece-se, a certa altura, uma intimidade muito fácil, pôsto que artificial, entre passageiros. A vertigem — dir-se-ia — provoca a descongelação de preconceitos e reservas que o homem civilizado nutre para com o homem civilizado. Nestas tumbas volantes, o trato social traz um cunho imperioso de instintiva solidariedade. Sob a alçada desta lei, se achava de certo o papá, quando, por veredas quase rectilíneas, quebrou o anonimato comigo. Era architecto, e alardeou um papel armoriado dos Ribadalta ventilando o trasteio duma sala de estar em sua vivenda de verão. Eu ignorava-lhe a existência e, tampouco, lhe vira o nome nas gazetas, o que é o cúmulo a dentro duma profissão liberal na nossa terra de soalheiro.

Arquitecto ignorado ou ignorante, tinha ali uma obra prima e, admirando a ela, não podia abstrair de todo dêle.

Mas bem me quisera parecer, é um homem bom ou, melhor, um bom homem. Tem as bondades éticas do homem, mas não dum homem. Vou jurá-lo: é dêstes que passam sem deixar sombra; e, sendo dêsses, e architecto, é quase paradoxal.

Divagamos, eu sei lá por onde, da Catedral de Colónia à Ponte sôbre o Tejo. Eu falava para ela e, em arte e em beleza, era um arauto da feminilidade. Entretanto estudava-o, como subsidiário da psicologia que sôbre a cabeça loura de sua filha ia edificando. Em todo o tempo só uma vez lhe vi desafivelar a máscara de bondade que me incutia uma dor absurda. Foi quando puxou da carta dos Ribadalta. A mobilidade do rosto parou-lhe no *rictus* dum simples. Mostrou os dentes, sem riso; as gorovinhas da face repuxaram-lhe os

lábios; dilataram-se-lhe as narinas. Era uma pobre alma às escâncaras, desvanecida.

Em hora normal, detestaria esta criatura. Nunca fui síndico de falências, nem de casas, nem de homens. Temo estes contactos. Como sou supersticioso, julgo-os pelo fenómeno da atracção simpática e fico a duvidar de mim. A minha piedade, aqui, é de fariseu.

Falando-me, não tinha a noção do categórico que existe no monossílabo; contestava-me transigindo; negava-me por uma longa curva de afirmativas; o sim e o não eram idiotismos na sua linguagem. E com o seu «é verdade» «todavia» desarmava-me. Dava-me a idea dos Horácios que fugiam para acometer. Mas aqui por frouxidão de temperamento e não delicadeza ou subtilidade de ânimo.

Oh! mas ela era bela de ver, embriagante de desejar. Por seus lábios e sua posse, durante minutos, marcharia firme

ao cadafalso; deixassem-ma abraçar e abraçaria um leproso; deixassem-ma gozar e mandassem-me morrer. ; Como não havia de perdoar ao pobre architecto de tanto divino? E entreguei-me todo com lisura, com verdade, que eu, quando me entrego, sou mais inocente que um cordeirinho de mama.

Trocamos os cartões e êle, lendo o meu, num esfôrço remissivo de memória declarou:

— ; Este nome não me é de todo estranho, mas donde?

Genoveva, para quem o bilhete se encontrava no raio visual, exclamou:

— ; Oh papá, não te lembras da peça a que nos levou Joaninha? Mas era dêste senhor...

Era o grito de surprêsa duma criança contente.

Ele quedou um momento silencioso a buscar equilíbrio para aquella circuns-tância e disse, batendo na testa:

— ; A *Ponte do Fumo*... agora me

lembro! Senhor, admiro-o. Tenho muita honra em conhecê-lo.

Ela sorria-me; com ênfase, proferi:

— O teatro é uma arte fácil, minha senhora. Quatro pessoas, uma corda que as ate, um tombo ao mar; umas que nadam, outras que não sabem nadar... Aí está o teatro de tese... o meu.

Genoveva era minha leitora; conhecia a meia dúzia de trabalhos publicados, romances sem viscondessas, contos sem padres-curas. Ignorava o livro mais recente, e mais inofensivo: *O Pavão é o rei dos animais*. Rasgadamente fui à mala e ofereci-lhe o exemplar que levava para Elsa.

Depois o silêncio poisou entre nós, remoendo eu e ela nosso conhecimento de longe. O combóio devorava... devorava o railhe. Quebrantados, estendemo-nos sôbre as banquetas. O semblante afável de Genoveva dizia-me: «Ora quem o senhor é. Um homem ce-

lebrado. Mas tem o ar melancólico...
; Não terá sido feliz?».

Vaidoso e infatuado como lord Byron, tinha a veleidade de descobrir isto e considereí:

«Almazinha que fiz vibrar e amar com as figuras que desdobrei de minha alma monstruosa, onde irás tu? Os nossos destinos teem já muitos pontos de intersecção; quem sabe?! Velho fauno incorrigível — dizia-me a voz da consciência — tu vais no pendor quando ela começa a subir a colina da vida. Nem ela te alcança, nem tu a podes esperar. ; Só uma *Ponte do fumo*, em que escurecesse vossa razão e vosso passo, vos poderia levar um ao outro!»

IV

Luminosas, as pupilas de Genoveva fitavam-me. E não me pude tolher de assestar sôbre elas um olhar terno, olhar de genuflexão perante tão subida mercê, e de agradecimento á beleza universal que semeia flores na vereda das feras, e faces pulquérrimas no trajecto hostile das Espanhas. E, novamente doido-varrido, o meu espírito interrogou: «¿Qual será a rota desta almazinha? ¿Qual será, entre os mais felizes dos homens, o primeiro a beber naqueles lábios tão amáveis?»

Oh! não seria eu, homem amolentado a desejar e a possuir, para quem os trinta e cinco anos começavam a pesar

como trinta e cinco robles vindos de Noé. ; Não, não podia ser eu! No meu peito havia ainda fogo para seduzir uma viúva de major, mais nada. Mas embora, ao sentir aqueles olhos límpidos debruçados sôbre mim, uma ternura nova planava acima de meu pensamento crapuloso como sol sôbre água choca.

O trem esfalfava-se na campina coberta de breu, e, enquanto o espírito corria à rédea sôlta, o meu ouvido começou a distinguir no rumor bárbaro do combóio uma melodia larga e majestosa. Nela se aliava ao eco dos espaços, batidos pelos ventos, o esbravejar das fôrças reprimidas como corcéis de guerra. E era mais soberana que a voz do mar, em que mal tremeluz uma nota à glorificação do homem. Depois, variações sinfónicas, duma opulência wagneriana, desenharam-se a meus ouvidos. Coros riais, orquestrações de alta dinâmica, as gamas tôdas do aço cantando inspiradamente. ; Porque não há artista que tra-

duza as melodias estranhas dum combóio projectado em bólido, aquele *leitmotiv* tão dominador da corrida, todo o batuque ciclópico do monstro?

Genoveva! Chama-se Genoveva esta criança loura, que diante de mim quere ter a compostura de mulher afeita ao turbilhão das cousas. O nome é perfumado como as amendoeiras em flor. ¿Que idade terá? As espáduas são de mulher, os olhos, porêm, conservam tôda a mobilidade inestilizável das crianças. São quentes, mas não seguros. Não me fitam com demora e morrem pela curiosidade de se banhar nos meus. Seduz-me diabólicamente, porquê?

Inegávelmente porque estou gasto e ela é um botão de rosa; porque sou depravado e ela é pura. Eu sou um abrir de inverno. O queixo dela é, ao contrário do do pai, um queixo de vontade. Os cabelos, enrolados a Greuze, devem-na cobrir até os pés; todavia, na raiz da fronte uma leve penugem infantil aloira

ainda. Que idade tem? ;doze, quinze, dezassete anos? Impossível atinar; são assim as madonas de Mainardi em que é tão temerário assegurar a criança como entrever a mulher. É uma criança nos anos, mulher, parece-me bem, no desejo de ser mulher. ;E que é a vida senão vontade?

--Que ardor!--dizia meu anjo cínico.

--Debaixo de neve -- respondia-lhe meu anjo lial. -- Ver-se-iam já os cabelos brancos em minha cabeça, se não fôra os artifícios com que os encobre a toleima. Ah! já não posso ter esperança; ; não posso, não quero, não devo iludir-me! Sou curioso de tudo o que tem curiosidade, lá isso sou; gostaria de perceber, tactear, gozar o seu maquinismo interior, como um relojoeiro; mais que isso não. Há um fundo de equilíbrio em mim, uma voz sensata que se poria a berrar, se fôsse asno: és um triste lobo a ladrar à madrugada.

-- Causas-me hilaridade -- tornava a

metade satânica do meu *eu* — nesse desespêro tão eloquente. Como sempre, sátiro ladino, afias as unhas. ; Possas tu cair sôbre a franganinha!

— Não! Não! Bem sei quanto um propósito moral é pouco em par com o vício ou sentimento desenfreado. Bem sei que o instinto dispõe duma fôrça irreprimível e a razão é uma fôlha no oceano interior que o homem traz consigo. Concentrando todo o meu diabólico querer, talvez orientasse — ou desorientasse — até mim esta criança, deslumbrada no limiar da vida. Mas não quero, porque d'ora-avante desejo moer até o derradeiro minuto em aborrecimento, e quem diz aborrecimento diz paz, os dias que me restam de vida.

— ; Que esforço de imaginação!
; Quando a levas ao tálamo, glorioso bandalho? Quero encomendar uma orquestra rial.

— Maldito sejas!

— Genoveva está-te nas garras; está

nas garras do moço velho que não larga a presa, não perdoa. ; Repara como o olhar dela se espenuja! ; Imaginas tu que seus sentidos ainda não penetraram a traça em que a vais emaranhando? Ela adivinha-te e rende-se. Está rendida; observa-a...

A locomotiva silvou; os semáforos duma *gare* imensa fustigaram a semi-obscuridade do vagão. O jôgo das bielas amolecia. Ergui-me da banquetta em que as minhas duas personalidades, uma correcta e sentimental de cidadão comum, outra luxuriosa e cínica de incorrígivel doido, disputavam ao ritmo do aço rolando no aço. Genoveva sorria-me.

V

Por muito tempo, ao compasso de cem rodas saltando de carril em carril, meu pensamento tresvariou. Pesaroso, umas vezes, como jogador que deixou sorver sua fazenda, despejado e alvar, outras, como grilheta para o qual não há apelação nem agravo.

«Genoveva, — dizia êle — quando na gaveta de minha cómoda se baralharem com as cartas de amor hediondas receitas de botica, amará e será amada. Talvez seja noiva e em seu cérebro se albergue um lupanar. ; A natureza humana é assim! Mas não será menos virgem, nem sua bôca menos cândida. O arminho só é imaculado na roupagem;

em sua vida animal não é diferente de qualquer imundo varrão. Em deleitação morosa, dormirá Genoveva com seus cavaleiros de baile e com aquele moço que tem fama de devasso e, um dia, ao cortar o ângulo de seu piso, lhe lançou tão turva mirada. Dormirá, porventura, com o cocheiro da casa, com o jovem prior de que ouve missa, e com quem menos se deve deitar é com seu noivo ou seu marido. O silêncio e a noite levarão à sua cama um cortejo de sátiros. E o seu pensamento acolhê-los há; porque o pensamento, a noite, e o silêncio são os três conjurados contra a castidade.

Se cruzasse comigo, quando os dedos reboludos das massagistas ainda me não tamborilavam na pele, talvez dormisse comigo. Talvez dormíssemos em realidade, traindo ela um marido, que poderá ser jogador e freqüentar as *cocottes*, e rendendo eu tributo, com meu coração inconstante, à sua formosura liberal a

dar-se; o tributo dum coração inconstante é mais agradável ao amor que o dum coração fiel. A variedade em que se move a natureza só permite à nossa sinceridade uma homenagem passageira.

Trairíamos o burguês e eu seria, o que está na dinâmica do meu temperamento, impetuoso e dominador. Nunca pratiquei o amor mavioso como os rondós de Gluck, nem Genoveva iria buscar êste fora do leito legal. Êsse tal que não passa de gatinho doméstico repugna-me. Garra recolhida, blandiciosa, no galanteio, garra desembainhada, ardida, no empalme foram o segrêdo de meus sucessos.

Assim seria de verdade, se eu pudesse retroceder como os dons paladinos das romanzas: eh! torna atrás, ó meu corcél! Mil e um cavalos arrastam as vidas e são o tempo. Deixá-lo... alguns anos mais, quando eu recorrer às perrucas, sua cinta maternal será um autêntico saco pele de crocodilo, nanja essa es-

galgada ânfora que fará tontas as mãos que a toquem, e secará de sede os lábios que a beijem. E com êste blasfemar das leis da vida, me reconforto.

Mas lá está ela que me fita, me fita porfiadamente, com resolução. O seu olhar — diz-mo a sciência dos pressentimentos — repreende-me; são mil setas mansas, suavíssimas, contra o scéptico que mora em mim e vinha rabugento e cabisbaixo. Bem as sinto e, ó minha virgem louca, eu prometo matar êsse scéptico e crer em ti e na redenção dos corpos do tempo que passa. E, perante o teu olhar magoado, ajoelho em acto de adoração plena, adoração retirada de tudo o que amei e venha a amar por tantas quantas faculdades afectivas, do berço à cova, em mim surgiram e hão-de surgir. Eu te prometo, também, que êste olhar que te torno, se prolongará até o último lampejo de meus olhos, guardando-te assim doce, assim jovem,

assim amável, qual hoje te vejo. De teus membros lestos e tua pele rósea varro para sempre *a que foi «la belle Houli-mière»*. E ficarás, assim, a papoula imperecedora de meu instinto voluptuoso.

Se a amo? Sei lá... O amor chega em mim pela sensualidade.—Se me ama? Talvez... O amor apodera-se delas pela imaginação. E destas possibilidades construo pensamentos, confusos como florestas de noite, mais loucos que Roma a arder, cheios de sons, de côres, com borbotões efêmeros de desespêro e de confiança. E, tal um mar ondulado, embalam-me, vão-me embalando, longa, perdidamente... e, entre, perpassa muito escoteira a música das cem rodas. Passa como que à margem do meu cérebro escoteira, mas bem acesa de acento triunfal. Depois, o meu cérebro começa a trabalhar automática e vadiamente: «Êste combóio tem uma estrutura maravilhosa, cabeça, pulmões, nervos, columna dorsal, membros ágeis». Emquanto

houver jumentos de moleiros claudicando pelos caminhos, há-de-se-lhe admirar a potência; enquanto se não iludir soberanamente a resistêcia da matéria há-de se admirar seu fôlego gigantesco. Seu passo rompante tem mesmo majestade. Agora lá vai êle por uma recta inquebrantável e fugidia. Sinto-o na trepidação tôda longitudinal, de vante à ré. Os freios fremem, e o aço rescanha no aço. E' um tufão vinculado a um canal. A planície deve estremecer alucinada sob o fragor da centopeia ardente. Deve estremecer tudo o que há de estática na natureza e no homem do monstro novo que engole as distâncias com impetuosa ira. O romano, que se descobria ao desfile cadenciado das legiões triunfantes, soltaria o seu *io*. E' certo, reúne os primores duma bela máquina, subtileza, energia, rigor e isso que choca em tôdas as obras primas do aço e nas finas estampas do reino animal, brusqueria.

Falta-lhe, porêm, um quase nada ou um quase tudo — alma.

Nêste particular é quase tão inferior como um pião. O pião vai onde o manda a baração, o combóio o seu piso inalterável. Esta rectibilidade é o sinal da sua bruteza. Tem um só trilhar e já o protozoário tinha a faculdade de direcção.

É forte e é estúpido o combóio. O avião, na sua fase ainda embrionária, dispõe duma sensibilidade receptiva, uma attitude ao arbítrio que é a alma; o aviador é o cérebro; um e um fazem um; esta simbiose coloca-se, na progressão da sciência, perto da natureza. É um pássaro. Daí o ser o avião uma máquina inteligente, e o combóio parar na escala dos primitivos, como o rígido e interminável diplodocus que beatamente se deixou morrer em sua gigantaria. Tudo vai assim avançando ou recuando. Sôbre o aeroplano tem o combóio, por privilégio, o desfrute ra-

cional dos panoramas, da terra e dos outros, e o aborrecimento que é o desfrute de nós mesmos. Já sôbre o combóio tinha a liteira o privilégio da eternidade, eternidade bastante, num percurso dêstes, a pôder amar, noivar, esposar esta menina, aborrecê-la... en-viuvar.

Tempos hão-de vir em que, d'asa hectométrica, com ron-ron mais atroante que o Niágara, veículos aéreos, enormes como *Potsdamer-Bahnhof*, salvarão as latitudes, de continente para continente. Mais adiante ainda, viajarão os corpos no céu como hoje as andorinhas, e as almas no Paraíso. Dum quero, dum vou-me, pular-se há a Sevilha, ao Cairo, a Tombuctú. Será cómodo e não haverá mais propriedade rústica e urbana, indefensável a estes iões circulatórios. Eu, então, só conheceria uma janela, a janela do quarto onde dormisse Genoveva.

Entramos num túnel; parece que há

uma exaltação de velocidade; o madeirame trepida; a bulha é horrisona, raspante, compacta, sincopada de estrépitos bárbaros, detonantes, e dum grito em oitava. Interrogo a imaginativa: é um gigante perna de pau, perseguido de mil demónios a uivar, que corre, que tamborila na calçada sua fuga célere, uni-jâmbica. Rolamos numa nebulosa. Genoveva, no tom *ronde-bosse* do fumo, semelha-se à Minerva dum dracma antigo.

VI

Genoveva dorme, mas eu não posso dormir. A isso se opõe o meu estado de excitação e o incomensurável respeito que tenho por mim. O sono é um ladrão, e eu não quero ser esbulhado do que granjeei por astúcia, engenho e estudo próprio e dos outros. O que granjeei é êste alinhamento imperturbável e ordenação complexa de homem que se sente e mantém superior, sobretudo, esta máscara toda latina, levemente irónica para ofuscar, um quase nada sorridente para atrair, sempre espiritual, e onde as rugas nada tem que ver com o tempo, mas com a benignidade interior de que são as iniludíveis vibrações. Será a ta-

bolela duma casa em que se concerta a falência, talvez, por isso mesmo mais mêm occupo dela.

Onde o sono me levaria, sei eu: ao detestado moço-velho que escondo em mim, amarrado ao pelourinho de trinta e cinco anos, cheios e pesadões; insónias e noitadas escritas na face; o topete, rompendo o escantoadado da fronte, penacho de gavião velho. Talvez o lábio, escorregando, se parecesse, em sua congestão de luxúria, com uma lesma engoiada; talvez da bôca se escapulisse o hausto roufenho dos realejos que teem um século de peditório. Senão tudo isto, mais temível que ser surpreendido a bifar um lenço de assoar, pelo menos deixaria de ser o que virtualmente sou. Seria eu mesmo, consoante a madre natureza, e mais exacto, mais idóneo, sou o que por artificio me fiz, numa palavra o que não sou. Aí cheguei por uma metamorfose infinitamente subtil, quase subconsciente, por isso

mesmo incerta em teoria. Que é moral, diz-mo a intuição que tenho de que Genoveva, ao surpreender-me em meu envelope próprio, sentiria pena, a hedionda, a abjecta pena de quem é para quem não é. Por isso me resguardo. E se houvesse alguma vez de dormir com esta poldra deliciosa, antes que meus olhos se fechassem, havia de assegurar-me primeiro com fatigá-la bem fatigada de seu sono sôlto. Ou teria uma tôrre com fechaduras de segrêdo para me encerrar e dormir o sono dos justos. ; Êsses casais de burgueses que amam, dormem e acordam no mesmo leito de ferro, como eu lhes invejo a ingénua animalidade!

Não posso e não quero dormir. Deixá-los voltejar bem vivos e aliciadores sôbre a divina cabeça os silfos alados do meu desejo. Em sono, abrandariam a farândola. Que bailem, que cabriolem, que quebrem e se requebrem até a embriagar, até a enlouquecer, até que arranquem à roda os génios voluptuosos

que, tímidos ou dormentes, há no seio dela.

Ela dorme e é a sempre-mesma. Talvez um pouco mais anjo na imobilidade. Seria uma heresia procurar reversos. Nada de novo lhe encontram meus olhos, mas não meu sentimento mais criador que o Padre. Passo a passo, aí descubro horas loucas e horas de remansado carinho, acolhidas ternas e adeus suspirosos, enlevos do espírito e arrebatamentos dos corpos, tudo o que encerra um tronco vibrátil e um coração lial.

E quedo-me a sonhar, a sonhar conscientemente, enquanto os olhos divagam dentro dos quatro taipais que nos levam. Quem vai connosco, não sei. Manchas esbranquiçadas, manchas baças, tremulantes — devem ser os passageiros. Entre, só considero que o architecto vai tombado sôbre a ilharga como a Tôrre de Pisa. O dispersivo morreu em mim, desde que os olhos de Genoveva começaram a falar para meus olhos.

Chamo-me a juízo proba e sinceramente, tanto mais que ninguém está no Pretório. Franco falar, o de meu irmão lavrador que tem a singeleza impressionante do rei Wamba.

— Doido varrido! Doido varrido! Cai em ti, consulta o entendimento, e hás-de soltar risadas malucas sôbre êsse disparatado sonhar.

— Aí vem o meu anjo da guarda... não, Catão. Mas disparatado, porquê?

— Porquê? vais a ludibriar-te e a ludibriar esta criaturinha. Tu és a volubidade, ela a inocência desprevenida. Conquistá-la-ias hoje para a repudiares amanhã. Que se renda e breve chorará o cativoiro.

— Não vejo, sequer, a possibilidade da entrega...

— Essa possibilidade desenha-se. O teu prestígio de homem de letras deslumbrou-a; a novidade do amor seduziu-a. Ela sonha contigo... contigo,

talvez, marido rico, artista, eternamente amante, gloriosa contigo glorioso.

— Prouvera a Deus!

— Mas é certo e sabe-lo bem. E, ouve, ¿prender-te-ias a esta rapariga?

— Porque não?!

— Seria o salto dum quinto andar. Dela só sabes que é bonita, tem o pé espiritual e o talhe voluptuoso. Imaginaste uma pilha de promitente sensualidade e por aí se veio a atear o teu delírio. Não duvides, o amor chega nos deliciosos pela luxúria. O que sabes dela, se é o bastante para uma amante de duas noites, é já escasso para uma amante de oito dias. Para espôsa, nada. Ela pode-te ser diametralmente oposta, farfalhuda quando tu és taciturno, toleirona quando tu és um delicado, gostar de fadinhos quando tu não suportas um recital de órgão. Pode ter taras físicas, ter mêdo dos gatos que tu adoras, tocar boleros no piano que tu aborreces, gostar de valsar o tango. A família, na

actual linhagem, pode contar um herói ou um santo — coevos por igual detestáveis — e até a mãe, francesa de exportação, pode ter sido regateira ou *cocotte*. O que é indubitável é que terás de suportar a mediocridade do pai, afeiçoar-lhe, passo a passo, muletas para andar... Um horror!

— E que mais?

— Dando de barato que nenhum destes contras exista, pensaste já no que seria esta almazinha inexperiente, ao pé da tua, monstruosa, insaciável de tudo, cansada de tudo? Pensa bem... aquilo é veio de poucas águas. Em curtos dias, senão horas, esgotá-la-ias, sua jucundidade, seus meandros de sentimento e de sonho, seus transportes, sua compreensão e intuição das cousas. Devassarias a sua alma tão cedo como o seu corpo. E tu, porque és um voluptuoso, precisas além dos braços que te apertem, de almas, duma alma que se multiplique. Precisas da alma mil almas.

Breve a conhecerias como as tuas mãos, e ela não teria nada de novo a dar-te, porque se daria dum jacto e sua inflorescência não lhe permite, por ora, renovamentos. ; Com que havia de comprar-te, a pobre, pelos tempos fora, para lá da fácil lua de mel? Esta não te serve.

— Quem me serve? *Vilis Amythone, vilis mihi candida Cidno, Non oculis grata est Atthis, ut ante meis!*

— Sim, sim... dessa espécie, dobradas de Corina.

— Estou farto de correr a aventura louca da insaciedade. Esta bastar-me-ia, formosa como é, tendo apenas, a mais o chilrear simples dum pintassilgo.

-- Bem, mas passando por sôbre êses mil contraditórios, esta mocinha tem necessidade dum homem rico, terno, sentimental, todo dela. Consumiste quase a paterna, a ponto que se não fôra a providência de teu irmão irreduzivelmente celibatário, terias de recorrer ao emprêgo público; tôda a preo-

cupação são os teus livros, as tuas criações; ¿ternura, junto à nevrose de artista, tê-la hás sempre?

— Não sei, nem me importa saber. ¿Que é o sentimento senão a mola oculta que nos empurra pela colina da vida, para cair ou nos exaltarmos mais, equivalentes, afinal, do mesmo trânsito irrefragável?! Obedecer é a nossa obrigação, a nossa melhor obrigação de superiores.

— ¿Deixarias a Europa, o teu diabólicamente adorado Paris para morar na aldeia?

— Porque não?!

— Daí, quando o inverno aperte na Serra, ¿levarás tua mulher, que fatalmente tem apetites de sociedade, aos teatrelhos de Lisboa, às exposições de arte rançosa, aos chás dos Ribadalta e outras niquices enfadonhas?

— Resignar-me hei.

— ¿E às praias, onde um badameco acatitado lhe fará a côrte?

— Resignar-me hei.

— Então anda, mas não esqueças que poisas sôbre a fronte a coroa de espinhos do amor. Ela é moça, tu envelheces. Estas alianças quebram, as mais das vezes, por aí. . .

— A ventura!

— E Elsa? ; Como te desligarias de Elsa?

— Como me desliguei de Antónia, de Marta, de tantas outras.

— Quem com ferro mata com ferro morre. . .

— A justiça é uma parábola celeste.

— Bem, anda lá, pobre, louco, velho, perverso. . .

— Queira ela! queira ela! . . .

Genoveva, por entre o rebuço da mantinilha, espreitava-me. Disse-lhe tudo isto, contei-lhe tudo isto, e a meus olhos sinceros seus olhos floridos conjuraram a não temer.

VII

Já rolamos em terras de França. Há uma boa hora que lá vão os Pirinéus, damasquinados de neve, e o meu louco sonho de ser um camponês basco, fanático de Deus e de D. Carlos, e, alta noite, descarregada a mulinha do contrabando, vir de escopeta ao ombro, abraçar Genoveva, trémula de frio e de receio ante a Virgem do Pilar. A minha condição é pensar, meu pensar fugitivo e doido como galope do vento.

Entramos nas landes e, quando olho aos lados a floresta interminável de pinheiros, tenho a impressão de aspirar o ambiente místico e profundo duma catedral. O próprio eco do combóio tem

a plangência arrastada dos órgãos. Esforço um quase nada a fantasia e da música bárbara retiro um oratório delicado de Palestrina. Escôlho a letra: S. José e o menino cortando cedros para um tear de Maria. A machada ressoa, Jesus canta a cantiga que ouviu aos pescadores de Tiberiade.

Um *pardon m'sieur* e um cavalheiro, que, debruçando-se, me toma as vistas da portinhola, desviam-me da Terra dos milagres para esta fraternal Terra da guilhotina. A França é isto um pouco, êste homem que, com todo o desplante, cômscio do seu direito, me roubou a comodidade. A mulher, uma loura afável de olhar liberal a prometer, queda para compensação.

Fico a cogitar porque adoro eu omnímodamente êste país extraordinário. É certo que o adoro. Para cá trouxe um cérebro rude e um coração de cera; estes predicados cambiaram de expoente. O cérebro tornou-se maleável

e do coração, que no triste Portugal sofria as torpezas tôdas do mundo, o parvo, só sei que é agora mais duro que um cão de porta. O mal humano, hoje, faz-me rir ou não bole mais comigo que a um penedo o furacão que passa. Por outra, o meu *eu* tornou-se cispado como claustro de beneditinos, fabricantes de licores. Se me deixo visitar é pelas mulheres.

Vivendo, amando, queimando meus dinheiros em Paris, civilizei-me; aí aprendi que não há a virtude local mas a virtude pressuposta; que a palavra só é mentida na bôca dos anos. O meio deu-me tôda uma sciência social muito subtil, tão subtil que apenas há memória de ser praticada pelos fariseus que a Bíblia apresenta como sofistas esperotos, consumados no trato e furta-côres para o estrangeiro. Cria eu que tal gente só existisse — e ainda com uma existência problemática — nas Santas Escrituras; engano; o meu *concierge*, o meu

épicier, o amante da minha amante, o deputado socialista do bairro, o professor da Sorbonne são-no. Não atino ao certo com quem o não seja... a população é densa...

Que é esta a raça mais inteligente, diz-mo a arte com que se faz acreditar. É um dogma que a França é o Cristo da humanidade, o eterno crucificado da pobre, da dolorida humanidade. Nenhum francês, pelo menos, será capaz de pensar o contrário, nem tampouco eu que não quero ser o centurião da lançada.

Que é o povo mais espiritual, provam-mo sua máscara democrática e seu interior merovingiano. Sabe carminar-se como todo o ente que se preza; ninguém pode levar a mal, mormente quem se barbeie e enfeite.

Que é a gente mais amável, proclama-o a voluptuosidade dos abraços, que sentirei até à hora da morte, de suas mulheres, e as fôrças misteriosas que me chamam a Paris. Paris!... só o tro-

carei por Geneveva, cuja alma tem as afinidades latentes da grande alma. Por ela e com ela, sim, iria sem necessidade de coragem morar fôsse onde fôsse, mesmo na Arábia deserta com o mister, até, de acometer de rife as caravanas. Iria fechar-me na minha quintarola do Paiva, lá para o calcanhar do mundo.

Essa quinta já a visitou Geneveva na fotografia que o dr. Aniceto tirou, quando da pesca do açude, com sua mulher no primeiro plano, um pouco derramada a meu lado. Achou-a adorável com os cômoros de milharal, uma moita de carvalhos a subir o outeiro e o rio aos pés, muito manso, não te rales. Fruteiras ajoujadas de pomos, olhos pasmados de labregos, faltava-lhe só pombas brancas a voar.

Na residência, em pedra de fiada por môr dos invernos, mostrei-lhe uma janela aberta.

— É o meu quarto — disse-lhe eu, e ela corou.

— Estas árvores? — perguntou ela, depois dum segundo de recobrimento.

— São olimos; plantou-os meu avô que era miguelista quando por ali passou com o sr. D. Miguel. No verão cobrem-se de passaredo; é ali uma missa cantada tôdas as manhãs.

— Tem graça!

Genoveva agradou-se de tudo, o que vê e o que pressente, as vacas ratinhas que pastam no prado, o meu galgo Melquesideque, a parreira de malvasia a pedir uns dedos de veludo. Minha beatitude só pode ser comparável à de Salomão, mostrando à rainha de Sabá o seu palácio de mais sábio e mais delicioso dos homens.

O bom papá, ao lado, sorria. E, de salto, apontando a vereda branca que trepa para a mata por entre culturas verdegantes, proferiu galhofeiro:

— É uma bela vivenda, não há dúvida; mas falta aqui um garotinho a correr de perna ao léu, e ali, àquela ja-

nela, uma cabeça apreensiva de mamã a espreitar o traquinas.

— Falta — respondi eu, e quedei silencioso, de olhos baixos, na cobardia de trair em seu lume meu júbilo recatado.

Falta lá isso — considereí depois, ainda que já incerto se meu pensamento saíra logrado na hipótese do seu pensamento — ; e tu, velho salafrário de architecto, lá em baixo no rio, sentado numa pedra e com chapelão de palha, a pescar à linha!

A felicidade leva-me a abstrair da viagem, do combóio, dos nomes sonoros, carregados de história, que de longe em longe, pregoeiros de *gare* ficam gritando. Os olhos da loura que de comêço me tentavam, de desdenhados, já nem se lembram dos meus. Não sei quem vai connosco, nem onde vou. Perante ela multiplico-me, sinto-me magnificado pela fôrça que cachoa em mim, dispenso no palestrar belezas, que nunca

gastei com minhas personagens, galas, solertes a acudir à dicção como aias duma Salomé. E, com o prazer supremo dos triunfadores, vejo-a moldada ao meu pensar, ao meu desejo, ao meu sentimento como se fôsse a parte necessária, predestinada pelo concêrto eterno das cousas, à minha hipóstase de humano.

Baixou a noite, uma noite temporã de inverno, húmida da planura fértil de França. Na marcha veloz do rápido, só me apercebo das luzes fulminantes dos semáforos. Faço menção de ouvir o papá e entrego-me a ela. Fala-me o homem da sua arte, dos seus negócios, da família. Capacito-me, por frases colhidas no vôo, que se impôs a emprêsa de vincular-me à sua estima; todo o seu esforço é já vão; rendi-me. É, porém, uma excelente nulidade, e tôda a sua simplez vem revestida duma grande ternura paternal, mais suave que veludo. Por aqui lhe perdôo a insignificância.

Êles virão à minha quinta sôbre o Paiva, mais garrido que a farda das trutas que nêle se criam para regalo nosso; eu irei à sua casa, empoleirada sôbre o Leça. Para já, aprazamos horas comuns em Paris e Montmorency.

As *midinettes*, nas lojas de moda da Rue de la Paix, hão-de murmurar:

— *Les jeunes fiancés* . . .

Oxalá vos não enganeis, arvelas louquinhas do *boulevard*, oxalá vossas mãos de fada talhem o vestido branco, pudibundo, com que, a par da minha casaca preta, babosa, êste sonho de algumas horas se torne a realidade que só vá consumir-se na consumpção eterna.

VIII

Todos três vamos scismando. A's vezes, quebramos a scisma por uma pergunta, um nada, lançado por um de nós, sem rebuço e com uma familiar sem-cerimónia. Entre mim e ela o entendimento — entendimento misterioso e sorvedor com a fôrça louca de mil almas — não pode ser mais profundo. Acanhadas, nossas bôcas observam as convenções, nanja nossas mentes. Inocente, habituou-se já a que a beije e a enlace; vergonhosa ainda, já sabe rolar em tórno do meu pescoço seus braços rijos. Essa certeza vem-me de seu cérebro para meu cérebro como a luz de seus olhos para meus olhos.

Entretanto, perpassa-me na consciência que tenho de quebrar com Elsa, a minha última amante, e despedir-me de Paris, a minha grande amante. Tem de ser, será. Ao azar, a primeira resolução, dum olhar de Genoveva a segunda. Por agora, não penso na materialidade estúpida dêsses passos.

O papá vai meditando, mas de prazenteiro parecer. O architecto ignorado lisonjeia-se da possível associação com o escritor que tem nome. A' minha sombra poderá edificar bons ou maus prédios, obter o prémio Valmor, vir a ser célebre, finalidade esta de todo o sujeito que mexe em artes. Antevê, talvez, essa aura, ou lê nas gazetas o relato do auspicioso enlace de M.^{elle} Genoveva «filha do illustre architecto» com o distinto escritor. Saboreia os nomes dos paraninfos, provavelmente os Ribadalta a uma banda, o Presidente da República, com um jôgo de escôvas de prata em estojo forrado a sêda, a outra. Aqui,

porêm, te enganas tu, papá venerável. Meus padrinhos seriam, serão meu mano lavrador de quem, em tôdas as loucuras, ouço, com mágoa, a voz esforçada: «Ei lá, moirisco, ei!» e a velha ama que me criou.

Singelo, crê em meu entusiasmo, na dignidade de meus pensamentos e faz-me justiça. O Sardanapalo que bole em mim cobiça Genoveva legalmente.

Genoveva, mesmo quando poisa nos meus os olhos lentos, divaga. Divaga no paraíso terreal a que a levei, e é tão ditosa hoje como difficilmente poderá sê-lo àmanhã, ainda que eu alcatife de flores o seu caminho. Todos os génios benignos voltejam em tórno da sua frente em fogo; há sol na terra e música nos céus. Sua alma é uma epifania.

Eu deliro e reflexiono consoante a deixa fortuita que me vem ao espírito. Acabou-se, mando bugiar Paris e Elsa, e, na montanha, com a Genovevazinha a costurar bibes de meninos, comporei

romancitos para lerem angelicais donzelas e pudibundas mamãs, de óculos ferrados na ponta da bicanca. Paris será relegado a teatro exclusivo de nossas estroinices raras. Podarei as vinhas, plantarei árvores, baterei as lebres, velarei por agros e pomares. Remoçado, à noite na alcova, res-cenderei os másculos perfumes da natureza, nossa mãe. E serei um Hércules de amor.

O combóio galga, abreviando de horas êsse destino. Outra vez ouço a orquestra ciclópica do aço. Estes vagões de França enrouquecem a cantar; os de Alemanha são surdos como canoas nas águas mortas dum lago. A maldita ária, por associação de ideas, leva-me ao pensamento que me minava na planura castelhana. Com amargor me choro de não ter um corpo ágil e fresco e menos anos sôbre as espáduas para, sem sombra de pusilanimidade, poder amá-la e chamar-lhe minha. E logo um dos

meus anjos custódios — não sei se o bom se o mau — me fala :

— Tão depressa desejas como aborreces. Deixa esta creança; outro tem direito a ela.

E uma dor tão profunda me punge que me chamo desgraçado três vezes. Debruço-me á portinhola a buscar refrigerio à febre que me toma. A noite é enovelada e negra como minha alma neste momento. Não se descobre um atalho, a mais fugaz direcção. Mas, em seu pesadume, sinto-a presa ao ritmo universal que nos leva. Fecha-se sôbre nós como o ar sôbre o vôo da andorinha. Assim será do destino sôbre esta correria dementada com o sentimento de Genoveva. Mas ela vem e diz-me:

— Antes de partir, encontrei no jardim o trevo das quatro fôlhas. Que significa?

— Ventura. Guardou-o?

— Tenho-o aqui — e, tirando-o do corpete, deu-mo,

Beijei-o e às pontas dos dedos trémulos que o seguravam. Quási desmaiei de inebriado. Êste beijo, aceite sem temor, atirou-me novamente à via gozosa em que vagabundeava.

A perspectiva do matrimónio até agora execrável, consumado perante o camarada da rapioca universitária, o gordo e florido Dr. Acácio, oficial do registo na minha serra, antólha-se-me sem náusea. Um mês antes e depois falarão as meninas da Beira. Meu irmão envergará o fraque que, para me visitar em Lisboa, mandou talhar há dez anos. Rapazes e môças da aldeia — como nas operetas — dansarão em roda.

Entrevejo, sobretudo, a hora suprema, quando ela rosada e silenciosa de doce apreensão, em sapatinhos brancos que minha pressa não deixou descalçar, meter para a alcova branca. Não terei vergonha de gozar sua jucunda vergonha. Desabotoá-la hei eu mesmo, começando pelos chapins, de joelhos ao pé

pequenino que primeiro me sugestionou no percurso da Espanha. Ésse pé que a trouxe até mim receberá a primeira oração de graças. Em seguida, caberá aos seios caricia tão suave como a do violinista mais divino ao mais estranho estradivário. A bôca, confrangida de enleio, será roçada pela aza branda de alguns beijos. Para logo, o vigor de quem mata a sêde. Pedirei às suas mãos que não cubram os olhos e aos olhos que dêem aos meus a paga de ver. Beijarei mais com ardor onde fôr mister ardor, com brandura onde se requiere leveza. Deixar-lhe-hei desatar os cabelos, pelo amor que tenho aos braços erguidos em asa, dando à euritmia do tronco o esgalgado das ânforas de Micenas. E, na brenha fragante, serei o raposo esfomeado triturando a tenra pombinha maviosa.

; Assim será... assim será!

O papá anuncia-me à-queima-roupa que vamos nas campinas do Sena. Ah!

Elsa virá à gare e, chamando-me *coco*, tapará minha bôca com beijos desentvergonhados. Sinto o pavor do homem honrado que, por estrada infestada de quadrilhas, vai carregado de dinheiro. Salteia-me a ânsia do ridículo e do afrontoso que poderão sobrevir em tal passo. Em frente, Genoveva não deixa de me dizer tôdas as amáveis vozes da ternura. Assim vou embalado entre medo e amor, e o ritmo do combóio torna-se o ritmo da dualidade que me disputa. Em meus poros, nas meninges, na espinha, passam vapores lentos, tépidos, de voluptuosidade levemente dolorosa. Amoleço. . . amoleço e invade-me uma sonolência doce.

Comigo fica Genoveva, mas nada de Paris, da terra. Vago acima das realidades. Corro após ela e, pôsto que meus tendões tenham a agilidade de Aquiles, não a alcanço. Quando vou a colhê-la, dilui-se num luaceiro de ouro que é o próprio sorriso dela. E' uma miragem. . .

Desespero-me, corro. . . corro, não a vejo mais!

Estremeço; parou o combóio.

— Quai d'Orsay! — exclama o papá ante mim, atónito.

Os aprestos de desembarque decorrem rápidos. A furto, busco e descubro no cais, acima da turba-multa que aguarda, as penas de avestruz do chapéu de Elsa. Desço a encoberto e esgueiro-me.

No pátio da *gare* soluço um adeus estrangulado, tão medroso como atrido, para dentro do automóvel que a leva.

— Até quando? — diz-me ela.

— Até breve!

A mão de Genoveva treme na minha; seus olhos interrogam os meus. É tôda a sua vida em suspensão.

— Até já! . . . Até já! . . . — torno a dizer.

Lá vai, santo Deus, lá vai a única, a inefável!

IX

Ausente com a ausente, eu ouvia, sem espécie alguma de relação, o trote psalmodiado do cavallinho que, lesto, arrastava o carro pelas ruas de madeira fora. Paulo e Gina discorriam — parece-me bem — sôbre o crime de satiriase praticado à beira do Sena, que ensanguentava os jornais. E, pelo assunto palpitante, me deixavam a sós com Geneveva.

Todo eu flutuava sôbre a grande emoção como uma fôlha sôbre as ondas. O que ia ali era, certo, o meu corpo, mas sem o sentido conexo de presença. Minha amante, meus amigos, boqueirões de ruas, esplanadas batidas de luz

eléctrica, vultos, eram imagens despidas de côr e de som em minha consciência entregue a um automatismo sem freio. Eram como uma representação fátua ante minha alma embriagada. Encontrava-me congestionado de um gôzo inefável, de uma volúpia suprema, como inflorescência, porêm, dum *eu* que não ia ali, que pairava longe de mim. Era *ela*, a sua imensidade que enchia «êste meu vago e infinito primeiro dia de criação».

Mal cheguei a casa, o meu espírito, um louco espírito dissociado em muito da personalidade, fremia à fôrça insensata de difundir-se para lá de sanção e medida. Parece que já não era bem esta cabeça que me assentava sôbre os ombros, mas a cabeça de um outro, afim apenas em corporeidade.

De ôlho desabusado, pus-me a seguir Elsa que atirara a estola de lontra e o chapéu pampa para cima do sofá e correrá ao toucador. Pela porta entrea-

berta, via-a em seu talhe fino de criptogâmica concertando as melenas, aparadas em crina sôbre os olhos consoante a moda, mas via-a por incidência apenas do olhar ocioso. Gina fôra após ela e, por detrás, à distância a que atingia o lume do espelho, dava dedadas furtivas ao penteado.

— Amigo Paulo, — disse eu abruptamente, na ligeireza dum impulso — venho decidido a romper com Elsa.

— Eim?

— Venho decidido a romper com Elsa — repeti. — Decidido... mas tenho receio e um grande pesar antecipado.

— Então?

— Você sabe, não se cortam sem ferro as raízes que uma árvore ou um coração deitam em alguns anos.

— Puh!

— O João Paulo que tem sido em mais dum passo o meu conselho de Estado podia ajudar-me...

— Eu?! Deite-a ao Sena, homem!

— Aí vem você! Se conhecesse a minha situação não mangava.

— Que se passa?

— Que se passa? Olhe, vejo-me à beira da ruína, sem apêlo nem remédio... Pode crer!

Ficou a olhar para mim, eu a olhar para êle e, estribado em meu propósito pôsto que sem movimento interior, acrescentei:

— Elsa custa-me os olhos da cara...

— A literatura...? Falhou?

— Não falemos nisso. Portugal está cada vez mais bêbedo de política e com menos gôsto de leitura. Nas horas vãs joga o dominó ou valsa. A população que lê satisfaz-se indiferentemente com Montepin ou Daudet. ; Como há-de, pois, medrar ali arte que baste àquele que a cultiva?

— Escreva fados para guitarra.

— Em suma, a prosa que manipulo não dá para os alfinetes de Elsa.

— Pobrezinho! ; Porque não compõe em francês? Experimente. . .

— Soubesse eu! Mas não sei; herdase uma língua com uma gêba de nosso pai.

— Julguei que Elsa estivesse bem escripturada. . .

— Está, mas nada lhe chega; é uma pródiga; gasta mais que a amante de um banqueiro judeu.

-- Para que voltou?

— Pregunte-me, antes, o que fui fazer ao meu país. Sabe para quê? Vender uma das terras que herdei, espremer a teta da vaquinha, como diz um irmão que lá tenho. A expressão é ridícula, mas traduz com felicidade o meu património, malbaratado por França e Aragança, bem magro, bem português. Aí tem!

— Pois se não pode, diga-o sem reboço a Elsa. Que compre um vestido a menos.

— Impossível. Ná, não quero abrir-

me como uma cancela a mulher nenhuma. Porquê? — dirá você. Porquê? porque as mulheres só nos respeitam enquanto nos não conhecem. Depois é um crime, crime imperdoável, sobretudo, para uma amante, não ter dinheiro.

— E' uma verdade onde cabem mil mentiras. Mas, ouça, há um remédio, case. O casamento — diga-se em abôno do estupor — é vantajoso em casos extremos.

— Com quem? diga-me onde há uma «burra» que queira casar.

— Não me percebeu. Você está entradote para cavalarias altas. Além d'isso brilha pelas qualidades negativas que fazem viver e morrer um homem despercebido das mulheres. Não é atleta, nem nenhum Adónis, nunca foi herói ou mártir que eu saiba. O seu nome de escritor é pouco. Só sendo viúva que recite Musset.

— Graceje.

— Nada disso. Quando lhe dizia de casar, era com Elsa. A pobre rapariga que tem por você fatacaz maluco aceitaria às mãos ambas. O amigo ganharia assim a diferença que vai de amante a espôsa.

— Não compreendo.

— É fácil, eu lhe mostro. Um amante tem apenas deveres, um marido direitos, não? Elsa ganha obra de dois mil francos; você torna-se *ipso facto* administrador de vinte e quatro mil francos ao ano. Não é má pechincha. Com pessoa, integrada bem no século, uma espôsa destas poderia ser uma mina.

— Vá para o diabo! ; Mais de vinte e quatro mil francos, gasta ela em pó de arroz!

— ;Donde vem o Pactolo?... Fale uma vez verdade: ; não há outras razões que o forcem a tão singular projecto?

— Talvez.

— Bem me queria parecer. Você é

português de mais para fazer contas . . . para descartar-se duma mulher só porque se arruíne.

— Realmente.

— Outra mulher ?

— É possível.

— Bonita ?

— De enlouquecer . . .

— Jovem ?

— Um botão de rosa . . .

— Rica ?

— Não sei, palavra . . .

— E' doido ! E' doido ! — e, depois de mostrar uma admiração muito irónica, quedou-se pensativo.

Eu ia trazer ali meu romance de dois dias — sem mêdo do vitupério, por coação de alma hipertrophiada e necessidade de desafogar minha imensa ternura — e, ante o geito mordaz, acanhei-me. Senti-me, ao mesmo tempo, escorregar para dentro de mim do êxodo delirante que me tomara. Genoveva, não obstante, que comigo andava, co-

migo veio. Aquela hora estaria ela, talvez, descalçando o pé pequenino que tão afoitamente se conjugou com o trilhinho de minha planta de batedor; afaçando os seios que arfavam por mim; beijando meu nome no livro que lhe dei. Que eu morava nela era mais certo que um Deus reger as almas dos vivos e dos mortos. Ela também morava em mim... moraria ora e sempre...

Elsa, de mão arteira e lenta, percorria a face com a «borla» do pó de arroz à cata do tom que lhe dava uma singeleza transparente de impuberdade; e, operação feita, mirando-se e remirando-se, com o *bâton* arqueou mais os olhos, deteve-se a avivar-lhes a expressão admirativa, muito celeste, onde a inocência duma gota azul nadava em alvaiade puro.

Eu seguia-lhe os movimentos com olhos enfadados, emquanto, inquieto, o espírito ia da outra, a inefável, para esta, a feiticeira. Entrementes, Paulo pu-

xava-me pelo botão do colete, chasqueador:

— Escute: ¿para que foi desinquietar a rapariga? Deixásse-a. O fabricante dava-lhe adereços de cinquenta mil francos, você já lhe deu sapapos.

— E' falso!

— Não é falso, não. Você é um galantim espartilhado em homem de letras.

Eu via crescer para mim, sarcástico, mas ameaçador, aquêlê bandalho com moral.

— ¿Você queria desatar sem remorsos, com elegância! — vociferava êle —. A necessidade das consciências lavadas!... Mas há um meio, um único meio, faça-se detestar, torne-se nauseabundo por fora, como qualquer homem honrado por dentro. Olhe... — e ajuntou a um alvitre obsceno uma horripilante gargalhada.

O chá apareceu neste momento, fumegando, toucando de névoa as figurinhas do falso china na bandeja bem

provida de gulosaria; e logo Paulo, com uma sem-cerimónia de *atelier*, se lançou sôbre os palitos *la Reine* que a velha Caldagués descera a comprar na confeitaria de Clichy, aberta pelas horas tresnoitadas a galdérias e rufiões.

— Que novidades nos trazes do teu país? — interrogou Elsa, vindo tomar a sua chávena.

— No meu país não há novidades; há perdizes, há uvas, há sol, e não estou bem certo se há homens — respondi eu, á idea fixa sucedendo-se, como era constitucional em meu temperamento, um escabelar de espumas.

Paulo deglutia com voracidade e, sob a fôrça violenta de difusão que latejava em mim, por muito tempo ri, entre Gina e Elsa, demónios adoráveis e zombeteiros, de mim, de Deus e do mundo.

Quando largaram, a Rue de Caulaincourt dormia sob o sudário branco do gás. Da Place Clichy, pulmão de Montmartre, subia o rumor espaçado da festa

nocturna. A Butte erguia na umbela fulva do reverbero suas empenas escalavradas, babilónicas, batidas pela asa de muitos séculos. Nos plainos rasos de S. Denis, as locomotivas apareciam e desapareciam, arrastando suas centopeias de fogo, na direcção da Alemanha, o país nebuloso da fôrça.

Onde eu estava, onde eu estava, ; tão longe de Geneveval!

X

Debruçara-me à janela a restituir a Paris aquelas semanas de ausência por minha terra descuidada. De horizonte a horizonte, a abóbada de cratera, raiada de negro sôbre a Butte-Chaumont e as colmeias densas de Grenelle e do Marais, muito ruiva sôbre a Ópera e o Panthéon, colorida para o Sena, afogava os astros do Senhor naquela noite estrelada de Novembro. A cidade monstruosa avolumava ainda mais, àquela hora, com o insulamento repetido, a perder de vista, de massas negras encavaladas sôbre massas negras, entre as torrentes de luz nas avenidas e os mares deslumbrantes das praças. Lá em baixo,

no rio, êste rio que lavou o sangue das revoluções e cuja água é escura e espectral como a história mesmo, as luzes dansavam uma dansa fantástica. Eram por miríades e, trémulas e liquescentes, chamas imóveis das que só suspiram e cachos de fogo que se derrama, umas correndo helicoidalmente, outras emergindo, mergulhando e farandolando, teciam ali uma noite prodigiosa de S. João.

Ao pé, o Louvre, cujos muros de muitos séculos resguardam tôda a civilização dos séculos, estendia seu volume de montanha. Fraldejavam os corutos dos Pavilhões de Flora e Mollien, delicados como rimas de François Villon, colossais como urcas normandas. Mais ao largo, em enovelamentos de sombras, as Tulherias branquejavam à minha representação, com deusas, ninfas e heroínas, erectas sôbre a areia pálida das alamedas e nos encostos aparados da murta. Ali amei e vadiei...

A Ópera, o *boulevard* mal rouquejavam de bronquio fatigado. Mas, ali de Montmartre, subia o eco rijo da ribaldeira, guinadas lascivas de violinos, clangores de charamelas, um evoé refrangente de vendaval humano em delírios sincopados. De tôda a planície, sem fim, a pulsação sussurante dum mar em modorra.

Pouco a pouco, vinham para mim e envolviam-me os tentáculos misteriosos da grande amante. Diante do pélago de ânsias e entusiasmos que estuavam nas dobras da noite, eu sentia-me descer ao pélago. Mais uma vez minha alma se lançava fascinada no formidável almofariz de almas. E disso retirava a dolorosa voluptuosidade dum soberbo vencido.

Tanto de eterno que tinha ante os olhos, e o só efémero da minha vida compenetravam-me da inanidade dos esforços, e da embriaguez que produzem os abandonos sentia-me embriagado.

Estava — é certo — de costas voltadas ao pano de céu que cobriria a doce Geneveva. Mas seu pensamento em meu pensamento começava já a toldar-se dos fumos azuis, muito ténues, dum doce sonho sonhado.

Elsa veio nas pontas dos pés, e enrolando-me os braços ao pescoço, poisou a face contra a minha :

— ¡¿ O meu lobinho está a scismar ? !

— Que tens feito ? — perguntei eu, depois de abanar os ombros em prova da fútil scisma que me trabalhava.

— Que tenho feito ? — A mesma cousa de sempre : de casa para o teatro, do teatro para casa. Ui ! fecha a janela ! Está um frio !

— ¡ Aborreceste-te menos que eu ! — murmurei empurrando as vidraças.

— ¡ Oh, que vida abominavel . . . ! vais ouvir. O director queria obrigar-me a fazer a foca no *sketch* novo da revista *o Polo Ártico*. Recusei e por um triz que não fui despedida. ¿ Sabes quem me va-

leu? o *jeune-homme* do *Gil-Blas* que ameaçou Delmont de lhe pôr a careca à mostra. ; Só queria que tu ouvisses os improperios que o estafermo vomitou contra mim, diante do pessoal todo! De galdéria para baixo, chamou-me tudo o que lhe veio à cabeça. As outras bem me diziam: Polaire fêz de urso; Simonne de galinha; a divina Raquel fez um dia de pata. Não quis saber; são umas invejosas, umas intrigantes. Agora o brinquinho é a Roselinde. ; Imagina tu a Roselinde com pantorrilhas de algodão e maneiras de criada de servir...! Estou desgostosa do teatro, muito desgostosa...

— O director é um larvado.

— Um macacão... ; Se me deixasses sair destas galés?! Passaria a vida a amar-te de joelhos...

Não percebi aquela voz destrembe-lhada.

— Sim, se consentisses em que largue o teatro... — reiterou ela.

— És uma criança! — respondi com o ar de mais piedoso desdém que me pode subir ao rosto. E, tornando-lhe costas, pus-me a girar na salinha silenciosa. Assim andei uns minutos de catadura hostil, até que fui para ela, pregada imóvel contra a parede, e disse no mesmo tom despiciente: — ; Lembras-te da trabalhadeira que houve para entrares no *Bouffes*?

— Deixá-lo! Estou farta. Tôdas as seduções da scena morreram para mim... — e, num gatimanco de galantaria, acrescentou: — Hoje só tenho uma, és tu.

— Bonito! Mas o teatro dá-te o que eu não possuo, 2:000 francos por mês...

— O teatro o dá o teatro o leva. Vai-se tudo no trajar... tudo. E para quê? Não me visto para mim, nem para ti; visto-me para a plateia, para que o *Bouffes* continue a ser o bordel mais chique do boulevard. Ainda ontem o director dizia à Corália, tu sabes, ; o ma-

quereau limpa-lhe tudo! Dizia-lhe: com saias dessa ordem, ó pequena, vai-se para o *Moncey*. Bem sei que não és milionário, mas o que ganhas sobrar-nos-ia. — E em voz intercadente, num tonzinho cantado, bamboleando a cabeça: — E eu prometo ter muito juízo... fazer os vestidos por minha mão... Não rias, os meus dedos já não estranham a picada das agulhas. Antes de entrar para o teatro, a minha costureira era esta tua amiguinha. ; E não era menos bela!... Prometo ter muito juízo... faço eu as compras...

— Não sei se deva rir, se deva irritar-me — atalhei bruscamente. — Anda aí meio milhar de raparigas a espojar-se nos lençóis de todo o jornalista, de todo o senador, de todo o bicho careta que tenha dez réis de importância para se mostrar num teatrelho, bater a perna num *cabaret*, ; e tu querias desertar?! ; Não, tu não falas sério!... Pode lá ser... Tu zombas! Se não zombas, é

porque estás com zelos da Roselinde, que aqui para nós é uma admirável artista. Não vejo outra explicação... ; Desertar dum lugar donde se vê Paris em baixo? És tôla. ; Por causa da outra ser o brinquinho? É o despeito que fala. Ou por causa de mim? ; Mas que sou eu? Minha menina, eu não tenho rendimentos. Portugal é uma vinha vindimada para escritores; Portugal lê hoje o que Paris cuspiu há vinte anos. Não há um Portugal do século xx, há um Portugal do tempo da casaca verde. Tôla!... tôla!...

— Não é por causa de Roselinde, não, juro-to pela luz dos meus olhos... É por causa de ti, só de ti. Queiras tu?

— ; E eu juro-te que não é por causa de mim! — exclamei com arrebatamento. — ; Mas que fôsse, não queria e seja dito uma vez para sempre! ; ; Irra, colaborar eu numa asneira de tal calibre?!

Elsa ficou de cabeça dobrada, silenciosa, os dedos trejeitando nos crisân-

temos roxos da jardineira. Eu corria e recorria o aposento, irritado.

— Que capricho... Consulta-te com alguém... ouve João Paulo...

— João Paulo!

— É um inteligente e lial amigo...

— ...que na tua ausência me fez a côrte.

— ; Ainda se faz a côrte em Paris?

— Não te escandalizas? — interrogou ela num repelão, olhando-me em face

— Não; conheço João Paulo como a bengala a que me encosto. É um excelente rapaz que deseja por ociosidade. Amador de almas, mais nada.

— ; E se te disser que fui sua amante?!

— Também me não espanta. O português gosta da mulher do próximo.

— Aceitasse eu! — e deixou-se cair no sofá, pensativa.

Continuei deambulando, cara estanhada, por uma reviravolta sôbre mim mesmo o pensamento em Genoveva, a

enleada inocência. E, em meu êxtase interior, ouvi a voz teatral de Elsa.

— ¿Onde está o ciúmento com figados de tigre?

A velha entrou, deu uma volta de mão ao quarto de dormir, outra à saleta.

— *Le petit déjeuner?* — interrogou ela.

— Às 9 horas em ponto — respondi eu.

— Estás doido. São quase 4 horas. Às 11, M.^{me} Caldagués, às 11 — proferiu Elsa, indignada.

Passamos à alcôva, alegre de todo um mobiliário simples e cómodo, à bávara, a chaminé e paredes aquecidas de bugigangas arrebanhadas por mão amorosa. O Cristo de Morales, à cabeceira da cama, falou-me com enternecimento do trajecto de Espanha e da inefável Genoveva.

Silenciosamente, procedi às cerimónias do deitar. E, silencioso, acendi um cigarro e meti-me na cama. Recostei-me

a pensar na outra e meus olhos poisaram sôbre Elsa que se despia. Em silêncio, também, tirou ela a blusa, a saia que lhe dava, em união com o corpete, a linha justa de campainha veneziana, e desatou os cabelos. Preguiçosamente lhe escorregaram pelas espáduas como uma chama ondulosa, muito rútila e aromática. Em calças de sêda preta, meias duma transparência de teia de aranha sôbre o sapato de fivela, uma fronte de neve pura, não era a actriz farçola do *boulevard*, mas um dos efebos que albergava minha imaginação. Em suas formas e seus membros enxutos de *fausse-maigre* não havia traço de libertinagem. Era rija, fresca, voluptuária, desta voluptuosidade que encerram as virgens na sazão de romper. Vista ao espelho, suavemente ordenando o penteado de noite, dir-se-ia uma mulherzita, uma carochinha de espôsa que ainda dormisse nos primeiros lençóis de noivado.

Espiando-lhe os gestos, lânguidamente me iam penetrando os eflúvios que derramava seu corpo luxurioso. Ela, apercebendo-se de que era observada, disse a rir :

— Estou uma velha . . .

— Se o estivesses, não o dizias — respondi eu, rindo também. — ; Vais entrar nos vinte e cinco, não ?

— ; Upa, upa, vinte e sete ! — e ficou a olhar-me muito parada, as mãos suspensas nos cabelos.

— Estás uma criança — tornei eu num trejeito, automaticamente.

— *Mon petit !* — exclamou ela, acercando-se. — Que tens tu ? Tu não és o mesmo . . .

— Não sou o mesmo ? É boa ! . . .

— Não és, estou a ler na tua alma ; é outra ; não é a minha alma.

— Que diz a intrusa ?

— Não sei . . . Tenho medo de não me enganar. Mas sossega-me, Deus do céu, sossega-me.

Pus-me a animá-la, passaritando-lhe a nuca de beijos:

— És uma doidinha!

Ela escapuliu-se-me dos braços:

— Até os beijos são outros... São como os beijos que se mandam nas cartas... que não sabem à bôca. Não... não...!

— Amiguinha, — disse eu, com olhar simuladamente chocarreiro — não estou para aturar as tuas insensatas crises de nervos. Chega à cozinha e quebra dois pratos.

Elsa torceu a cabeça, os lábios, arqueou a omoplata direita, e vagarosamente volveu a pentear-se. Fingi enterrar-me nos lençóis até as orelhas e reparei que as lágrimas lhe vinham aos olhos. Acometeu-me o desejo de sair da cama, cobri-la de carícias, pedir-lhe perdão do que maquinara contra ela, mas o orgulho — só o orgulho — deteve-me.

Chorosa, de mão subtil, Elsa ergueu

finalmente a dobra da roupa e, humilde quase, murmurou :

— ¿ Já me não amas ?

— Amo.

— E sempre ?

— Sempre.

— ¿ Da raiz do coração ?

— Da raiz do coração.

— Amas-me, como quê ?

— Como quê ? Como a absoluta, a incomparável.

— Tinhas uma imagem : do amor do leopardo à leoparda.

— Do amor do leopardo à leoparda.

— Mas estou inquieta, não sei porquê. Ouve, meu amorzinho : o ano passado, sofrias vendo o meu grande apêgo ao teatro. Lembras-te ? Foi na época em que desempenhava a *Casque d'or* na *Poudre d'Escampète*. Não havia modo de te resignares a ver-me sapatear de gaze na cinta e pernas e peito ao léu a *Bousse-bousse*. O belo escândalo que fizeste na *première*. Tinhas ciúme de

tudo, até mesmo da tua sombra. ; Não dizias que os olhares imundos da platea eram mil farpas de besouros ferrados em teu coração? Hoje, mal te falo em abandonar o teatro, indignas-te: digo-te que teus amigos me requestam, graças. ; Tenho ou não motivos para estar suspeitosa? Depois, sabes, quem ama dispõe da segunda vista, essa que lê nos corações amados através do tempo e do espaço. Teu coração engana-me... — dizendo o quê, alçou o dedo em blandidiosa ameaça.

— Loucuras, Elsa. Sou o mesmo, o mesmo!

E, como continuasse a chorar, envolveu-a em meus braços, vencido, dominado por aquela tão bela fragilidade.

— Espera... — e, acabando de despir-se, jovialmente já, entrou na cama.

Ante aquele corpo tépido, amoroso, ligeiro, duma ternura não mentida, esquecendo tudo, cedi à vertigem que de muito longe me levava.

MAGA DAS RUAS

THE END OF THE WORLD

Maga das ruas

I

Vivia com sua mãe, em Paris, uma rapariga especiosa de corpo e de maneiras e que se entregava ao mister da vida airada. Paquerette lhe chamavam os adoradores porque seu talhe era esgalgado mais que natural, e tanto mimo e graça havia em sua cabecinha loura que parecia uma aparição indivisível de mulher, flôr, nascer do sol num jardim maravilhoso de Le Nôtre.

Com tão peregrinas galas, Paquerette triunfava nos lugares de prazer, e seus amantes eram muitos e de qualidade. A mãe, que em tempos ao rés da pavana exercera a profissão, explorava

com avisado tacto a formosura da filha, se bem que esta fôsse de natural perdulário, mais duma vez preferindo à opulência dum, que lhe desprazia, a penúria doutro de que se namorara. E esta balda fornecia o tema das desavenças entre a velha interesseira e a moça louquinha a dar-se.

Ainda que sua indústria fôsse de soltura, a mãe a regia e corrigia como rigorosa aia, não desse ela em presa de rufião, ou — tanto monta — de incompreendido poeta ou pintor sem disciplina no pintar. Porque é por êste canal que em Paris, e no resto do mundo também, as mulheres escorregam à miséria negra.

Mais duma vez, sentindo contrafeito seu capricho, uma feia palavra de impaciência lhe vincava os labios, tão rubros que os distingia a côr mais rubra:

— Safa! Carraça assim, nem o diabo do inferno!

Por comodidade de comércio, entre elas foi pactuado que a mãe se faria in-

culcar como mana, sob nome de emprés-timo. Eram na berra Leo e Paquerette. Desta guisa, participava a velha da generosidade dos galãs, já por ceias, mais dispendiosas que a boda dum homem honrado, já com espórtulas de «conso-lação», quando a carruagem, à boqueira das vivendas, depunha a franga e re-conduzia a alcofa. Os ócios do officio passava-os Paquerette enlanguescida na cama ou estirada no divã, de papinho para o ar e perna ao léu, em cruz, a queimar cigarrilhas turcas ou a ler os Pierre Louys, emquanto Leo lhe cosin-hava, sôbre a tripeça de alcool, um prato frugal. Ostras, se era a sazão, uma costeleta de *pré-salé*, salada, e dêstes queijinhos suíços que parecem dedais de coalho embebidos em essência de nardos, perfaziam seu comer particular.

Tinha alvos dentes, bem emparelha-dos, unhas côr de rosa com faíscas de neve, trajos de doutorais costureiros — que houvesse guerra, que houvesse paz,

se subvertesse o túmulo de Napoleão ou Fallières, Paquerette ficava Paquerette.

Ora sucedeu, certa noite, a mocinha encontrar num dos bailes de folia um jovem estrangeiro, cujo semblante se lhe afigurou doce, sobelo melancólico, e muito distante dali. Ficou-lhe uma suave pena a trabalhar o instinto de deliciosa, até que, fazendo-se encontrada, lhe disse:

— ¿Andas triste, meu amor?!

Ao que o mancebo respondeu que se triste andava era de buscar, sem grande esperança, a dama gentil de seus sonhos; mas que mais triste não seria se, tendo-a diante de si, ela lhe aceitasse o braço.

Quedou a môça desvanecida com resposta tão lisonjeira e discreta, sendo velho que uma parisiense se conquista com um bom dito, tal como a fortuna com um jeito acertado. E dansaram incomensuráveis mazurcas, *scotisch* e mais dansas de estreito toque, sem ânimo

de soltar o involvedouro forte de seus braços.

Num intervalo, afinal, de repouso para charangas e bailarinos, apresentou Paquerette a mana ao cavalheiro, em cujos olhos castanhos, com fugacidades de ouro, espreitava um tigre, o tigre com que às vezes sonhava e que temia. Convidou-as êle a amesendar ao *bar* e, entre os goles do sorvete de romã, soube ter palavras galantes para a decrépita hetaira, num tom que estava muito longe do desfolhar flôres sôbre uma campafria. Ela, cujos regalos estavam reduzidos à morfina e ao migalheiro, gozou daquilo e condescendeu. Soubesse que não soubesse, applicou o estrangeiro aquella lei, antiga como Eva, que para empalmar a môça se corteje a velha. Leo meneava a cabeça no geito amável do descarte, mas pôsto que tais matronas affectem não tomar a sério as amenidades que lhes rendem, em seu fôro interior cativadas ficam. Leo,

como tôda a mulher que escuta, escutava com aquela sua personalidade que foi ou que devia ser e não com aquela que era em realidade. E Leo deixou de ser Leo, perdida a sua contumaz coragem de se impor às doidices da opiniosa.

Paquerette, de pronto, palpitou o ascendente do estrangeiro e, tornando aos folguedos e às dansas, como o desejo trouxesse os poros dum e doutro, por baixo das roupas, em latente conjunção, êle convidou-a a pernoitar em sua morada e ela anuiu de bom grado.

Quando cerrou portas aquêlê estabelecimento de prazer, de braço dado se foram ao *Rato que não está morto* a cear. A' puridade, disse Leo para Paquerette:

— ¿ Vais com êste senhor?

— Vou.

-- Parece-me um perfeito cavalheiro, mas príncipe não é.

— Deixá-lo . . . Simpatizo com êle . . .

Assim succedeu; à porta da casa mobilada, o cavalicoque magro de fiacre, de chouto rezado, depôs Leo que recomendava:

— Volta cedinho, Paquerette, volta cedinho!

E lá foi, batendo asas e debicando-se, a pombinha louca.

II

Era quinta-feira, descia do Arco do Triunfo o Rei do Cambodja, e tôda a manhã e tôda a tarde levou a alcaiota a esperar. Como, contra a sua norma, não inquirira dá residência do estrangeiro, absurdo se tornava ir em busca de Paquerette, muito embora lho pedisse a mais frenética ansiedade. Apenas sabia que morava no bairro distante de Passy, onde o Sena põe o maior disvêlo em esconder um corpo satirizado. Cheia de torpes preságios, se dispunha recorrer, em queixosa, ao primeiro pôsto, quando Paquerette se mostrou pela mão do amanté farfalhuda e feliz. As lojinhas de comestíveis rolavam já a corrediça,

os mandarins do cortejo rial sobraçavam já sua *cocotte*, e pareciam êles dois noivos muito frescos e jucundos que voltam de noivar.

Desde aquele dia, com funda repugnância da velha cortesã, passaram os dois a viver juntos e, inseparáveis, a frequentar os lugares amáveis do pagode. Nisto se comportava Paquerette com um sizo e uma fidelidade que fariam sombra às burguesas prudentes. Suas relações antigas compreendiam e, suspirosas, tácitamente respeitavam.

Em regra, depois de folgarem todos três pelos botequins cantantes, os bailes e as pocilgas em que é de tom o gentil-homem acotovelar o grilheta, se repar-tiam a altas horas, Leo para o hotel, o par para o ninho confortável, que ouvia a música dos melros no Luxembourg. E a sua beatitude e o seu affecto não sofriam nódoa nem cançasso.

Do novo estado de cousas se declarava Leo, apenas, queixosa, não ouvin-

do tilintar sôbre o mármore da chaminé os pingues napoleões, os reluzentes luíses, mesmo as ventradas rodas de cinco francos. E mais duma vez Paquette a mandou à tabua, ouvindo-a amaldiçoar aquele aconchêgo que tinha de estoirar pela fome negra.

— Como pode agüentar-se êste moçinho com quatrocentos francos por mês?! — exclamava Leo.

Entrementes chegava a primavera que, se não veste de novo a cidade, despe e veste as mulheres. A atmosfera perdera o tom sujo de esponja que desencardiu uma tenda. Em sua frialdade de zinco novo redoiçavam já nuvens brancas. Breve o sol, baila que baila nas águas verdetes do Sena, estalava em mil coriscos no zimbório dourado dos Inválidos, e envolvia num Sinai o bojo branco, divinal, do Sacré-Cœur.

Da cintura, a todo o âmbito da cidade, rescendiam já até à própria rua

perfumista de Saint Honoré os aromas das matas inflorescentes. Ao toro duma daquelas carvalhas, que deram sombra ao bom rei Dagoberto, é de crer que o fauno mais desejoso tivesse soltado o primeiro guincho lúbrico. A moínanta viciosa das ruas esperluxava-se diante dos homens, como só para seus machos as pardalocas, nas cornijas dos estilos reais.

Certo, lá ia o inverno e de felina que era, encasulada em peles fôfas, a parisiense desabrocha em vestes ligeiras com o desabrochar do lírio nos vales. E' a sua função com o sol irradiar as fragrâncias tôdas; terá de romper com a virtude, amar o desamável, mas alcança.

Naquela primavera, como sempre, caíram em desuso, com a revinda do bom tempo, os belos trajos; foram mesmo precipitados no ridículo, havendo-se saltado da estreiteza mais absurda para a largura mais cómica. E Paque-

rette, para quem a revolução das estações nunca fôra mais custosa que responder à missiva dum cobiçoso, sem posses para renovar o guarda-roupa, começou a viver em província no coração, mesmo, de Paris.

Com sobreceño de menosprêzo, se bem que ralada de grande e secreta mágoa, renunciou aos pequenos paraísos onde o luxo dumas e garbo doutras justam para o mundo baboso. A cada passo, havia uma festa, uma exposição, um caravanserai, onde se admira e se ama, e onde, raro, aos sequiosos de inédito falta o pomo sumarento. A Bagatelle albergava nêsse ano a pintura das preciosas, desde Wateau a Vigée-Lebrun; no monte Valeriano casacas verdes do Imperador vinham ao sol; o Grand-Palais, como uma tulha de José do Egito, rotundo e enorme, abarrotava da fertilidade da arte, todas as côres, todos os barros, tôdas as linhas; de Ninive, afrontada, ao gôsto catita, para

além-mar. Estas cousas, absurdamente pareciam passar, existir, sem se darem conta da ausência de Paquerette. E muito se ressentia a deliciosa que o fio dos dias vergasse, assim, ao pêso das diversões para os outros que não para ela. E para honestamente se dar em espectáculo ao *boulevard*, seus dedos preguiçosos — aqueles dedos que só sabiam beliscar a bochecha dos galãs e embrenhar-se-lhes pela cabeleira como ratiños vivazes — se deixaram morder da agulha a reformar os arcaicos e sumptuosos vestidos que alvoroçaram os bailes.

Providencialmente, a mamã não esquecera a primitiva sabedoria do aça-fate de costura. E, pelo que viam exposto nas lojas dos mercadores, ambas concertaram maravilhas de leveza e de graça.

O tempo, porém, corre mais depressa que um ladrão que tem mêdo; breve deliram as sêdas e marearam as rendas de Bruxelas no corpo esgalgado de Pa-

querette. E, pouco a pouco, se foram afastando do bulício, fora do qual se representa aos figurantes que não há atmosfera respirável. Se não fôra as drogas que, por vicioso arremêdo, tôdas as manhãs se barrava na face, o espelho segredaria a Paquerette que morava na aldeia e era a menina do senhor *maire*.

Quando na rua se lhes deparava um dos seus soberbos adoradores, Paquerette enleava e, em voz trémula, se despedia como selvagem ou Madalena arrependida. Por vezes, uma sugestão forte conduzia-as àquelas paragens, em que a luxuriante triunfara. Faziam-no, então, com a covardia de foragidos que matam saúdades, nas sombras a face de ambas irreconhecível sob véus espessos. Bem lhe repetia Leo :

— Larga o gajinho !

— Não.

— Ao menos vai à entrevista do papá Méritac...

— Não e não !

Leo, perante estas respostas, duma lialdade tão insensata, soltava a sua interminável e contundente cega-réga de queixumes; e, se queria esconjurar a lembrança dolorida do tempo em que a lubricidade dos homens doidejava em tórno de si como uma falena louca, forçoso lhe era soltar o pé de meia na hervanária do canto que, a par das especiarias, largava morfina às toleradas. E, pôsto que seu instinto de avareza fôsse mais afiado que as unhas dum abutre, sobrada razão lhe reconhecia Paquerette perante as migalhas minguantes, acumuladas para erguer num rincão da província o sonhado palacete duma velhice respeitável. Leo era, naquele marasmo de vida, o *orgue de barbarie* gemendo, chorando a eterna moliana duma mofina imperdoável.

III

Sob vislumbre de economia, o casal retirou dos aposentos que devassavam o Luxembourg, tão alegre dos pássaros e rescendente das flores e dos beijos nas sombras solitárias, indo instalar-se na casa mobilada, em quarto que comunicava com o quarto de Leo. Esta cozinha já as duas refeições sôbre a lâmpada de essência, as ervilhas baratas, as cenouras de mólhada a trinta réis, as batatas fritas quando não iam comprá-las a Madame Violet que, na esquina da rua, tinha uma caldeira delas a referver em sebo de ovelha, para marçanos e *midinettes*. E recebiam fiado do padeiro e do talho.

Já os piemonteses haviam transposto os Alpes com a sua sacola e, instalados nos ângulos, barbaçudos e negros, gritavam de sôbre o braseiro :

— *Marrons chauds . . . chauds !*

O segundo inverno ia passando, enrolados êles como gatinhos novos, a dois passos dos grandes sarambeques, os nervos em espartina febril dos guinchos lascivos dos violinos, e das luzes, bailantes, de mil côres, dos estabelecimentos em festa. Leo custeava de seu bôlso a despesa do fogão, porque seus membros lassos e seu sangue pobre não sofriam a temperatura inclemente, quando a neve converte cada quarteirão de Paris num alteroso mausoléu branco. Paquerette e Armando enganavam o frio e exerciam seus regalos com quedar na cama até entardecer. A velha levava-lhes a refeição que êles comiam dum só prato, ávidamente, esfomeados como ganhões ao fim do dia. E não despedia que não largasse um

remoque àquele casal de bacorinhos. Eles refocilavam, galhofeiros, sob os lençóis amarfanhados.

Viviam na imobilidade, como recurso ao desgaste. Apenas em vésperas de Natal, que é de Paris a quinzena mais terna e perfumada, arriscaram pé na rua, nesta súbita febre de ar livre dos encarcerados. No *boulevard*, os bufari-nheiros tinham erigido suas tendas e, humildes, vendiam aos humildes o *nougat*, o gergelim, o pão de chocolate e a fatia de côco brasileiro. Pelo asfalto sem fim, até onde pode tentar-se a gula da costureirita e do gaiato, se estendiam em linha, a vante das lojas orgulhosas. De permeio, mandingueiras liam a *buena-dicha*, rapsodos maltrapilhos cantavam em còro sôbre uma harpa velha, mais além, num círculo largo de basbaques, os atletas, cingidos por malhas berrantes, punham tôda a lábia e tôda a gana a pulverizar seixos a murro e a florear com mirabulosos alteres.

Uma atmosfera violeta, sem uma ruga, imperturbável como pálio aberto de sêda fina, envolvia tudo. E do turbilhão desprendia-se uma suavidade, esta quási endoença espiritual que certos dias do ano trazem aos sêres e às cousas e procedem menos da voz do calendário que da difusão elementar, por terra, céu e almas, duma quietude suprema, transcendentemente benigna.

Para Paquerette eram estes dias de sensibilidade como os dias da canícula. E, debruçando-se sôbre o passado, quando, mulher cara, se não acanhava de enlamear os sapatinhos em frente do mostrador dos vendilhões, com voluptuosidade aspirava o bafo da rua alegre e barulhenta. Ao roçar, porêm, a onda sedosa de peles, de arminho, de marta, do roedor cauto da Asia e do Alaska, nas outras mulheres, ela, que fôra das mais casquilhas, amargamente chorou sôbre si, sôbre a sua pobreza sem honra.

Boulevard fora, da *Magdeleine* à *Porte Saint Martin*, os mostruários exibiam a orgia romana de mil festins: galeras de chocolate, soldados de caramelo, quadros vivos que envergonhavam a esbelta fantasia dos escultores de Estado. Galinhas trufadas punham de cócoras, em corbelhas sibaríticas, ovos cheios de licores e filtros de cair de gôzo. Ninhos de andorinhas para canja, tartarugas decepadas, gamos alertas, peixes do Ponto, tôda esta insolência mostravam os confeitheiros para desespero dos famintos, só lhes deixando o consôlo — çhalaceava Armando — de que tais iguarias arrombariam a máquina até a quarta geração. Mas o impudente desafio, o aroma, a forma e mais que tudo o sentimento do inacessível arrancaram lágrimas a Leo, e deu-lhes vontade, a êles, de trocar o estômago são contra os dentes podres dos ricos.

Breve regressaram à casa mobilada, molestos entre si e com o mundo. A dis-

persão exterior deprimia-os, tornava-os surdamente ferozes um dia inteiro. Mas vinha a noite apaziguadora, como um valo aberto entre o presente, muito dêles, e a vida exterior de vagos «alguêns». E reingressavam à beatitude dum amor farto que mal se apercebia da mesa falha.

Com impaciência, era aguardado o fim do mês em que a mão paterna, pontual, remeteria os quatrocentos francos da pensão. A correspondência com o país distante não era tão regular que o cheque se não atrasasse horas, mesmo dias. Esse lapso de tempo era infinitamente trágico para êles. O senhorio esperava-os ao descer da escada, o pai-deiro servia-lhes pão sedição, os fornecedores todos afivelavam uma máscara impiedosa de carrascos. Chamava Paquerette a êsse intervalo *a bôca do inferno* por lhes mostrar, em sua ganga, os veros *rictus* diabólicos dos homens com que lidavam. Mas chegava a me-

sada, e as faces hediondas sorriam solícitas e corteses mal os dedos compridos do amante estendiam a êste e àquele a bela nota azul de cem francos. A *bôca do inferno* não a fazia chorar nem ranger os dentes, predispunha-a a trautear na Aria dos Lampeões a canção do *On s'en fout*.

Pagando o que deviam, mal ficava fôrro com que ir gozar uma noite aos teatrinhos provinciais da margem esquerda. E, na madrugada do dois, ansiavam já pela revolta do dia um.

A' medida que esta união se dilatava, Armando foi trazendo os amigos, compatriotas todos, porque o estrangeiro se ama a francesa e é amado, cordialmente detesta o francês e é detestado. Com êles vieram os empréstimos no patamar e os chás servidos, em boémia roda, em chécaras de Limoges e covilhetes rústicos da Bretanha. E um pouco de vida entrou nos aposentos sórdidos da casa mobilada. Sôbre a pedra do

fogão, estadeavam retratos e daguerreotipos da família de Armando, uns cheios de gravidade e de barbas, outros de pulcritude e cabelos soltos. Paquerette, com um sorriso a prevenir do provável sorriso interior dos convivas, dizia:

— Aquela menina de bata é minha cunhadinha mais nova; bonita, não? Aquele senhor muito sério é o papá.

Com o tempo e a confiança que se estabeleceu entre êles, Paquerette recebia no leito, os cabelos muito louros esparsos pelas espáduas nuas, os lençóis a cheirar a luxúria. E havia um sumo deleite em ver aquele rosto menino, sarapintado de drogas, com mascarras cómicas nas bochechas, da bôca morosa do amante.

Fins de inverno — serigaitas viciosas vendiam já *muguet* pelas ruas — Armando recebeu da família ordem de regresso. Como amasse, pediu que sua estada fôsse protelada, não havendo

ainda tido tempo de se instruir nos segredos e na língua da côrte francesa. Os pais, porêem, foram inflexíveis e, ao tempo que lhe creditavam a passagem, lhe notificavam que nem mais um sôlido lhe serviriam de mesada. O môço leu as muitas sentenças, que bordavam tão inopinada decisão, sôbre a influênciã deletéria de Paris nos espíritos inexperientes, e sôbre o valor do dinheiro, de rosto anuveado e voz tartamuda de angústia.

— Fica ! — disse-lhe Paquerette. — Queiras tu, e dinheiro aparece. . .

O môço compreendeu e, resolutto, redarguiu :

— ;Primeiro me deitaria eu ao Sena !

Leo interveio, tentando fazer perceber àquella criança que amor pago não é amor, nem infidelidade, tão pouco, a acção que se comete em virtude dum negócio e não de deliberado gôsto. Ele, porêem, encerrou-se em seus escrúpulos selvagens, gritando :

— Já disse ! ;Primeiro me deitaria eu ao rio ! . . .

Foi ali o dia de juízo; rogos, desesperos, injúrias e unhas pelearam com sanha brava. O *concierge*, que, na cidade das revoltas, é um indiscutido e intangível soberano, acudiu e aplacou-os com o invocar o direito ao sossêgo, dos mais locatários. Serenando, decidiu o môço escrever às manas a contar-lhes, de coração nas mãos, seu grande romance de amor. Como documento elucidativo e carinhoso lhes enviava, também, o retrato de Paquerette do tempo em que Paris era dela, e ela louca, maviosa célula do grande monstro.

IV

Chegou a fase do enforcado das grandes terras: romarias seguidas ao Montepio, empréstimos humilhantes, cartas aos antigos adoradores de Paquerette, ora pela mão mendiga de Leo, ora pelos dedos breves de Paquerette. Leo, por fim, escancarou também a bôlsa, porque o estrangeiro prometeu-lhe uma casa de campo, com vacas taurinas a pastar no relvedo e pombas meigas — das que arrulham nos beirais e veem comer ao regaço — para quando fôsse senhor da legítima, o que não podia tardar estando o pai, gotoso e morfanho, a dar o tombo no seio de Abraão. Como boa francesa, deixou-se seduzir pelo «para quan-

do» que está do outro lado da realidade e que, pelo perto, é a mesmíssima coisa que estar do lado de cá. Mais *raisonneuse* que *raisonnable*, pela razão mesma de sua índole prática acreditava em granjas e em vacas, e sua boa fé arruinou-a. E graças a ela, as semanas rolaram sôbre as semanas, num desfile manso de dias outonais, cheios de langor e de sombras.

Do país de Armando, impiedosas notícias chegaram afinal. As manas, falando-lhe de tacões altos, davam-lhe formalizadas tratamento de senhoria e juravam riscar o nome do irmão, para todo o sempre, se êle teimasse em lhes meter à cara a mulher perdida que não tivera pejo de se deixar retratar com metade do peito ao léu e a perna à mira até à joga! O môço nem lágrimas teve para consolar-se.

Expediente após expediente, veio a mudança sub-reptícia de casa, chamada desde os tempos imemoriais dos truões

e ribaldas *déménagement à la cloche de bois* porque não dá mais alarme que um chocalho de pau. Gisou-a Leo, experta na alta móina de Paris e os compatriotas do môço emprestaram seus ombros para aquele lance de galharda pagodeira. Quando pela alva, alcançaram a nova morada, num dos getos da capital, caía um molhinheiro de finas e álgidas paraganas. A atmosfera era dum breu hediondo, um breu que se podia palpar. Através da vidraça búcia, não luzia nem céu nem terra, e aquele quarto, tapetado de papel sujo e rôto, com estigmas de crime e de amor, inomináveis, adquiria uma obsidiante subjectividade. O môço deitou-se sôbre o catre a soluçar. Paquerette cingiu-lhe o pescoço de seus braços, a rir, a rir tresloucada:

— Mas que tolinho! ; não achas isto patusco?

Chorou êle por muito tempo até que a luz dealbou a cumieira das casas e pôs a nu a goela funda da rua. A per-

der de vista, atropelava-se tôda uma judiaria antiga, com empenas e chaminés mais emmaranhadas que um bosque. O tom limoso dos séculos, sôbre o negro das ardósias e o vermelhão das telhas, fazia do alcandor todo uma pele de salamandra esburacada. A poente, a tôrre de Clovis dominava e tinha um ar bronco, aborrecido, de ver passar os séculos com asa ligeira. Uma das suas ventanas deitava para o bairro; e na sua voz rouca intimava, ainda, a tavalagens e oficinas do bairro, o *couvre-feu*. Saint Médard, com uma feia corcova de velho, agachava-se a todo o fundo, e a tacaniça duma casa aguda, ao gôsto normando, escondia a graça das tôrres de Saint-Etienne e a orgulhosa cúpula do Panthéon. O mais era um panorama persistente, fechado a todos os pontos por um céu baço, de destroços inextrincáveis.

Era o seu ninho de corujas. E ali, no meio da bafoeira nojenta das mansar-

das, a vida recomeçou para êles atribulada e cheia de saltos. Na casa mobilada haviam deixado grande parte dos haveres mas, em compensação, achavam-se forros de mais de dois mil francos que deviam ao estalajadeiro e lojistas do bairro. Estavam, porêm, na míngua, sem mais que empenhar, e a melancolia, senão o enfado, pairava sôbre os amantes como as grandes asas dum avejão negro. Aquela existência tinha já dezasseis meses de dura, o que é o infinito no vôo duma borboleta como Paquerette. E no entanto, se mais ralos, não eram os beijos menos quentes nem menos voluptuosos que os da primeira possessão.

Ante os incitamentos de sua mãe e sob capa bem lançada, decidiu-se, afinal Paquerette, na esperança de cinco luíses, a visitar o papá Méritac. Era êste um senhor de indiscutida honorabilidade, membro da Academia de Sciências Morais e Políticas e, por cuja mão, corria o prémio anual de Virtude. Um livro

célebre *La chasteté et le droit à travers les siècles* içara-o ao Instituto e à glória. O mundo mascava em traduções, interpretações e plágios, a obra copiosa e sábia que construía sôbre o pudor e honra feminina os alicerces da sociedade policiada. O papá Méritac compunha também em redondilha maior poesias de ingenuo lirismo, de muito gasto nas escolas de meninas, ao fechar de portas para férias.

Paquerette conhecia-o da igreja de Santo Eustáquio, onde, nos seus tempos de falena, ia a miúdo suplicar à Virgem que ao seu corpo não estragasse chaga nem mal de Vénus. Pistando-a de longe com olhinho libidinoso, pelos longos *boulevards* fora, Paquerette julgou-se a caça dum dêstes príncipes da Igreja, em incógnito, que fazem das amantes virtuais princesas. Não, era um «Imortal».

O papá Méritac exigia pouco e galar-doava generosamente. Era, em amor, um saúdoso.

Paquerette, solicitada ora e sempre, anuíu ao prazo-dado e durante a ausência, duas horas bem medidas, Armando sobreveio e imediatamente inquiriu do caminho de sua amiga. A velha respondeu com evasivas, o costureiro, a prima, mas vendo-o arrancar para ela de punhos crispados, se tomou de mêdo e, em voz pastosa de lagrimas, contou a história do peçadilho. E patética exclamava :

— Doido! obcecado! ;ç que não compreende tanto amor, nem as exigências duma menina de Paris!?

O estrangeiro escumava e rangia os dentes; e, quando Paquerette entrou mole e coberta de bagas de suor, despediu de súbito sôbre ela e lhe ministrou daquelas sovas com que em sua terra se regalavam as criadas malfazejas. Paquerette, recobrando ânimo, agatanhou-o, mordeu-o no nariz e vibrantemente declarou que não viveria mais uma hora com semelhante pele de asno.

Os trastes, desde o armário de espelho à mala de lona que lhes restava, foram revolvidos, esvaziados, e no monte se pôs Paquerette a fazer a trouxa dos manaixos. Poucos eram, saias reviradas no tintureiro, blusas encolhidas das abusivas lavagens, uma ciganice de roupas brancas para tornar odioso o mais imponente e afrodisíaco corpo de mulher. Paquerette, porém, revolvendo aquelas ruínas, não sentia sua vileza. A cólera da afronta e, sobretudo, o pesadume de romper tornavam-lhe os olhos cegos e o jeito maquinal. Disposta aquela desordem num pacote de farrapeiro, acocorada ainda, espraizou o olhar, e, ante a fotografia que, na pedra do fogão, testemunhava um duo de imarcessível amor, disse:

— Aquilo racha-se.

Longínqua de tudo aquilo, com uma lágrima incompreensível suspensa dos cílios ruços, Leo plantava no seu vestido melhor, de seis modas, a moda no-

va. Paquerette pediu-lhe a tesoura e ia a cortar, mas o amante filou-lhe o braço, de salto.

— Larga-me; quero a minha metade!
— exclamou ela.

— Não.

— Larga-me! Entre nós acabou tudo...

— Mimi, perdoa!... Mimi!...

Viu-lhe os olhos que choravam e, mais rápida que o pensamento, sua alma transitou da cólera para o desprêzo, do desprêzo para a compaixão, da compaixão para a humildade.

Chorou êle, chorou ela, chorou a velha, e das fezes de tanta lagrima ressurgiu um amor redivivo.

A partir daquela memorável tarefa, o sentimento de Paquerette para com o môço adquiriu qualidades de submissão que não tinha; até ali Paquerette fôra Paquerette, exercendo a missão de distribuir-se, gozar, viver a vida com esta simplicidade de instinto que arrasta

céus fora uma andorinha a voar. No amante distinguia, apenas, a parte que a completava na sua noção mais possessiva de gozosa. Agora ingressava na sua moral própria de subalterna; êle era o forte, êle era o senhor.

Sob esta fase nova, o amor de Paquerette firmava-se em novas raízes; amara como igual, amava como fêmea. E, por motivos correlativos de conformidade, suas largadas, à socapa, repetiram-se. E a elas correspondiam as disputas ferozes, em que entrava o sopapo do môço, o alfinete do chapéu de Paquerette e a inevitável reconciliação de amor retemperado.

A vida, assim, mediante as verbas extra-conjugais endireitava, se em tórno da garganta a cumular, não houvesse o tremedal. Fugia o pé a Paquerette. Não lhe sendo azado, de pronto, o trajar à moda, ou vestir, mesmo, com modesta elegância, aos Méritac e mais adoradores acabou por saciar, depois de ma-

tar desejos, aquela rapariga pobre, quási miserável, que não tomava banho, e usava perfumes baratos de operária. Além disso fedia a *maquereau* à légua, o que rebate a concupiscência dos lábios que beijam e vexa a polpa dos dedos que dão. O amor, com ela, tornara-se, também, uma função inerte e sem graça. Mesmo quando desembolsa, o homem não quiere ser sózinho no amor. E nunca mais apareceram pela mão solerte dos *grooms*, sob enderêço a Leo, os bilhetinhos com armorial, as missivas timbradas de lugares caros, madrigalescas e apelativas. Paquerette passava.

Subsistiam, apenas, os recursos, tão eventuais como magros, dos desprezíveis e depenados amantes dos *ateliers* e das escolas. Era um respigar ingrato; a boémia dos poetas e dos artistas não a interessava; cansou-se.

Os intermináveis dias sem pão, sem lume, com as economias de Leo exaustas, romperam o passo em seguida ca-

tréfia. Tudo o que era empenhável, estava empenhado, afora a cruzinha de ouro insignificante, que a velha trazia ao peito como talismã propiciatório. Foi a última a ser alijada. Leo desatou-a do cordãozinho de sêda, sem uma voz de censura, mas, dois dias depois, estalando de fome e de frio, disse para o estrangeiro, imerso em sonolência búdica:

— Ande! saia! vá roubar! Vá roubar o primeiro passante que tope a geito... Porque espera?

Armando ergueu os olhos para ela e teve mêdo. Tinha o ar alucinado, o movimento projectante da onça que forma o pulo. E saíu... bateu a cem portas e tornou com alguns francos, colhidos, aqui e ali, como um andador de almas.

Essa noite, reflectindo seu trato a satisfação do estômago cheio, percorreram demoradamente a gama dos recursos adoptáveis nestes naufrágios dos necessitados. Um só entreviam, susceptível de salvá-los; mas tinham cobardia do seu

pensamento, uma cobardia comparável à daqueles que, vivendo vida de irmãos, teem melindre em declarar-se namorados. Leo, porém, cortou cerce:

— Olhe, meu menino, aqui não governa vida, navegue. Amanhã, em sendo horas, corra ao tal judeu de má morte, banqueiro ou lá o que é, que lhe compre a viagem. Vá, reconcilie-se com a família e acuda a quem lhe sacrificou tudo. Um mês, dois meses passam num rufo; esta criança é sua, ninguém lha rouba; eu, também não tenho mais ninguém...

Esbagoado em lágrimas, o moço anuiu, protestando com juras e trejuras receber-se com Paquerette ou queimar os miolos.

Partiu um sábado de sol, um dia de aleluia com os hilros já a bailarem em volta de Notre-Dame. No cais, apoiada a Leo, não ficava a Paquerette, aparição indivisível de mulher, flor, nascer do sol, mas uma triste-feia dos baldões.

V

Sós, no ninho de morcego, as duas mulheres romperam em pranto sôbre sua pouca sorte e desamparo. Viam um vazio em volta delas, e não a baixa dum homem que era mais pêso do que esteio, e não se conformava o seu coração simples. A perspectiva do amanhã era-lhes também dum negrume impenetrável. No armário não havia camisa que se vestisse, nem sôlido pintado em suas algi-beiras. Ninguêm mais lhes cortava o passo quando, na rua, seus olhos tolos ofereciam amor por esmola. Achavam-se no grande deserto.

Inconsoláveis, pungia-as acima de tudo a idea do ausente, o mal-estar de

se ter rompido o hábito da coabitação a três. Ele continuava ali, escarafunhando na gaforina sedosa, pescando resquícios de tabaco de entre o cotão dos bolsos, erguendo os castelos em Espanha duma vida farta, com fome, com luxúria, com as suas bondades e baldas; elas viam-no mover-se, agitar-se, viver; falavam-lhe; só êle as não via, nem lhes falava. Era um vivo com tôdas as desolações que deixa um morto. E tôda a noite foi para elas uma noite de amarguras, de Monte das Oliveiras. Mas era preciso lutar contra as potências do mau destino, e o dia seguinte levaram-no a recompor a sua triste vestiaria. Ao lusco-fusco, quando as luzes, nas calçadas, brigam com as sombras em ondinas mansas, Paquerette ataviou-se dos melhores arreios, com solicitude cuidando o seu natural. Coloriu e empoou o rosto, avivou as sobrancelhas, e, passeando o pau de tinta ao rés dos cílios, dilatou os olhos que já eram grandes. Depois de se mi-

rar de perfil, de três quartos, de face, a estudar a simetria da cara, no queixo fixou o grão de beleza que tão picante torna o sorriso das mulheres. E, perfeita a sua ordenação, disse para Leo:

— Vamos lá, mamã! . . .

A velha que empapaçara as rugas debaixo de inumeráveis cremes, e vestira a fronte de melenas à cão, narcisava ao espelho o seu remoçamento de vinte invernos. Paquerette, depois de dois beijos ao retrato de Armando que àquelas horas vogava sôbre as ondas do mar, puxou-a pelo braço, galhofeira:

— Estás bonita . . . Hoje engazupas um americano!

Juntas se foram para uma taverna do Bairro Latino onde as môças galantes exerciam a veniaga. E Paquerette, no meio dos risos, as galhofas e as frases soltas, se achou tímida e desajeitada.

Breve, um sujeito, reconhecivelmente novo, não obstante a calvície e o *facies* entalhado destas decrepitudes sem hon-

ra, de tez mais clorótica que a bebida que bebia, encetou com elas brincado cavaco. Porê, tanto por palavras como por olhares se dirigia a Leo que não a Paquerette. E, ante tal enjeite, se perguntou esta ao espelho, que na parede fronteira descia do teto ao piso, se tão avelhentada estava que a mãe lhe fôsse preferível. Á mulher o espelho responde o que ela quiere, e Paquerette quedou na dúvida, ofendida com o homem e magoada consigo.

De lés a lés do café, a ribaldeira estrepitava; os tziganos, de casaca escarlate, romperam o prelúdio gemido do *D. João*; galdérias e mecos chuchavam-se a bôca, numa sucção lenta de alcova. Mil hálitos, mil perfumes, a fumarada do tabaco e das bebidas tornavam a atmosfera numa calda peganhosa.

O homem de ar relaxado aproximara-se de Leo, tocava-a, aquecia-lhe a mão fina e flexível, duma persistente esbel-

teza, no côncavo oleoso de suas mãos. E, ainda que doutorada em artes chulas, a mãe parecia contrafeita, pressentindo, talvez, no tagaté a ociosa ironia da libertinagem aos agrados extintos. Ele insistia dengoso e molangueiro, rolando nos seus os dedos longos, que o tempo tornara mais espirituais, duma suave palidez de dedos mortos. E, a despeito de tanto requebro e dos beijos rendidos à mão reginal, manifesta foi a surprêsa duma e doutra quando êle convidou Leo a um passeio pela rua.

A velha cortesã correu os olhos em redor, consultando-se mentalmente, e objectou:

— E minha mana?

— Tua mana que venha ou que fique, como lhe aprouver.

Leo ergueu-se, em contra de Paquette que lhe dizia:

— Não vás; êste homem é doido... E' capaz de te fazer alguma!

A velha encolheu os ombros e saíu.

Paquerette, sósinha sôbre o còvado branco do mármore, ficou trepidando, possuída ainda menos de receio que de enjoo e raiva.

O aviltamento a que descia Leo aviltava-a. Aviltava-a em mulher, toda a podridão dos sentidos ela avaliando; em profissional da galantaria, vendo-se repudiada; e, como filha, num estranho requinte do pensamento, pela abjecção a que baixara o corpo que havia albergado seu corpo. Mas o seu maior vômito derivava da idea mortificante, enroscada na alma, da degradação da beleza pelo tempo que não tem dó de nada. A pobre mamã, a triste Leo, não lhe merecia reprovação, mas piedade; uma piedade tão insensata que, transportando-se no futuro, a imagem da mãe reflectia a sua imagem, sorvada nas carnes, descomposta nas curvas sensuais e rectas breves, descolorida em sua tez de saúde e mocidade. Um doido teria a repentina cobiça de

sua bôca, talvez intacta, de suas mãos, talvez renitentemente formosas, e seria tôda a homenagem do amor à forma efemera. Seu coração chorava e sangrava sôbre si mesma, pobre criaturinha do fado. E apetezia-lhe, naquele sonho dum espectro, correr, gritar, desaparecer, sem mesmo sentir o desaparecimento.

Três rapazes vieram, após vénia cortêsmente requerida, sentar-se à sua mesa. E logo um dêles tentou entrar em conhecimento com ela, elogiando-lhe a formosura com artificiosa puridade.

Ela a tudo fingiu ausência e, quando se afoitaram a falar-lhe, os repeliu com geito brusco e sobranceria. Não obstante, a voz da razão dizia-lhe: — «¿ Para que vieste aqui? » — mas pôde mais seu azedume que sua necessidade.

Leo não tardou em regressar, sem engulhos e com um luís em ouro. E, referindo que se tratava dum enfadado de gozos em tôdas as raças, tôdas as ida-

des, todos os geitos, Paquerette apenas murmurou :

— Que homens!

Foram-se dali, decidida a môça a não mais pôr pé em estabelecimentos onde se mercadeja luxúria. Iria cometer um mister de mulher limpa e, não podendo ser burguesa, seria obreira.

No dia imediato, porêm, tendo-se deitado ante um mostruário a contemplar um chapéu que muito a seduzia, reparou que, perto, um homem a fitava com olhos interessados. O desejo de possuir aquele adôrno levou-a a prolongar a pausa que é um invite certo à intrepidez. O desconhecido, então, cortejou-a e, exaltando suas graças, fêz-lhe galantes propostas. Horas depois, Paquerette toucava-se do chapéu que a dissuadira duma via nova.

VI

Uns dias entroutros, os amigos de Armando vinham desanuwear a velha mansarda de sua tristeza celular. Estudantes queimando a paterna mais que as pestanas, artistas estagiários com a apendicular galdéria, móinas lá e cá, o faziam por desenfado, atraídos pelo lume cheiroso da Manon, ou porque prezassem a memória do ausente. E punham todo o esmêro em render-lhes destas fáceis finezas que cativam as caprichosas criaturas de Nosso Senhor como os mais extremados sacrifícios.

Neste comércio, Marcos era o mais solícito e encontrado. Ao que Paquerette respondia com prazenteiro trato, já por

ditame da gratidão, já porque ressaltava no môço uma aristocracia de espírito que, de senti-la interessada consigo, a desvanecia.

Vagabundo de Paris, sustentando-se dos magros réditos dum pai benévolo, da pessoa dêste môço não emanava o ar radioactivamente delator do pobre, tão mofino às mulheres. Pisava com segurança. A máscara dêle era sôbre o vulgar, mas a expressão duma tranqüila e confiante limpidez; e por esta transparente benignidade atraía.

Aqui e ali, tinham-no visto mostrar-se o mimoso desta indução nervosa que faz sentir uma alma por mil almas. Seus arrancos eram, porêm, impulsivos, sem dura. O seu *facies* mais peculiar era o dum inveterado jogador do entendimento. Amoroso, trazia o motivo das paixões para o desabuso do raciocínio; servido dum sub-consciente preclaro, as volições pesava-as, tilintava-as como a moeda suspeita. Daí a subordinação à

lógica de cousas que apenas sem lógica decorrem humanamente, e uma aparência de rebuscado equilíbrio que o diferia à craveira dos mediócrs. A sua vida interior era rumorosa como uma feira.

Voluptuoso, consagrando à caça da mulher a melhor das actividades, não punha pertinácia em forçar porta, só que emperrasse. Amava breve e breve aborrecia. O desenho em certo modo abstracto, que se traçara de sêres e cousas, cansava-o da realidade. E daí o apetite do intangível durar nêle até o momento só da tangibilidade. Tolhia-o de deter-se uma fôrça oculta, incoercível, a sua propulsôra de renovamento. A querer, no entanto, não saía fora do passo gymnástico; tinha a pressa mental, não a pressa do geito. A sua personalidade, também, raro consentia a uma tangencial com outra personalidade. Sem debate, sem violências, era «êle».

Sem moral que derivasse dum sistema

de consciência, o sentido circunspecção formado da projecção do eu sôbre o mundo exterior, fazia dêle um homem moral. Tendo a aversão do seu semelhante e da lei, não calcava esta e doía-se daquele. Não simpatizando com S. Pédro, profanando de tamancos os salões divinos do César, seria capaz de ter acompanhado Bruto. Apesar de cinco anos de civilização, não era um scéptico. Aqui estava um defeito da sua receptividade. Paris fôra, apenas, a sua escola de cerebral e de voluptuoso.

Avistando-se a miúdo com Paquerette, afávelmente como quem desvira bôlso que não anda sujo nem acoita roubo, se abria com ela. E Paquerette, através da jaula corrida, assestava os olhos sôbre a fera, sem perfeitamente a descortinar, imersa nas sombras e contradições de criatura talhada à imagem e semelhança de Deus. Outras vezes, dava-lhe conselhos quanto ao enlace com Armando e o modo de se conduzir

em terras que, sendo bárbaras, presumiam de civilizadas. E tudo resumia em aforismos, ou regras de viver na burguesia local, o que esflorava a jovialidade naquele ninho de trasgos. Dizia-lhe :

«A família Matareca é para a menina uma ilha misteriosa no meio dum mar de sargaços. Tem de ir um pouco à ventura. Dos Matarecas, o que conheço é roteiro de pouca monta. Sei que ostentam escudo partido em pala; a primeira, de oiro com um cerdo negro rompante; na segunda, azul, um braço nascente, vermelho, e uma espada de prata. Veraneiam em vila própria; dão dois ou três bailes por inverno. A mamã trouxe de dote uma ruela de casas em Nite-roy. Quanto à nobre linhagem estronca aí por alturas da quarta ou quinta geração num magarefe de cevados e de marrã, ambulante, de feira em feira. *Mata-recos* lhe chamavam e daí derivou o aristocrático apelido e a heráldica his-

toriedade dos Matarecas. Não ria, que isto é tão exacto como Paquerette ter na sua ascendência um *preux chevalier* e um ladrão de estrada...

— Essa é boa!

— Todos os temos, e por quadrilhas, daqui até Adão. Mas continuando: O *Mata-recos* deixou grosso cabedal, ordenou um filho e bacharelou outro. Este é uma das cepas confessadas dos Matarecas. Agora veja, fidalgo das dúzias, meio plebeu, burguês de gema, está na sociedade como êsses groux extáticos sôbre um pé, à beira dum pântano. Detesta a plebe, evita a burguesia, mas não tem um palácio antigo, nem solar nas serras, nem sangue aguado, nem sua mulher foi formosa para ser doudivanas, requisitos estes com que poderia ser acolhido pela nobreza. Vive entre duas águas vida de nababo, mais aborrecido que caimão num aquário. ¿A menina assina Marneff, não? Seja francesa, assinie De Marneff. Se bem me recorda,

os Marneff foram honrados impressores de livros no século xv. Mexeram com prelos, podiam muito bem, de espada em punho, na coluna dos cruzados, ter tomado parte no saque de Bisâncio. Ninguém poderá investigar ao certo. Uma De Marneff, mesmo que não leve consigo um ceutil furado, mas só o seu lindo palmo de rosto e o seu sangue azul — e Paquerette tem-no bem azul que não foi de balde que todo o francês que se prezou cedeu sua dona a cem reis de França *vert-galants* — só com a sua simples aristocracia de raça, a uma De Marneff cabe entrar de cabeça alta no nobiliário dos Matarecas. Esta pode ser uma porta. Lá dentro, o que será a batalha, não sei. Mas olhe, admiração, contemplação, assiduidade, homenagens de devota a manipanso, ganham sempre com homens dêste jaez. Borda-lhe chinelas com as côres do arco-íris e tempera-lhe pratinhos moles. Se um dia fôr pistada dum dos régulos da terra, que

seu sogro seja feito comendador, senador ou cousa parecida, e terá vencido.

«Convença-se de que sua sogra padece de queixa interior que os facultativos mais prespicazes não penetram. Faça-lhe mèzinhas; conte-lhe horrores das criadas e moteje do vestido das amigas. E leia-lhe o folhetim mais molangueiro, vertido do francês na gazeta mais reles.

«Tenha o maior cuidado com os imponderáveis da vida doméstica. A menina, que foi sempre uma gazela, não está ao par de sua alta significação. Pois êles constituem os alicerces da virtude filial, feminina, e o cimento duma boa compreensão caseira. Em que residem? No tom da voz, na demora do olhar, o respeito aos tiques de cada um, um ai! porque da janela que se abriu vem ao papá uma corrente de ar, a flautinha dum diminutivo à sogra com dores de

barriga, um dedo erguido em ameaça ao espôso que se demorou no clube. Cousa nenhuma e imensidades. Uma mordança valente para as sogras tece-se com estas teias de aranha.

«Prepare-se a dar a seu marido uma ninhada de filhos...

— Que horror! — exclamava Paquette que, além de francesa, era oriunda da Normandia.

— Não, é um hábito respeitável, grato a Deus e à pátria. Naquele país não ha apenas o filho único, *filz de dimanche*, há filhos de todos os dias da semana. Como se diz das videiras, as mães ali carregam...

— Ah!

— E' o que lhe digo. Questão do céu... das águas, a bênção do Senhor.

«Tenha longos e variados colóquios com as cunhadinhas e mais meninas

inocentes, não faltando ao dever de industriá-las nas mais hediondas poucas vergonhas. Daqui nasce uma supremacia da sua parte, cumplicidade recíproca e estima delas. Este princípio é sumamente basilar.

«Seja preguiçosa. Lá ser dona é ser indolente, mais indolente que uma gata, que um poeta, que uma sultana. Surpreenda-se a despertar nas barbas do meio-dia. E, para de portas a dentro, não se penteie; tal garridice daria nas vistas das vizinhas que a apontariam ás criadas, as criadas a sua sogra e sua sogra a seu marido. Enrole os cabelos na nuca, vista uma bata e fica voluptuosa como ninfa à flor das águas.

«Se na rua fôr abordada por galante, a palavra de riposta é esta: — ¡Por quem me toma, cavalheiro? — ou: — Passe de largo, cavalheiro.

«Paquerette tem uma linda voz, bem timbrada e doce. Se fôr à província visitar tias de óculos, é conveniente espremê-la na glote, elevá-la ao tom de ocarina. Por lá ainda se usa o rinchado e é muito pitoresco.

«Importante: Não aporte àquelas paragens sem empunhar uma *lorgnette*. Não sabe exactamente o que seja? A desmoda justifica a sua ignorância. A *lorgnette* é uma luneta portativa que se fecha sôbre cabo de tartaruga ou de metal como as navalhas de barbear. Nasceu aqui com os Trianons e morreu com os Trianons. Lá é um apetrecho de preciosidade inextinta. Serve às damas para envidraçar a soltura com que a hão-de examinar, a poucas polegadas de distância, dos pés à cabeça, ao corte do seu vestido, à estamparia do seu padrão, às pomadas que põe no rosto.

— E' simplesmente ridículo!

— Será, mas de vista desarmada só

as peixeiras. E' um utensílio mais de mulher para mulher que de mulher para homem. Não esqueça; aquelle é o país do vitral; os catitas chapados no monóculo, as mulheres na *lorgnette*.

«Respeite as glórias de sua pátria adoptiva e não blasfeme do céu que lá teem. O céu é o Nilo de lá; é sagrado.

«Nem sempre é anodino de consequências, não obstante as remessas de civilização que daqui para lá vão constantemente, no teatro, em costumes pelo livro e a gazeta, o entretenimento extracnjugal. Vai-se praticando com riscos para a mulher. Ainda a travessia, pela rua, de senhora só, é tormentosa e equívoca. O processo clássico é obter a convivência duma pessoa de família e ter aí um quarto alugado. A convivência obtêm-se, chorando-lhe nos braços seu grande romance de amor. Etc., etc.

Paquerette recebia estas instruções, galhofando, prometendo recorrer a todos os artifícios da virtude e a tôdas as virtudes do artifício para conquistar a nababia. Nas horas sérias, expunha-lhe suas apreensões quanto ao acesso numa família, zelosa de respeitabilidade, e à sempre possível quebra de palavra do amante. Logo êle acudia com mil vozes aquietantes, subtilezas traçadas sôbre a psicologia do meio e das pessoas, envolvidas na maranha.

Mas enaltecendo as facilidades do projecto não deixava de apontar os escolhos, e em tal jôgo parecia entreter-se a redoiçá-la. Assim, aventando que as gentes semi-selvagens tão prontamente amam como repelem, atenuava em dizer que, a um môço quási donzel como Matareca, ligações desta natureza deixam raízes em que a paixão reverdece senão ao primeiro lance de olhos ao roçar, novamente, da pele com a mulher amada. Talvez fôsse preciso ir picá-lo à

lura natal... talvez! E confirmava a sua proposição com um judicioso discurso sôbre a reacção operada pelas distâncias e o efeito destrutivo que exerce a passagem dum céu grave para um céu troca-tintas, sob o qual tudo corre ligeiro como nêle as nuvens de Abril. Não viria o amante, iria ela. E para obstáculos e contratempos de carácter, indicava remédios como um físico de almas.

VII

Raro era o dia em que Marcos e Paquerette se não encontrassem, em casa dela ou em casa d'êle, um quarto de rés-do-chão, como arca de Noé, arvo-rando cama, pilhas de livros, encavala-mentos de quadros e gravuras. E a per-der de vista divagavam sôbre os tem-pos vindouros e o país trigueiro onde seu passo de mulher alta e esgalgada e sua tez de loura destacariam como pa-poila num centeal.

Quando se não podiam visitar, se car-teavam, falando-lhe o môço desta guisa : «; Só agora sinto bem a barbaridade de não morar num palácio ; por sua causa, minha amiga ! Nêle teria um solerte ne-

grinho para lhe abrir a porta — só a si — e uma passadeira, em persa antigo, para lhe receber os passos».

Ela, sensibilizada, reflectia :

— É um rapaz adorável!

Ainda se marcavam encontros em concertos e bailes públicos e por aí passeavam sérios e graves como casal que à folia só concede a fineza de a ver gozar. E, se às vezes arriscavam uma valsa, faziam-no senhorilmente como quem presta culto à nobre arte da dança.

Entretanto Paquerette entregava-se o mais mecânicamente possível ao antigo tráfico, porque não tinha outro meio de vida e queria entrar como parisiense em terras de gentio. Em contribuição do que Leo e ela costuravam noite e dia, talhando pelos padrões da moda e edificando chapéus sôbre as carcaças de arame que se vendem nos bazares. E, no silêncio do trabalho, seu coração sobrepassava seus dedos, entrevendo-se em marcha pela cidade descuidosa, com

lojistas, em mangas de camisa sob o toldo reverberante, a vê-la passar, cocheiros jogando a esquineta num banco de pedra, procissões devotas calcurriando a rua abrasida, como rezava um viajante que despejara nos prelos as suas impressões. E, trémula, sentia já saudades de Paris, a alegre, ruidosa e obumbrante floresta.

Letras sôbre letras chegavam do amante, inchadas tôdas de promessas e chochas de realidades. Nem com um chavo furado, de adiantamento, se esportulava a nababia. Próximos e afastados, os parentes todos estavam a ferro e fogo com Armando por môr da desobediência que ousara cometer e dos intuitos inconfessáveis que ainda nutria.

— Pobre anjo! — suspirou Paquette, beijando o retratelho que acompanhava a última missiva.

— ¡É o que eu previa! — declarou Marcos. — É preciso ir ao encontro do rapazinho, senão eſcapa-nos.

— Escapa-nos...!?! — e no geito de Paquerette sentiu-se a estranheza dum modo de dizer que denunciava propósitos de comandita a que ninguêm o convidara.

Ele, porêm, apercebendo-se do efeito de tais palavras, atalhou de pronto:

— Escapa, não por impulso próprio, mas porque a isso o coage a família com opressões, vexames, todos os recursos de quem tem na mão sota e az. Compreende, M.^{elle} Paquerette?

Compreendeu e desde êsse dia ficou assente em seu espírito, com a evidência dum postulado, que apenas por esforço próprio podia recuperar o amigo. E desde essa hora, mais afã pôs em sua indústria, já deambulando por *boulevards* e jardins, já frequentando tavernas, submissa até para abraços de velhos, a pedir *podridero*. Mas entregava-se como se a sua carne estivesse ausente de acto impuro.

Uma manhã, estava ela ainda na cama, Leo deu entrada a um vulto muito estranho na penumbra, rolante e todo negro, afora o extremo dum dos vértices de alvo luzidio. Era o illustre Méritac, vestido de luto pesado, e a sua calva ebúrnea.

O velho sentou-se à cabeceira e, apertando-lhe muito a mão, rompeu em prolongado choro. Não sabia Paquerette que chaga havia a curar, tanto os soluços eram convulsivos e lhe embargavam a voz. E, estreitando-lhe a cabeça contra o seio nu, lha afagou, proferindo doces nadas, e Méritac era como um borrego preto entre as coixas níveas duma ovelha branca.

Desemperrou-se-lhe, afinal, a fala, para, retórico e gemebundo, contar a sua desdita. Falecera-lhe a cara consorte, a virtuosa e admirável matrona M.^{me} Méritac! O génio benéfico do seu lar, a companheira de suas vigílias no elaborar impróbo da *Chasteté et le droit atra-*

vers les siècles fôra ceifada pela implacável parca. Nunca mais! nunca mais!

— Pobre *coco*! — murmurou Paquette.

— Não se consuma — exortou Leo — Tinha, talvez, os dias cheios...

— Estava nova. Sim, tinha mais cinco anos do que eu... O que é isso?... Ah, era boa de mais para andar neste mundo...

— Coitado, faz-lhe falta...

— Era um anjo... Foi ela que me corrigiu as provas da *Chasteté*. Os meus discursos na Academia revia-os ela e retocava-os. Era muito erudita. Chegou até a publicar um folhetim no *Echo de Paimbœuf*.

Méritac assoou-se, limpou as lágrimas, e dai inquiriu do estado de *son petit choux*, de *sa petite gigolette*. E, dando-lhe pancadinhas na face e ela chamando-lhe safadinho, se desviaram de todo dos necrológios.

— O teu meliante? — indagou Méritac.

— Quem? — proferiu ela, fingindo não acertar com o objecto da referência.

— O estrangeiro...

— Ah, sim, o mocinho pálido que um dia nos tomou o passo na Rua da Sorbonne? Era um doido... não sei... parece que partiu...

— Não sabes?

— Ceguinha eu seja. Nunca tive nada com êle...

— Partiu — confirmou Leo. — Foi mamar...

— Sério?

— Tão certo como eu vir à luz numa quarta-feira, em dia do bento S. Cucufate.

Méritac mostrou-se jubiloso daquela emergência e, prescrevendo mil cautelas, traço decente, olhos baixos, candura, apenas um arzinho de *maquillage* — que em Paris o sem-sal é suspeito — con-

vidou Paquerette a visitá-lo em sua morada, para o que deveria inculcar-se como prima da parvónia. Mas muito cuidado — repetia — um vestidinho preto, maneiras de menina burguesa, nada de farfalha. Madame Boulet, a *conciierge*, era a alma mesmo dum detective.

E, depondo um beijo muito casto na frente do seu brinquinho, depois de largar a nota azul, se foi pinchão e satisfeito.

Os primeiros dias de outono fugiam rápidos e as cartas de amor de Armando empilhavam-se, trasbordavam já duma caixinha de charutos, catalogadas e enastradas com fitilhos de sêda. E, sendo sempre abundantes em affecto e em razões, eram chochas em feitos. Entretanto Paquerette entesourava e Leo sorria o seu scepticismo de experiente ante a idea fixa da amorosa.

Já os preparativos de viagem corriam sob bons auspícios, recebeu ela um telegrama-pneumático de Marcos em que

lhe rogava de ir jantar com êle, pois tinha achado o processo de lhe proporcionar a passagem para terras barbarescas.

Paquerette alindou-se, escarolou-se, zelosa de honrar com boa presença aquele tão galhardo môço, e compareceu, pontual, à entrevista. Marcos, em sua comunicação, foi amável e persuasivo. Um compatriota, prestes a partir, levá-la-ia consigo e, uma vez lá, com geito prudente lhe guiaria os primeiros passos; simplesmente... simplesmente Paquerette viajaria com êle em *cabine* reservada.

Paquerette ficou-se muda, a tregeitar com a sombrinha nas frinchas do soalho.

Ele insistiu com uma brusqueria que lhe pareceu singular:

— Mademoiselle, certa santinha, egípciana, para entrar no mosteiro de religiosas, onde o amor divino a chamava, tinha que atravessar o Nilo. Para atra-

vessar o Nilo tinha que tomar uma barca. Para tomar a barca tinha que pagar ao barqueiro. Não tendo moeda de espécie alguma, pagou com o corpo. E é uma das açuccenas da Terra no Reino dos Céus.

— Todo o meu receio é que lá se venha a saber — respondeu ela, sorrindo. — ;E contentar-se-há o seu compatriota com tal processo de pagamento?

— Ora! É rapaz novo; já a viu; agradou-lhe; agrada-lhe esta intercadência de amor entre indiferença e indiferença.

— ;É uma doce mania!

— ;É um capricho de voluptuoso! Paquerette conhece-o...

Ela olhava para êle com pupilas muito fitas, quando bateram á porta. Era um amigo de Marcos, pintor de sua profissão, que esparvava o bairro com a linha esguia de diácono bizantino. Pelo braço, exhibia a sua dama, uma feia e suave garota lionesa.

— Vinha convidá-lo para jantar no

campo — disse êle — mas vejo que é inoportuno o convite...

Marcos baixou a cabeça, agradecido; e, após uma pausa, no geito dum pensamento inspirado, proferiu:

— A não ser que M.^{elle} queira dar-nos a honra da excursão...

Paquerette franziu os lábios num sorriso de assentimento. Na imaginação duma parisiense há sempre céu aberto, caminhos velhos adormecidos, árvores esguedelhadas, crescidas à rédea sôlta, faunos, pássaros a cantar. Paquerette era parisiense; tinha nascido na Place Maubert, à sombra quase das quimeras de Notre Dame.

Em jucundo rancho, todos quatro largaram portas fora.

VIII

Caía a tarde, destas tardes outonais, luminosas e imponderáveis, em que, sub-tis, os corpos sentem que pouco lhes falta para poder voar. O sol afogava-se nos soutos cobrindo, ainda, dum morrião de cobre o *donjon* alto de Chevreuse, a um rijo golpe de cavalo afrontado lá em baixo, sôbre a planície extática. As árvores debruçavam sôbre os caminhos um folhedo amarelo candente, amarelo laivado de verde, de fogo ruivo, amarelo de ouro bornido. E, enoveladas, eram como montanhas de sêdas sacerdotais.

A paisagem exalava ainda uma luxúria solesticial, mas no interior da floresta

havia já um silêncio magoado, de atrição.

Penetrados dos langores do outono, os dois pares subiam vagarosamente a estrada que vai ladeando os montes. Braço no braço, seus colóquios eram amenos e mais vadios que as nuvens brancas sôbre o vão alto da campina.

— Paquerette—interpelou Marcos— se neste momento um feiticeiro lhe dissesse: deseje e seu desejo será realizado, que é o que pedia?

—Que pedia?... Tanto tenho a pedir que nem sei.

— Eu cá pedia a cêrca e o castelo de Luynes, lá!... vêem?... Parece a tôrre da Soberba! — exclamou a amante do pintor, alongando o braço.

— Eu não — proferiu o artista. — Eu pediria do imaterial como Salomão. Bastar-me-ia que o meu pincel soubesse dar o segrêdo do outono, com vergonha de Renoir que faz do sol um histrião e de Monet que é um incinerador de paisa-

gens. Um outono com a dignidade dum rei de Thule vagueando de manto e coroa por um parque solitário. Ao pé de uma de minhas telas, o castelo de Luy-nes era uma bugiganga de bazar.

— ; Paquerette não se deixa tentar por sabedorias...?! — tornou Marcos.

— Longe disso... Mas não sei... não sei bem.

— Eu sei o que deseja... Desejaria viajar... transportar-se em corpo, através dos espaços, com a rapidez com que se transporta em pensamento. Em suma, ser uma estrelinha cadente daqui para determinado ponto...

— Não! Não seria isso, pelo menos agora — respondeu ela, sorrindo àquela recorrência de amor.

— Consulte o seu peito...

— Vão escarnecer... Quereria... quereria ser uma mocinha da aldeia, andar, talvez, atrás das cabras, ferir os dedos às amoras pelos silvados, não saber que há mundo.

— Ora! Ser patega para cobiçar ser Paquerette! — gracejou o pintor.

— Sim, o coração é insatisfeito. Mas a melhor vida não será aquela que menos nos faz sentir que vivemos?!

— Assim penso — apoiou Marcos. — Cá por mim, amaldiçoo Eva, a primeira que bebeu o veneno do espírito, e Cadmus que inventou o alfabeto, ou arte de o engarrafar. A selvajaria é o estado mais idóneo à felicidade.

— ¿Quem o tolhe de ir para o centro de África? — berrou o pintor.

— Afinal, Marcos ainda se não definiu. ¿Qual é o seu ideal, nesta hora? — perguntou Paquerette.

— Ainda não pensei... Olhe, ser compreendido e obedecido.

— Para quê? ¿Para tyrannizar os outros...?

— Pelo contrário, para não ter o desgosto de molestar.

— Caprichoso!

— Devaneios pueris — proferiu o pin-

tor. — O que neste instante há de mais desejável é que na estalagem, que dali nos está acenando pelo avental branco do criado, os vinhos sejam genuínos, de três assobios, e os acepipes, como os dos frades, dignos de se lhes rezar antes e depois. Vamos, que estou com uma fome exaltada.

E, metendo para aquele lugar de sombras, por indústria adaptado a estância da gula e do amor, com ostras regadas a Saumur, começaram a banquetear-se. Reinou o vinho velho, a alegria e a intimidade, e Paquerette, regalada, julgava ressurgidos seus tempos de esplendor, nos restaurantes caros do *Bois*.

Quando desbancaram, propôs a lionesa que se passasse ali a noite já que àquelas horas dificultoso seria achar transporte para a cidade. Aceite o que, após breve relutância de Paquerette, docemente, com a pausa de quem quer matar as horas, foram subindo a colina adormecida.

Marcos parecia taciturno, e Paquerette murmurou, procurando ler-lhe nos olhos :

— Pensa em bem, ou pensa em mal?

— Penso em si — respondeu êle, com intôno de verdade.

— Mil bem-hajas.

Cedo, ainda os copos tilintavam nos caramachéis, se dirigiram a uma hospedaria a pedir pousada. O porteiro tomou uma argola de chaves e, por um comprido corredor, os conduziu a duas alcovas que olhavam sôbre imenso vale. A terra afundava-se sob a claridade difusa das estrêlas e, dali, parecia-lhes estarem muito alto, suspensos sôbre o mundo.

— Aí teem! — pronunciou êle, fechando as janelas.

Paquerette alçou para Marcos olhos surpreendidos; e, como não encontrasse os dêle, proferiu :

— Quero um quarto para mim.

— Só há estes devolutos — declarou o porteiro.

Embaraçados pareceram todos. Resolutamente, após mudo conciliábulo, murmurou Marcos para Paquerette :

— Dormimos juntos . . .

— Ah, não!

— . . . como dois manos . . .

A rapariga quedou-se um momento silenciosa e despediu :

— Não, santo Deus, não!

— Vamos a outro hotel! — berrou o pintor em tom desabrido.

— Não lhes há de ser fácil topar dormida — sentenciou o porteiro.

Paquerette estacara de olhos no chão e, em voz sêca, o artista questionou :

— ¿Em que ficamos, *mademoiselle*?

— Pois seja! — ciciou ela.

O pintor e a lionesa ocuparam um aposento e entre Marcos e Paquerette foi entendido que ela o precederia e que, mal terminasse seu amanho, daria no frontal a senha de livre entrada.

E assim foi; Paquerette passou adiante, deixando a Marcos no vão da janela, chupando um nervoso cigarro. Pela talisga da posta adjacente, quebrava-se e requebrava-se em simiescas revoluções a silhueta esgrouviada do diácono bizantino.

Soaram no tabique as pancadinhas batidas com os nós dos dedos. Marcos entrou.

Paquerette aguardava, recostada na cama, os cabelos em onda, os seios debruçados da camisa de *batiste* lassa e transparente. Dois lacinhos azuis seguravam-na às espáduas e pareciam ali aves do paraíso.

Descansavam sôbre o lençol os braços nus, abertos em lira, na cadência amorosa da garra que em momento delirante se há de fechar. Uma grande almofada, ao lado da cabecinha loura, chamava outra cabeça.

Paquerette sorria e tôda ela, na atitude de agrado e desalinho, dava a im-

pressão de estar ansiosa pela romaria ao templo de Eros, êsse onde os peccados só se resgatam pecando.

Sem gastar vozes, com geito livre se bem que sensivelmente precipitado, procedeu Marcos às cerimoniaes do deitar. E, com a segurança do homem que está em sua alcova, diante de sua amada, er-gueu a dobra da roupa e, sem guarte, se lançou sôbre Paquerette. Mas ella resistiu, debateu-se e, arquejante, ameaçou:

— Se me força, grito!

— Está doida!

— Grito! — disse novamente, alteando a voz.

Ante o fulgor que chamejava nos olhos da rapariga, a acometida de Marcos quebrantou-se. E logo ella aproveitou para ladear de tronco e tomar a posição mais apta à defensiva. Marcos sentiu a derrota e, invadido duma cólera surda, ao tempo que, a uma parte, a sacudia com dureza, a outra, pisavalle brutalmente o seio nú.

Paquerette, primeiro com moderação, depois com brio, rompeu a chamar :

— Socorro! Socorro!...

Num momento curto de trégua, ouviram-se pancadas no muro e a voz agra do pintor :

— ; Marcos, deixe lá êsse estafermo! Marcos, deixe lá!

Esbaforido e parvo, quebrado no ímpeto, o môço balbuciou umas vozes sem ritmo e sem exame que soavam como tábua contra tábua. Em tom choroso, levemente molhado de indignação, Paquerette dizia :

— ; Bem sei, sou uma mulher do fado! sou uma perdida! ; sou capaz de roubar e de matar! ; Mas do que não sou capaz, juro-lhe, é de enganar o meu amante com um amigo! Juro-lho! Estou mais baixa que a lama das ruas, mas isso não!... isso não!...

Marcos pulou da cama, pálido e estúpido, e correu vivamente a vestir-se. Já meio arranjado, havendo readquirido

a serenidade, acercou-se dela e, em voz lenta, escarninha, disse-lhe :

— Tem razão, esqueci que M.^{elle} vende amor e não o dá. Perdôe, foi uma loucura não ter tilintado sôbre a pedra desta mesa os tantos francos da tarifa.

— Valia mais, valia ! Valia mais não se perder do conceito que lhe mereço, e assim teria evitado o trabalho desta emboscada.

— A sua presunção diverte-me... Emboscada !?

— ; Pois que outra cousa foi ? O senhor trouxe-me ao engano...

— Ao engano andei eu, minha branca flor. Nunca, por nunca, imaginei que fôsse tão sábia a sua inocência...

— Quere dizer o meu desbragamento. Mas diga, ; por que palavras ou factos o autorizei a julgar-me disposta a ser sua amante ?

— Pela razão mesma de ter anuído a ficar neste quarto.

— A cabala vinha de longe... Percebo agora!

— E' facto; mentir-lhe-ia se negasse que há muito nutria o desígnio de abusar da sua castidade — tornou êle em tom mofareiro. — O passageiro da *cabine* reservada era eu. Quanto a êste lance, não o preparei, acredite. Aconteceu. Que desejava tê-la com reciprocidade de posse, para amanhã olhar a amante com aborrecimento, mas não com menos estima a Paquerette, é muito certo. Para isso não quis seguir o caminho ordinário que, percorrido por homem que não seja pateta de todo, leva sempre ao alvo. Queria doudice na nossa amizade, mas só de salto, por um momento, por uma noite. Ri-se? Tem razão, para mulher vulgar homem vulgar e eu não fui vulgar.

Paquerette mostrava já no parecer aquêlê luaceiro de suavidades que era o mais formoso dos seus encantos; mas não sabia êle se era aquella expressão

de ironia, se o júbilo do triunfo, se a luz de que se alumia a firmeza daquela estapafúrdia lialdade.

— Repito — continuou êle — com a traça costumada do mais simples D. Juan Paquerette teria hoje, conscienciosamente, sujado as barbas do tal Sr. Matareca. Teria, que lho digo eu. Agora não me censure tentar enganar o meu amigo. Ele nunca foi meu amigo; concessões destas não as faço a quem-quere. Frequentava-lhe a casa, frequentava; mas, não era por êle, era por si. Por si só. Não invoque o homem que não vale uma hóstia de estricnina.

— ¡Valha que não valha, é meu amante!

— Ninguêem lho rouba, esteja segura. Quem lho quer? E, é precisamente porque ninguêem lho quer, porque é um triste ninguêem, um perfeito pedaço d'asno, porque lhe é rotundamente inferior, que Paquerette o ama, ou amou.

— E' comigo... deixe.

— Não deixo, já que a alimária aqui poisou as patas. Ora diga-me: ; reflectiu já bem se era amor o sentimento que lhe votava? Não será antes piedade e daí o sacrificar-lhe, por brandura de coração, o que uma mulher pode sacrificar? Não, não era a êle que amava, mas na condição do pobre diabo a sua mesma condição de mulher que tem alturas... gôsto de sacrificio, sadismo, necessidade dum *gigolo*.

— ; Puh, e empurra-me a que case com êle?!

— Porque não? Amante é um e marido é outro. Aquele deve ter méritos, faculdades de simpatia; a êste, como razão social, tudo basta e nada basta. Armando é filho de mandarim, será amanhã um quidam rico, convêm-lhe... Não desista!

— ; Quere continuar, então, a ser o Mefistófeles do pobre rapaz?

— Sempre, e a ser sempre o amigo verdadeiro de Paquerette.

— E' uma crueldade.

— E' um gôzo para mim, um bem para si. Seja a espôsa, mas não a amante. Ele não a merece; um homem que deixa uma mulher ter fome e frio, sofrer tôdas as misérias, não a merece. E' uma indignidade de carácter demorar nêle a simpatia, quanto mais o amor. Depois.. depois Paquerette é uma harpa delicada que êle não sabe tocar.

Paquerette, que concertara seu desalinho, escutava com evidente prazer aquelle discurso cínico, às mulheres agradando sempre as flores que lhes esfolham as mãos bizarras.

— Mademoiselle Paquerette enganou-me bem enganado—reatou Marcos, meneando a cabeça num geito benigno. — E enganou-me porque a tinha no ro das pessoas sensatas. Uma vez que aciei tou dormir aqui, implícitamente a julguei rendida ao que acaba de negar-me.

— ; De corpo e alma, explosivamente

— Bastava-me de corpo. Assim como

num parêntese em que se exerce a loucura da mocidade, os caprichos do acaso... a resolução elegante de evitar um contrasenso.

— ¿Que se combinou à porta?

— Um absurdo. Senão considere : Paquerette é uma rapariga adorável, luxuriosa; está uma noite que, de igual, só as noites no Paraíso de Adão e Eva. Não acha? Imagine que se observava à risca o que se preceituou de antemão e que, em conformidade, me punha a ressonar a seu lado, costas com costas. ¿Não era uma torpe ofensa à sua juventude? Era. Bem sabe que, ao menos que se não seja um enjeitado da natureza, apenas se dorme insensível ao lado duma mulher quando é feia como o Demo ou velha como a Notre-Dame.

Paquerette olhava para êle com olhos muito fitos e luminosos. Um sorriso brando banhava seu rosto duma condescendente doçura.

— Viu?... — tornou êle, arripiando

o bigode — caímos num contrasenso temível.

E, após uma pausa em que a sua cabeça dobava com pezar, declarou:

— Bem... volto para Paris.

— A estas horas!?. . .

— Lá hei-de chegar... Vou agastado porque fui néscio, mais néscio que um donzel. Julguei-a concorde e quis dar-me o prazer espontâneo, à troglodita. De assalto. Assaltei-a como um tigre, não é verdade? Perdõe, se dou tempo ao tempo, lugar a que a voluptuosidade que havia em mim alevantasse a voluptuosidade passiva que há em si, como em todo o corpo bem organizado, Paquerette não teria chamado o «outro» à baila.

Ela dobrou a cabeça, desceu também as pálpebras sob o pêso sensível duma leve melancolia, e os braços, como dantes, tomaram a posição de braços que estão em guarda para abraçar.

— Fui um grande tolo — continuou êle,

num tom arrastado de arrependimento. — Afinei excessivamente meus desejos e a corda estalou. É pena! é pena!

Acabava de laçar a gravata e foi correr os quatro cantos em busca do junco. Depois, veio para o pé da cama, de chapéu na mão, e aí se quedou trejeitando, indeciso.

— Enganou-me bem enganado! — tornou a dizer, de ólhos já sorridentes nos olhos trémulos.

— Foi imprudência minha! — proferiu ela de rosto submisso, voz quebrada.

— ; Pois vou ficar a Paris! — declarou, sem embargo daquelas palavras. — O meu amigo substituir-me há em tudo o que fôr mister.

— Mas fique!... Fique... ou leve-me...

Marcos quedou um momento a contemplá-la e disse:

— ; Para que se repita o absurdo?

Paquerette baixou os olhos e naquela

humildade e naquêle silêncio se certificou êle que o absurdo se não repetiria. Mas o demónio do orgulho, o despeito da sofrida derrota, a quebra do imprevisito levaram-no a dizer, crispando os nervos:

— Agora é tarde!

E resolutamente se meteu a caminho de Paris.

IX

De Madame Méritac a Armando Matareca

Meu amiguinho: Acabo de empilhar a um canto da mesa as tuas cartas da última semana; era uma inundação, é agora um castelo, do alto do qual o chinês pesa-papéis me olha já por cima do ombro com ar de muita ironia. Ainda as não li, nem é provável que venha a lê-las; teem mais letras que *Les Misérables* e, franquezinha, falta-me fôlego para tanto.

Ao acaso, apenas, relanceei uma frase aqui, um pensamento além. Sofres, morres, vives no inferno, e queres saber porque te não escrevo, o que faço, o que não faço, o que me será azado fazer ou não fazer. Deus do céu, a tua

curiosidade enfadar-me-ia se não estivesse nesta hora das Santas em que até a conjurar o diabo eram cordiais. Não escrevi porque não escrevi, pronto. O que faço? Olha, o teu horoscopo não se enganou de muito. Mademoiselle Paquette está morta, bem morta e em seu involucro terrestre vive uma fera e florescente Madame Méritac. Não te espantes, a outra, que do retrato de Leon Bonnat, em traje côr de morango, geito hierático mas parecer afável, me está a olhar ali defronte, *mange des pissenlits par la racine*. Já lhe desfolhei perpétuas sôbre a campa, regalei os pobres, pudei os cravos, para que a sua sombra me seja propícia. Ao deitar, êle duma cama, eu doutra, tôdas as noites rezamos a novena pela beatitude da sua alma.

Há uma quinzena, amiguinho, que sou Madame Méritac à face de Deus e dos homens. Há uma quinzena e parece-me ainda ontem! Nunca o *boulevard*

me deu uma impressão de alarido e jovialidade como essa quinta-feira de sol em que um coche catita me desceu coberta de branco e vaporosa na passadeira vermelha que tapetava a escadaria nobre da Madalena. Leo convenceu-me a não me pintar nem empoar, e eu ia assim com a face que Deus me deu, como uma açucêna dos campos. Trabalhava-me o receio de que parecessem mais velhos os meus vinte e três anos, e não houvesse frescura em minha pele. Os olhos, de quem me via, asseguraram-me que não; M.^{me} la Vicontesse de Broussailles beijou-me muito e, como a uma criança, afagou-me os cabelos dizendo: *minha pombinha! minha doce pombinha!* E' uma dama muito respeitável. Um operário, também, à entrada, berrou mesmo no nariz de Méritac: *V'la, une jolie poule!* — com o que o meu espôso ficou desvanecido.

Imagina tu a grande nave da Madalena cheia de luzes, de casacas pretas e

peitinhos brancos, o altar abafado sob uma montanha de flores que vieram de Nice. Quando o cura se pôs a prègar o sermãozinho e a dizer-me que fôsse forte como Deborah e casta como Ruth, vieram-me as lagrimas aos olhos. Ali naquele instante, a Nossa Senhora que me contemplava do seu trono de crisântemos, jurei ser fiel, ser dona piedosa e prudente. Mas ora, sou uma doida! A verdade é que Méritac é um homem muito considerado e, estou em dizer, digno. Recebemos telegramas congratatórios de Berlim, da Espanha, de Moscou e até de Nagasaki, imagina tu, de Nagasaki! Nunca supus que o nome dêle fôsse tão universal. Mas o que êle é, acima de tudo, pelo que já descobri e estou para descobrir, é um homem meritório, que me ama deveras.

¿Lembras-te do senhor calvo e rubicundo com que, em certo dia, destemperaste na rua? E' êle. Hoje traz um chinó de cabelos brancos que lhe dá um

ar profundamente filosofal. Indispunha-me ter diante de mim, à mesa e mais lugares, luzidia como um prato de porcelana emborcado, aquela careca veneranda. Recomendai-lhe a peruca e condescendeu desde logo; é um marido invejável.

¿ Como chegamos até aqui? Puh, da maneira mais rectilínea e honesta. Faleceu-lhe Celina e veio chorar em meus braços. Consolei-o como pude e êle rogou-me que o não desamparasse, que com a minha presença o ajudasse a passar o nojo da morte e as melancolias da soledade. Prometi. Ao sair de nossa casa, Leo, que tem bom faro, disse-me:

— Não está muito tempo viúvo.

— Ora... o triste!

— Verás, não é homem que se resigne a passar sem o ruge-ruge das saias.

— Que case com uma daquelas a quem distribuiu o prémio de virtude...

— Se casasse contigo, era a sorte-grande. Eu, no teu lugar, tentava.

— És tôla ...

— Tenta, menina! Não perdes nada...

Fui visitá-lo, com todos os resguardos que me aconselhara. Da primeira vez foi comigo tímido e cerimonioso. O mais pequeno ruído espavoria-o; a voz da *concierge*, na escada, pô-lo mais amarelo que a cera. Á segunda visita, Leo disse-me: — Ganhas a partida, se ganhas a porteira; sem a porteira nada feito. — Calculas o poder de sugestão que possui o *concierge* sôbre o espírito dum locatário. Esse poder é infinito, mais que dum director espiritual, que da imprensa, que duma biblioteca inteira de sociologia. Uma grande parte do Paris que se move, êles a movem. Ninguêm repara na mão humilde, mas ela lá está.

Persignei-me e marchei contra Madame Boulet, a *concierge* e, vê lá tu, tive a sorte de Edipo. Inculquei-me prima de Celina, exalcei as qualidades de Méritac e verberei-lhe os defeitos. Me-

xeriquei com a leveza duma abelha pelas flores e a superioridade duma preciosa do Hotel de Rambouillet. Minha voz era branda a dizer, e descuidosa a retrucar. Insinuei-me na vida da mulherzinha, beijei-lhe o neto ranhoso, debati com ela os preços da fruteira. Numa palavra, conquistei-a. Quando veio à porta despedir-se, a sua voz era maviosa: — ¡ Até breve, minha bela senhora! Até breve!

Jubiloso, não tardou que Méritac me dissesse :

— Madame Boulet ficou encantada contigo. Tôda a gente te adora, as criadas, a mulher a dias, o escudeiro. ¿ Que feitiços são êsses, Paquerette? Celina era um pouco soberana, e isso prejudicava-a na roda da criadagem...

Um dia, estava êle para partir ao Congresso Anti-pornográfico, que aqui se realizou, encontrei-o nervoso e preocupado.

— Que tens? — disse eu.

— Falta-me Celina. Logo, uma catterva de congressistas entrará nesta casa. Não tenho dama que os receba. Ela tinha tacto e dedo inspirado... ter-lhe-ia mesmo lido umas páginas de *La folie dans le taux ménage*.

— É uma comédia? — perguntei eu.

— Não, tolinha, é um livro de síntese científico-social que trago em mãos.

— Se queres...

— Não, tal missão incumbe a uma espôsa... só a uma espôsa... É preciso que sejamos morais.

Não houve recepção aos congressistas do ilustre sociólogo, e um inverno começou logo, cheio de vento, de chuva, isolador como a peste. Méritac não me largava; exigia-me no seu gabinete, e aí li tôda a colecção de Arthème, desde as *Mémoires dun âne*, ao *Roi Pausole*. Mas eu, que prezo muito a liberdade, fugia-lhe e êle corria atrás de mim. Para próximos e afastados, para colegas e outros, eu era a sua secretária, a sua

dactilógrafa, bem embora eu não saiba pôr os dedos em tais aparelhos. Ele é que pianotava, para dar à casa o simulacro de que era eu.

— ç Minha flor — disse-me êle, uma vez, mais terno que de ordinário — se passasses a morar de todo nesta casa?

— ç E a moral, meu velho?

— A moral está salva. Exerces aqui funções...

— De amante... Não, meu amigo, não. Em gaiola, só os canários.

— Como senhora...

— Senhora de quê?

— Do meu coração...

— Ora, não dá para um *pilaf*.

— Minha senhora... minha mulher... casando.

— É assunto para reflectir.

Trouxe-o em suspensão e em transe muitos dias. A minha hesitação mais o afervorou. Quando lhe dei uma resposta, entre favorável e dubitativa, puxou-me para os joelhos e disse-me:

— E hás-de amar muito o teu papá-zinho?

— Consoante fôr amada.

— ¿Dormiremos na mesma cama?

— Ah, isso não! Não posso dormir acompanhada... Deus me livre!

— No mesmo quarto, queres?

— Se não ressonares?...

— ¿E fiel hás-de sê-lo muito, sim?... Nesse ponto, sou uma fera.

— Nisso não se fala. Estás-me a ofender.

— Bem, bem. Olha... e... o rapazinho... o *gigolo*?

— ¿Qual *gigolo*? Diabos me levem, se percebo...

— Diabos me levem, não se diz. Uma senhora fina não jura. É muito feio...

— Entendido, não torno a jurar.

— Correste então com o *gigolo*... não é assim?

— Qual *gigolo* ou qual carapuça?! Fale claro!

Engasgou, não tornou a importu-

nar-me com devassas da minha vida particular.

Assim se decidiu o meu casamento. Decidiu-se hoje, amanhã encetou-se o preparo duma tal revolução. Estofou-se a casa de novo, trasteou-se um salãozinho para mim, um quarto para Leo, correram-se os armazens de modas e de bragal, distribuíram-se anúncios, solicitou-se por via do patriarcado a bênção de Sua Santidade. Foi um mês de prodigiosa azáfama nesta casa.

Na véspera, portas a dentro, tive com Méritac uma scena de imorredoiro lirismo. De braço dado me levou a prostrar-me ante o retrato de Celina e, com êle, a pedir-lhe vénia para o matrimónio.

— Minha doce, minha inolvidável esposa — dizia êle — tu lêes em minha alma onde há um altar perpétuo à tua memória; tu sabes as desordens de que é capaz um coração deixado só e feroso; tu sabes como a soledade me é insuportá-

vel e necessária a mão, nesta casa, duma dona. Digna-te abençoar nosso enlace, olhá-lo do céu com olhar amigo, e não será um, serão dois a amar-te e a bendizer-te, noite e dia, ora e sempre, até à consumação! ; Esta jovem protesta ser virtuosa e digna de te substituir! Sê-nos favorável! Santa Maria Madalena também transitou até Cristo por senda sinuosa. Celina, Celina, ouve-nos! ; Digna-te receber nossos votos!

Assim mesmo, se a memória me não falha. Contente, duma satisfação beata, levou-me para a alcova nupcial.

— Queridinha — tornou êle — Celina patrocina nosso enlace. Sinto-o na ternura tranqüila que me invade. Beijame...

Beijei-o, e êle, sôfrego, pediu-me mais beijos :

— Um aqui na face, em nome dela...

Anuí.

— Outro aqui na testa, filial.

—!

— Aqui nos olhos, científico . . .

—!

— Na orelha, bregeirote . . .

—!

— Um último . . . na bôca, de amor . . .

Um rolinho, vês tu?!

Hoje com o casamento e prosperidades correlativas, sou feliz, dentro da teoria que me traçava da felicidade. Nunca mais os meus dedos se picarão na agulha a consertar farrapos; as batatas de M.^{me} Violet, deixo-as às virtuosas raparigas que precisam delas. Dentro de cinco, dez anos, o papá Méritac, embrulhado na bandeira tricolor, seguido do Instituto, todo de negro, entrará na glória inamovível da posteridade. Eu quedarei, com o luto e com os seus trezentos mil francos de bens na Picardia, títulos da dívida russa e os direitos de propriedade, tradução e reprodução da *Chasteté* e da *Folie*, livros pelos quais o mundo letrado e honesto se péla e se esportula.

Vai já longe esta carta, muito mais longe do que consentem os meus vagares. De tudo o que perdi, só tenho saudades da época em que nós não sabíamos o que havíamos de fazer do tempo. Talhávamos nêle o que queríamos, tudo, amor, arrelias, vagabundagem, tal como tesouras em papel de embrulho. Era o nosso escravo submisso, e só não se rendia a nós em não se deixar atirar à eternidade, de jacto, aos punhados de meses inteiros e até de anos, a ver se nos trazia a mesada e teu bom papá entrava no seio de Abraão. Hoje sou eu a escrava do tempo: cada hora tem a sua voz, o seu destino: as criadas, os fornecedores, as visitas, o professor de canto, etc., etc. Méritac é o menos absorvente. Aqui está: Paquerette morreu, está bem morta. Não te amofines mais com ela, nem dêes a teus bons papás o espectáculo feio de emagreceres e arreliares as manazinhas sem razão. Para quê? Casa, ama, folga e esque-

ce-me. Esqueçamo-nos, assim o ordena a sucessão espiritual de Celina, que vai em bom caminho. Falta-me, apenas, saber de cor *La chasteté* que a defunta papagueava, trauteava, traduzia em aforismos domésticos para criadas, costureiras, visitas do bairro e da estranja, se Méritac não mente. Lá hei-de chegar...

É hoje o primeiro dia de sossêgo na minha vida movimentada. Méritac tem academia; ouço o chilrear do aparo que escreve; o tique-taque da pêndula inglêsa vai de aposento para aposento como alguêm que procura; Celina não levanta os seus belos olhos de mocidade de sôbre mim e quere-me dizer não sei o quê, talvez que Méritac foi, é, e será *cocu*.

Adeus, para sempre. A que foi

Paquerette.

— Só me esqueci duma cousa — murmurou M.^{me} Méritac, fechando a carta

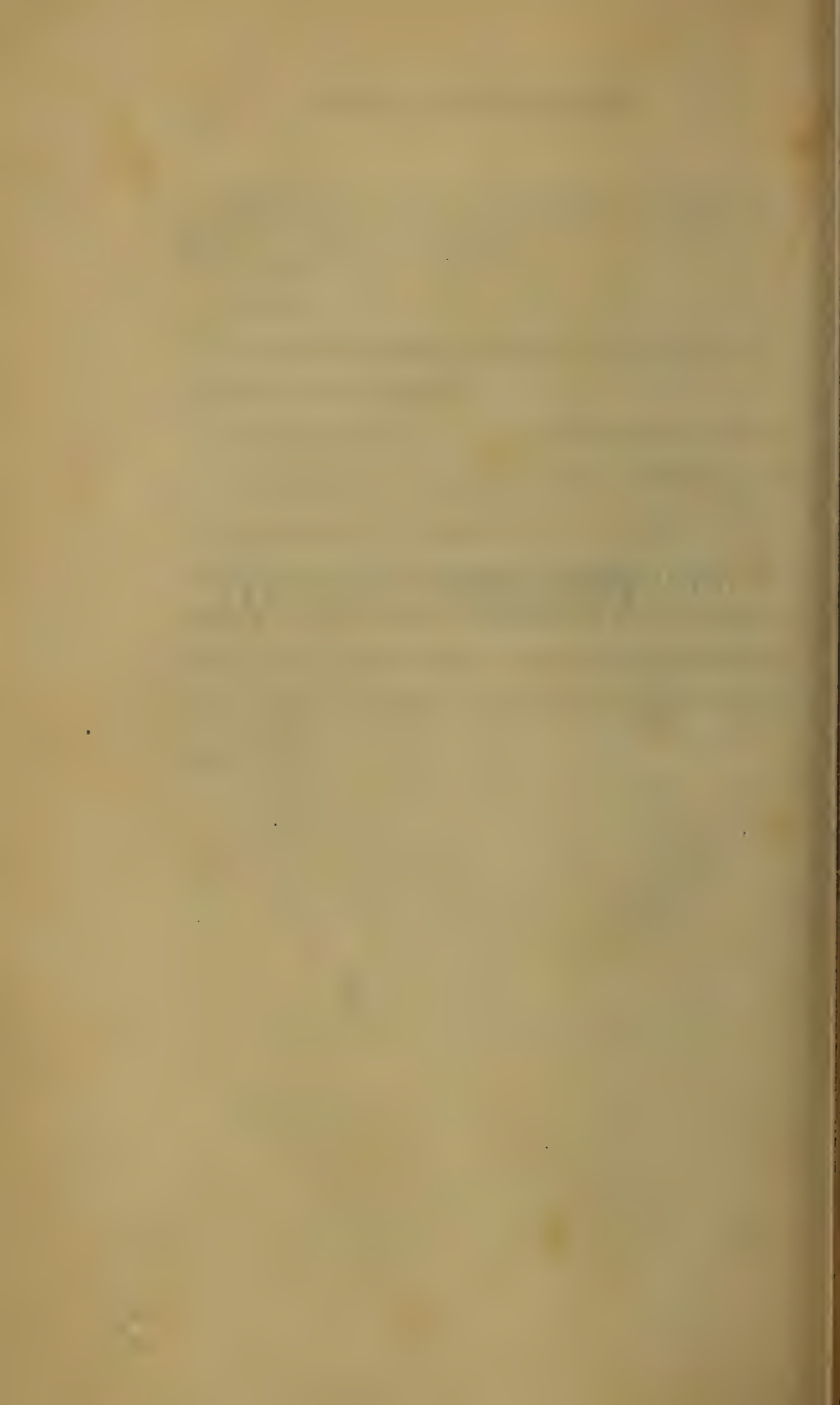
que Marcos acabava de ler — para ser uma confissão sincera . . .

— Que foi?

— Que a minha grande felicidade está à mercê dum tigre.

— Felicidade . . . — pronunciou Marcos sorridente, tornando os beijos que lhe davam — chamava-se assim uma mulher que eu conheci, bonita, mas um pouco sonâmbula d'espírito, senão lunática. Fugiu, um belo dia, com o homem das calças pardas, e nunca mais ouvi falar dela.

O DERRADEIRO FAUNO



O derradeiro fauno

I

Rubicundo, pesadão de farto, a arrotar ao lombo de vinha de alhos, Padre Jesuíno saiu a espairecer para a varanda que a aragem da serra brandamente refrescava. Mangericos e craveiros floriam dentro de velhos potes, e tão abertos, tão medrados, que do mainel trasbordava para a casa e sôbre o pátio uma onda alacre de primavera. Manhã de infinita benignidade — era nas vésperas de Nossa Senhora de Maio, quando ela de andor ao céu aberto avista tudo verde em redondo — apetecia gozá-la ali com cristianíssimo ripanço ao passo moroso da digestão.

Mas argoladas fortes soaram à porta e Padre Jesuíno, em tamancos, as calças presas no abdómen por um negalho, camisa de estopa deixando espreitar pelos bofes a pelúcia de cerdo de mistura com o alcobaça vermelho, cigarro nos beiços, tôda a sua pachorra eclesiástica mais rabugenta que cão dormido, foi ver.

Era a Feliciano, e o Padre Jesuíno rosnou enfadado:

— ¡Diabos te carreguem . . . esqueces sempre a chave!

— Tem de ir prantar os exorcismos a esta desinfeliz — proferiu a ama em voz cantada de dó. — O diabo, que eu arrenego na morte e na vida, fêz pouco dela . . .

O abade abriu muito os olhos e só então se apercebeu duma mocinha — corpo que acaba de espigar na adolescência — que às mãos ambas cobria o rosto e soluçava.

Ao primeiro lance se reconhecia que

estivera nas garras duma fera. Dos cabelos louros, uma trança desfeita para as costas era como ramo de mimosa amarfanhado; outra, descendo-lhe pelos peitos até varrer o chão, lembrava vara florida a que se apoiasse. E, pelos rasgões do chambre, um seio branco, rechonchudo, com mais vergonha que se o próprio Padre Santo António lhe publicasse os segredos, mostrava o mamilo, tão rubro, tão jucundo como o morango primeiro que pinta no morangal.

Chorava em fonte, e suas lágrimas punham no fogo rijo das dez horas um doce refrigério de orvalhada.

— ;| O diabo fêz pouco de ti?! — exclamou o abade. — O diabo é espírito, mulher...

— É espírito?! — redarguiu Felicianna em tom chocarreiro. — ;| E carne e cornos não é? ;| O senhor já não se lembra de ter lido que não foi uma só vez nem duas que ô foram caçar escarra-

panchado na cama com as freirinhas de Santa Radegonda?! ; Não se lembra? ; Homem, ao que come e ao que dorme está mesmo asno chapado!

Jesuino, levando em graça o remoque, pôs-se a carear a mocinha. Mas ela, inflectindo a cabeça sôbre o peito, especara em seu chôro, manso, sem saltos, como de vide aparada fora de sazão.

— Deixe-a, está sufocadinha — tornou Feliciano. — O Baltasar maluco é que viu e é que conta. «Alto como a tôrre; anda que desaparece; com o lume dos olhos acende o lume do mato; êle passa e ficam os penedos a abanar» — ; ora o que há-de ser?

— Todos nós conhecemos essa história — respondeu o abade com ar de rábula — a história do bicho mau que lambe a donzelia às môças enquanto um cristão reza o credo. ; Não nasci ontem, minha rica!

Exaltada, Feliciano invocou o teste-

munho dos pastores e a fé nas Santas Escrituras; e, azêda, puxando a cachopa pelo braço, de chanquinha chocalheira pela casa dentro, despediu.

Padre Jesuíno voltou à varanda mascarando aquela máxima dos ascetas sobre as filhas de Eva: *Non est vel murus, vel pecunia tam difficilis custoditu quam mulier*. Estava um grande dia, e ali ficou mais tempo do que lhe era necessário para rezar terça, consolado do sol que lhe varria o reumatismo dos ossos e, na terra de batatal, puxava cá para fora, pequeninos, verdes e dobrados como orelhas de gato, os olhos nascentes. Nas velhas cepas, contra os muros, os pâmpanos tinham já mais de palmo, e os abrunhos, em suas árvores, eram maiores que os ovos da escrevedeira. E, contente consigo e com Deus, cedendo à idea de que tinha uma certidão de óbito a passar, se foi dali.

No cartório, porêm, os arquejos da desflorada soaram alto, perturbando-o,

avisando duma angústia que parecia sobreexceder o pudor feminino enxovalhado. E Jesuíno, largando a caneta, movido pela curiosidade, um pouco também ao desenfado, postou-se à janela a que uma videira ferral, caindo de alto, se ageitara em gelosia de modo a cómodamente deixar ver sem ser visto. Devassava-se dali o longe e o perto, as abas do povo farfalhudas de primavera e vasando verde até os montes de alê, cobertos ora do gris rastiço do mato ora do negro drapejado das moitas e pinhais, e na esquelha do prédio — que em ângulo se desdobrava — a cozinha e dependências, sôbre as quais a chaminé «à lavradora», corpulenta, perfilava o seu chapelão largo de pagode.

Assestando o olho, através da janela corrida da sala de jantar, de pronto Jesuíno enxergou o lance: Feliciano com um pires na mão, de cócoras diante da rapariga; esta, sentada num mocho, entrecortando os soluços com o beber a

lentos goles por uma chávena. Em volta via-se luzir o verniz das cadeiras de palhinha, e na gaiola de fôlha, preso pelo pé, o papagaio figurava numa daquelas suas melancólicas crises de proscrito, com a cabeça sob a asa, um novelo de lã verde mal dobada.

Com brando geito, sem pôr impaciência nas perguntas, interrogou Felicidade à môça, mal a viu em sua sina:

— Dize lá, tinha parecenças de homem?

—!

— Não tenhas mêdo de falar, não foi culpa tua... A gente pode lá adivinhar as armadilhas que o demo tece?! Não pode!

—!

— Conta lá... Bem sabes que não quero o teu mal. Não o quero aos meus inimigos, quanto mais a ti que nunca me faltaste ao respeito! Escândula, eu, também nunca te dei. Quando andavas de maranha com o meu estudante que é um

galo doido — êle não está aqui que nos ouça — ; aconselhei-te para teu detrimento? ; Que te disse eu? Que lhe não desses trela que isto de Coimbra e tarimba é como amores de freira e flores de amendoeira que cedo veem e cedo vão. Eu não queria encarregos na casa, e bem hajas tu que não fizeste ouvidos moucos. Passou. . . ; Mal-empregadinha o suceder-te a avaria! . . . Aquilo foi por lá tua madrinha, essa zouvineira da Rita Quaresma, que te não pôs por lá a mão com a fé tôda, no baptizado. ; Pobre de quem nasce com má estrêla! Não chores mais. . . és uma feiona a chorar. Chama-te mas é à Nossa Senhora da Lapa que te alimpe da sarna do mafarico. Promete-lhe nove voltas sem fala. Mas agora dize lá: ; tinha parecenças de homem? ; ou de bicho?

Vergonhosa, a mocinha obstinava-se em seu mutismo, até que, muito apaleada, muito afagada, lá contou numa voz mais flébil que fio de água a correr:

— Andava eu pelo pé da Fonte do Vermelhão, a fazer na renda, com ôlho no gado, não me caísse por lá algum anho na cova da raposa. Perto badalavam os chocalhos, mas eu não via rebanhos nem pastores. De repente, ouvi um restolhadoiro no orgueiral e, não avistando uma borrega, disse de mim para com Deus: Dialho da borrega que caíu nas madrigueiras — e fui a correr. Não tinha dado grandes passos quando me senti agarrada pelas costas e, em menos dum amen-Jesus, dei o tombo no chão. Cuidei que fôsse o Baltasar, que lá não é a primeira que faz, e peguei dum calhau para lhe dar com êle ; Ora, sabe vocemecê como se descasca uma peijinha? Assim fácil me abriu os dedos. Depois tapou-me a bôca, a cara tôda... Ai triste de mim! ; triste de mim!

— Fartou-se! — e a senhora Feliana deu um estalo com a língua na pesarosa significação de cousa ruim consumada. — ; Pelos vistos era homem?

— ; Sei lá bem . . . velou-se-me a luz dos olhos ! Quando largou, sim, é que ainda pude dar fé ; a cara dêle era como a nossa tal e qual, no andar também parecia gente, mas lá o corpo era peludo . . . assim peludo como as cabras de Monte-Marão. Unhas tinha-as muito crescidas e mais duras que o aço. Olhe vocemecê . . . — e mostrava nas pernas o sinal roxo de unhas ovaladas, de conformação muito humana.

— ; Não te mordeu ?

— Ergui-me com o pescoço todo lambusado. ; Não sei se cá tenho nódoa ?

— Não tens lá cousíssima nenhuma. Pelos autos, bicho bravo não era ; se fôsse, tinha-te bebido até a última gota de sangue.

— ; Mais me valera !

— ; Não sendo bicho bravo, que seria ?

— Sei lá ! A testa dêle, de lisa, até brilhava. O cabelo êsse é que se me

afigurou basto e comprido como a clina dos cavalos.

— ¡... Como a clina dos cavalos!
— repetiu admirativamente a senhora Feliciano. — Credo! ¿Porque te não encomendaste ao Santo Anjo da Guarda?

— Tinha a cabeça a zoar... só pensava que me ia comer.

— ¡Sois umas brutas! Pois ali é que era chamares-te a todos os santos e santas da tua devoção...

Admoestada, a môça recomeçou nos lamentos e fatídicos oxalás. Dando à cabeça, a senhora Feliciano tinha o ar parvoinho de curandeiro, chamado a decifrar um récipe de facultativo.

— ¿Demorou muito lá nos feitios?

A rapariga arqueou os ombros, no embaraço de não saber certificar: oh, faltaram-lhe de todo tremelhos para contar o tempo. Num rufo, ou num século, não tinha idea. Pareceu-lhe que era o mundo que passava por cima dela, depois que

agarrada ao mundo voava pelo céu fora. Nos olhos, revoadas de branco, vermelho e negro subiam e desciam em torvelinho. Depois fecharam-se-lhe as pálpebras e adormeceu. Quando voltou a si, já o quer que era largava.

— ; Pobre criaturinha de Nosso Senhor! ; Pobre criaturinha de Nosso Senhor! — levantando-se, exclamou em alto e comovido tom a senhora Felicidade.

Padre Jesuíno viu-a enxugar uma lágrima, desaparecer, volver passados instantes com uma saia, chambre, camisa, tudo de bragal muito branco, de certo para a mocinha se mudar. E ela própria se propôs vesti-la, mandando-a erguer, pôr-se a geito de primeiro largar os mondongos. A Micas, porém, acobardava-se e Felicidade que não tinha o ânimo sofrido rompeu a bravejar contra uma esquivança tão tôla de mulher para mulher.

— ; Que tal está o pelêm? Olha que

estas mãos que aqui vês já ajudaram a vestir muita senhora de dom. ; E não lhe pegaram a sarna!... Vá, desacolcheta-me êsse fradil... puxa... deixa cair ao chão que se não enegra!

A môça obedeceu intimidada, quedando a meio da sala nua como a mãe a prantou no mundo, na púdica torsão de virgem surpreendida pelos olhos dum deslavado. A senhora Feliciania adiantou-se, recuou, dobrou-se sôbre ela, mirando-a bem dum lado, mirando-a bem do outro, à busca por certo dos sinais que deixara o desflorador. Se bem que trigueirinha de rosto, a carne era branca, com leves tons de rosa nas conjunturas, doirada de velo loiro nas axilas e na região secreta. Estatura sôbre o mediano, sua cinta era tão estreita que quase cabia no acincho de fazer os queijos; tinha o ventre escorrido, sêco, e as ancas desciam mais arredondadas e certas que os lados dum cantarinho; mais acima, os seios eram dois cógulos

de coalho em que tivessem caído duas pétalas de rosa, e o pescoço, mais alto que de razão, parecia na parte que se sobrepunha ao chambre, de andar à queima do sol e do vento, cingido duma larga gargantilha de oiro velho. Todo o corpo, entre fresco e madurinho, tão enfeitado de graças que se dissera de fidalguinha, de pastora não.

Padre Jesuíno, pôsto que entrado nos sessenta desde o S. Mateus, não perdera ainda a faculdade de admirar uma bela natureza de mulher. Nus, agora, só os corpinhos dos neófitos lhe passavam pelas mãos calosas. ; Deixá-lo, aldemenos aos olhos, emquanto o viático lhe não entrasse a porta, ninguêem poderia roubar o condão de ver!

Elevá-los, com a hóstia, no ofertório, enlevá-los sôbre as maravilhas terrenas do Senhor, era sempre adorar a divindade. E forte desta moral, Jesuíno seguia atentamente o exame de Feliciania. Aquele corpo era luxurioso e fascinante,

dos tais que tornariam tôda uma noite de inverno um só instantinho de céu. Bem excogitado, porêm, outros sinais de violência não mostrava além das dedadas nas pernas. E tal comedimento num bicho e tal aspereza num homem tolhiam-no de formar um conceito razoável sôbre tão singular passo.

Antes de enfiar-lhe a camisa lavada, desprendendo até êle os incensos vegetais do estendedeiro, Feliciano deteve-se a cobri-la dum olhar último, remissivo. E, provávelmente, achando-a também núbil, com um ar fragrante de acácia em flor, rindo-se proferiu :

— Não vá a tua desgraça mais longe que agrados não te faltam para caçar homem. Tens até de sobra... Deus te guarde, o bicho que foi não era mau entendedor!

Arreiadinha de fresco, penteada, a Micas Olaia amanhecia outra. Feliciano exultava :

— ; Vês como a minha roupa te vai

bem! Quem te vir e te não conheça, toma-te por uma mestra régia. Apanha mais a saia... assim... Eu quando era nova, também sabia luxar. ;çVá, sempre queria ver se alguém no povo te fazia isto?!

As tamanquinhas de Feliciano estreloçaram e Jesuíno desviou-se da janela. Em seu espírito ficava assente que a rapariga fôra violada de maneira que não fazia honra ao seu instinto de mulher. ;çQue dissimulasse...!? Ná, aquelas coisas escondiam-se e ela não escondera, e, uma vez publicadas, explicam-se e ela não sabia explicar. Mas bicho... Fera não. Diabrete? Verdade que a casuística da confissão previa o incubato com o demónio. O incubato? Lampanas! Mas também é certo, no mundo dos fenómenos há mistérios para os quais a melhor classificação são ainda estas palavras absurdas... — e o senhor abade assim matutava, quando Feliciano apareceu com a môça a pedir novamente os exorcismos,

Travando da bolsinha de chita com a sobrepeliz, o barrete e o ripanso, Jesuíno saiu logo com elas direito à Igreja.

Lá fora, no largo de S. João, o povo andava de alevante, como se o campanário houvesse dado voz de *franceses à vista*. Tinham-se esvaziado para ali as casas e as hortas, e mulheres, pastores, homens armados de espingardas e forquilhas para irem bater a Serra, em gamas ásperas e aulidos comentavam. Com o corredoiro, os gados que voltavam da pastagem matinal estancaram ali a monte. E, assim tumultuoso, só arraial de nómadas ao erguer das tendas e atafais

Mal se apercebeu da Micas Olaia, a par do abade e de Feliciano, a turbamulta convergiu para êles e envolveu-os. Falavam uns confusamente, à characina, erguiam outros o punho fechado em ameaça. E era um nunca acabar de fisionomias lorpas de sensibili-

dade e de dizeres pernósticos em volta da criatura :

— ; Isto foi façanha de vagabundo !

— ; Qual, foi mas foi de lobisomem !

— Juro pelas meninas dos meus olhos

— protestava um *brasileiro* — que só pode ter sido urso sábio ou chimpazé escapo da jaula aos saltimbancos.

— ; Não culpem, não culpem homem nem fera ! — rompeu a clamar a senhora Feliciano — ; Culpem mas é o diabo negro do inferno que já pela bôca verdadeira do Baltasar doidinho o apontou o Deus que tudo vê e tudo sabe !

O Zé da Venda torcia os lábios, incrédulo.

— O Diabo !? Tem as costas largas o Diabo — acabou por proferir com evidente desdêm. — Aqui m'amigos, quem armou armou à mulher nanja à cristã. Coitanaxa, que se chame à milagrosa Virgem Santa Eufémia para que o estrago não vá mais longe . . .

— Não há dúvida — retorquiu a môça

do padre — a Virgem Santa Eufémia, que ajuda tanta mulher a bem parir, bem pode livrar esta desgraçadinha da preñez. Pode. Agora lá quanto a que o demónio se disfarça em chibarro e outras alimárias para fazer pouco das donzelas, é mais que sabido. ; Olhem que a S. Felipe até em trajo de madama se lhe apresentava, o grande cão! ; Está ou não está escrito, meu senhor?

— Está escrito — respondeu Jesuíno, cujo ânimo a nada era mais acessível que à comodidade.

— Grande coira! — dizia gingando a um canto o pai da rapariga, a quem «para a sossega» tinham atufado de vinhaça — ; Quere fazer acreditar que não foi homem que se deitou a ela!?... Eu bem sei dos maninelos que lhe andavam a cheirar às fraldas... ; Bâcora, até o Baltasar maluco trazia babadinho!

— Mas não me quis! — rosnou o doído. — ; Sanxa-marranxa, mais lhe valerá! — e em geito pezaroso, por guina-

nas, jogava as mãos ao céu abertas e membranudas como asas de morcego a voar.

— ¿ Tu viste-lo, Baltasar? — perguntou padre Jesuíno.

— O Papa-môças? Vi, pois não vi — respondeu êle num vozeirão soturno como engrossado por borrifador — Nem o demónio lhe ganha...

Rebolando por cima das ovelhas amadornadas com a cresta, a Ana Olaia, sôbre cujo busto o chaile traçava uma grossa cruz amarelenta, cara terrrosa, sôbre o comprido, polvilhada de cabelos russos, amaldiçoava a sua cadela de sorte e a hora em que a mãe a deitou ao mundo. E a sua voz tinha a plangência lastimeira, penetrante, dos aleijadinhos, na rampa dos arraiais.

Num alarido rompente de chocalhos e brados de arreta! aqueiba! toma aqui, cornuda! os rebanhos começaram a repartir-se do largo ao sabor das suas lojas. Já os rafeiros, circunspectos uns,

pisamansinho outros, desfrutavam na *Farrusca* da Olaia e no *Raboto* de Jirigodes, êle muito triste e esbodegado, ela amolecida mas airoso, o cómico e nauseabundo enliçamento que succede no amor dos cães. Não restava à beira dos muros o mais delgado cordel de sombra.

Debandaram as últimas cabeças, calou-se o murmúrio chôco dos últimos chocalhos, e os homens armados de escopetas, gadanhos, facas da matança, sachos de peta de longo cabo, ordenaram-se em coluna. Já Pedro Jirigodes, inventor de laços e batedor de montes, cabeça de bronze que as sobrelhas dum negro brilhante e contínuas e o bigode também negro retinto e repolhudo marcavam duma sombra de dureza que nem o sorriso corrigia, botarra de prateleira e polainas, cinto reluzente do cartuchame, se pusera à frente e comandava.

— Se fôr bicho, há-de saltar! — exclamou um matulão equipado de raiúna.

— ¡Esfola-se vivo, se fôr homem!

— ¡Capa-se!

— Corta-se em postas e deitam-se aos corvos.

— Sendo diabo, racham-se-lhe os chavelhos.

Pedro Jirigodes dirigiu-se ao abade a dar-lhe recado da expedição.

— É pena que o senhor abade não venha connosco — disse salvando — V.^a Rev.^{ma} ainda mete melhor um tiro do que reza o padre-nosso.

— Vá que o amigo também não deita pólvora ao vento — respondeu Jesuíno lisongeadado.

Entretanto que discutiam a estratégia da batida, trepado a uma parede, o Baltasar maluco arengava:

— ¡Ouvi, ouvi, almas de Barzabu!
¡ Tanto faz correr como saltar, ao Pa-pa-môças não chegais!

— Porquê? Porquê? — bradaram muitas vozes.

— Não lhe chegais... Tem vista de

águia e não é águia; a fôrça do leão e não é leão; o ardil da raposa e não é raposa; o entendimento do homem e não é homem.

— Então que é? — gritou um ferreiro desvairado.

— É o que é! — bramiu o doido, torcendo o focinho num esgare de nojo ao mundo tôdo.

Cem olhos olhavam-no, embasbacados. Ao alto do muro pareceu a Jesuíno uma cariátide, destas talhadas em arco e dolorosas, que acabasse de atirar para trás dos ombros a tribuna tôda duma igreja. Descalço, cabeça ao léu, um vincilho de giesta a segurar os calções, um colete de farrapos a esconder o tronco, lembrava Oseas, saindo duma lura a amaldiçoar a vida. Só tinha olhos; só tinha mãos. Olhos imensos como de boi; mãos largas e magras como espadas. Temiam-no porque era assim incompreensível e profundo como a noite pelos céus fora. Andava a monte

com os lóbos, uns dias tôdo papa-la-as-sorda, outros mais ruim que um saco de lacraus, com a arávia fazendo rir e chorar as pedras, consoante.

— ¡Almas de Barzabu, ficai certos que não lhe chegais!

— ¡Deitem cá abaixo o padre prègador!

— ¡Dêem-lhe uma sova para não demorar a gente!

— ¡Cortem a língua ao bruxo!

O doido estacou, dobrado para o tumulto, mais acalcanhado que a sombra dum viandante ao puxar-se por uma ladeira acima quando o sol está à roda do meio-dia. E, estendendo a beiçola, pôs-se a repetir, em mímica, o que acabava de dizer.

— ¿Que tens que dar à cornadura, Baltasar?

— ¡Não lhe tocais...! — repetiu em voz rouca e gesto desordenado.

— Deixem lá êsse noitibó do inferno — berrou Jirigodes. — Vá, rapazes,

ala, o sol está a virar e a Serra é grande.

O Chico Raposo souou a trompa num arremêdo de clarim. E, trop-trop, a hoste bárbara rompeu em marchã, abalou.

Saúdoso dos bons tempos, quando de rijas pernas estafava um bando de perizes, o senhor abade foi esconjurar o Demónio do seio mimoso da zagala.

II

José Quaresma, presidente da junta de paróquia, lançou uma finta; sua filha Leopoldina e a tia Quaresma tiraram, de porta em porta, por aquela corda de povos, a esmola para S. Sebastião; e, no último domingo de Setembro, já os campos, borrifados pela névoa, se cobriam da penugem rubra dos centeais nascentes, pôde celebrar-se em Roufins a festividade propiciatória ao mártir glorioso que advoga junto da cúria celeste as aldeias montesinhas contra malinas, andaços e mais flagelos que, a não se lhes descobrir caminho, devem manar do céu. Veio de sermão encomendado o padre Jesuíno, que era por ga-

lhardia de parecer, largura dos peitos, afoiteza no gesto, em tudo apesar dos sessenta anos, o perfeito prégador. De minuto a minuto, até o meio-dia, em suas éguas pretas rabonas, foram apeando os curas das redondezas que vinham acolitar. Rogou mais o Quaresma a charanga de Vila Leboreira tão sabida em capela a magnificar ao Senhor, como em arraial a fazer virar um danso. O povo, largando as ovelhas paridas e os porcos no chambaril, levantou dos lugares e, tôda a santa manhã, moroso, engoiado nas capuchas tristes, encheu os caminhos da sua sombra movente, penitencial.

Pela longa Nave fora, no desdobre dos vales e no escorregadoiro dos tesos em que latejasse alma, sonhava-se, havia semanas e semanas, com o fim dos tempos. O sinal dava-o o monstro, tão misterioso como contumaz, que de uma em uma roubava a flor às donzelas mais prendadas e casquilhas. Zagalas e va-

queiras, môças de jorna e morgadinhas, em despeito dos resguardos e esconjuros, sofreram a desfeita temerosa. A breve trecho, num circuito de muitas léguas, não havia aldeia ou almuinha que não fôsse provada por aquele génio estranho de concupiscência.

Debalde o serrano apelou para homens da governança e santos bons advogados. A serra que, com os seus câncaivos de leiva gorda lhes enchia as arcas de grão e os palhais de palha, lhes fartava rebanhos e boiadas, e, ano por ano, os abastecia de lenha para a fogueira e de mato para os estábulos, oferecia ao pujante padreador velhacoito seguro e indevassável. Scismaram ainda em lhe pregar o fogo de lés a lés. Mas, além de que seria deitar a correr a fome negra, defesas ao incêndio havia planuras calvas, barrocais e morros calçados de lájea, com cafurnas onde acoitar-se um batalhão de ogres. E, que assim não fôsse, salvá-lo-iam os jarretes mais

ágeis que de cabrito bravo, que lhe permitiam de violar no mesmo dia, à tardinha, uma cachopa de Nacomba, e, logo às trindades, uma mateira de Pendilhe, a três léguas das velhas, por atalhos onde não consta que santo rompesse as sandálias.

Batidas sôbre batidas foram levadas a cabo pelos homens válidos das povoações, mediante o levantamento em massa. Ao toque de buzinas, espoletas bem escorvadas, podengos e mastins aos rastos, calcaram bouças e espiolharam penedais. De tempos em quando, fusilaria nutrida crepitava; vozes de boca! pega! repercutiam nos ecos espavoridos; e, da surriada, sucedia erguerem morto o raposo inexperto ou o caçapo maluquinho, logrados pelo espavento, ao farandolar na relva ou ao dormir a sesta. Do decantado bicho mau, nem pègada.

Acabaram por desistir; era combater com o ar, que de ar ou elemento pare-

cido devia êle ser feito, e com a montanha, coisa assim incomensurável e inviolável como Deus.

Em algumas freguesias, os párocos, trepando aos visos dos montes, de cruz alçada, benzeram o têrmo; gargantearam os exorcismos de Santo Ambrósio arcebispo; chamaram em latim, mais os fiéis, por santos, patriarcas e confesores; foi como as cigarras, nas segas, a pedir orvalho ao céu em fogo; a bestiaga não sofreu mordança nem tropeção.

Redobraram de sentido; pastora não saía a monte sem a escoltar homem aparelhado dos pés à cabeça de armas e de escapulários. De noite, os mais arditos pernoitavam de plantão na boqueira das ruas e na encruzilhada dos caminhos; acendiam lumaréis pelas eiras; andavam em rondas pelos quintais e de espera por detrás das paredes. Muitas noites, aldeias inteiras não fecharam olho, sobressaltadas por um rebate falso

ao pegar do primeiro sono. Ao cabo de tempos, os serranos andavam derreados de pavor e daquela trabusana de guerra.

Os povos deram, então, largas às versões mais maravilhosas. Se não era homem, que eram aquilo andanças sôbrehumanas, nem fera dos bosques que tinha discernimento, nem diabo que lhe minguavam os galhos, nem lobisomem que se movia sôbre dois pés, ¿que seria? Velhos pernósticos, nados entre as almotolias de barro, deram corpo à crença do Anti-Cristo, debutando em seus flagícios com forçar as donzelas. Em tal asserto destoavam, porêm, os espíritos realistas que, em negócios de amor por brando tagaté ou raivoso geito, viam sempre uma violência bem vulgar dêste mundo.

Foi nestes auges que o Quaresma que além de devocioneiro votava o disvêlo mais cauto à integridade de Leopoldina, pucela viva do sangue e taful

de agradados, gisou e realizou uma tão aparatosa comemoração do Mártir. Deitou bando, tributou a paróquia, e muito teria ainda que esportular da algibeira, que os eclesiásticos por dar dão como dizem os sinos de Santo Antão. Embora, dentro duma opa vermelha de festeiro, mesmo rente ao andor do milagroso S. Sebastião, atado nu a um galho de árvore, passou as horas mais solenes da sua vida. O senhor padre Jesuíno colhera no Apocalipse o tema do seu sermão: *Et iratus est draco in mulierem*. E, a par e passo que narrava as proezas do valeroso capitão de Diocleciano contra os príncipes das sombras, fazia galopar pelos céus abrasidos as bestas de sete cornos que o Evangelista anteviu para a conjunção máxima dos orbes. A velha e a nova choraram. A peroração, porêm, a igreja tôda tomou o ar desvairado da era milenária. Bramia-se, uivava-se, ronquidos surdos de angústia, nasais, estrídulos, romperam

igualmente da turba dos homens e da turba das mulheres. O prégador debruçara-se com êles, de olhos esbogalhados, sôbre o hiato do inferno. E, foi ainda de braços erguidos tanto a implorar com fervor como a interceder com ira que, transportando-se acima dos corações como na Serra a águia acima das penhas, lançou a súplica derradeira :

« — Senhor Deus, vossa ira já excedeu os trilhos costumados da inefável Bondade.

« ¡ Aplacai-vos, Senhor!

« ¡ Amerceai-vos, Senhor, destas terras desventurosas!

« ¡ Tende piedade, Senhor!

« ¡ Abençoai as virgens que vos oram, e preservai-as do labéu, Senhor!

« ¡ Escutai as atribulações dêste pai de família, êste honrado José Quaresma, por indústria do qual aqui hoje vos dignificamos, Senhor!

« ¡ Ponde a mão sôbre a fronte angé-

lica de sua filha Leopoldina, uma açucena nos montes, Senhor!

« ¡E, junto do Soberano dos Soberanos, a vós nos recomendamos, ó vencedor de César e da morte, glorioso S. Sebastião! ¡a vós, Arcanjo S. Gabriel, gládio percuciente do Paraíso contra os espíritos rebeldes! a vós potestades, tronos, domínios, anjos, serafins e querubins, que da claridade infinita vos alimentais! ¡a vós, Virgem Santíssima que, benigna como sois, com cólera esmagastes a cabeça do dragão! e a vós, também, bem-aventurado Padre Santo António, plenipotenciário no céu dos portugueses, a vós todos nos recomendamos para que nos livreis desta hidra de Lerna da luxúria, guardeis as donzelas à sua pureza, ao varão limpo que, em paz cristã, constitua a estirpe que vos adore ora e sempre até à consumação dos séculos. Amen».

A banda atacou um ordinário heróico

e o senhor Padre Jesuíno desceu para a sacristia, vermelho como o estandarte vermelho do Santíssimo, acotovelando na passagem aos paroquianos convulsionados de atrição, ao Quaresma em abraço fraternal com o Matias alfaiate, os quais, há obra de um ano, desbaratavam a fazenda num pleito em que era matéria de crime uma ovelha manca e lambareira. Leopoldina tinha já a mesa posta sôbre os arcazes e, nela, uma canja, só a ôlha, coberta do oiro líquido das enxúndias, fumegava uns vapores tão aromáticos que até a Nosso Senhor Jesus Cristo da parede pareciam acordar da morte.

— ¡Viva a minha flor! — disse êle, açoutando com as pontas dos dois dedos que erguiã a Deus o rosto rubicundo.

— Beba, enquanto está quente — proferiu ela, num tom imperativo de confiança. — Beba... pode apanhar resfriado...

— Dizes bem — e, empunhando a tigela, virou-a dum trago.

— Não estaria a seu paladar...
— murmurou a môça.

— ; Estava divina! — respondeu lambendo o beijo, atenezando com um beliscão o braço da cachopa, muito aprumada no quadril enxuto, os olhos pretos e vivos a folgar na pele trigueirinha do rosto, como tentilhões numa manta, cheia de trigo ao soalheiro.

No altar-mor, o celebrante pronunciou o *orate-fratres* e, lá ao fundo, no côro, as vozes e a filarmónica exaltaram o mistério dos mistérios num adágio doce. A mocinha a despedir, entrou o José Quaresma, os panos da opa vermelha a fraldejar menos penitência que a glória dos arraiais com vinho nas pipas ramalhudas, andores, cabeças rachadas, morteiros sujando o azul sem tacha dos céus agradecidos às almas.

— ; Que tal o sermãozinho, amigo Quaresma? — interrogou o padre.

— Não há que dizer, uma perfeição de ponta a ponta, meu senhor. Estes que a terra há-de comer nunca ouviram melhor. ; Até o pedreiro-livre do Queiroz se pôs a chorar, o grande demonho! Agora, meu senhor, bem joga o da pela mas perde a ela. Quando Deus não quere, santos não ajudam. Bem pode ser que o bicho mau fique na fresca regaleira.

— Qual?! A estas horas já deu estoiro no inferno.

— Pois sim, sim, mas sempre ouvi dizer que muito fiar em Deus é de san-deus. Aldemenos, que não venha enxovalhar a borrega...

No côro, ao passo das orações secretas, a orquestra desferia uma ária lenta, melancólica como a agonia de Deus sobre o morro, ao sol poente. E tão branda e imponderável era que se ouviam lá fora, nos beirados, chiar os pardais, e se percebeu na nave soçobrada em modorra mística todo o

agravo ao silêncio, um balbuciar de menino, a cochichada das rezas, o pigarro dum padre. E, na morna morriinha que soprava da igreja e engrossava com o vazio da sacristia, o santo sacrificio foi passando por sôbre êles, de cavaco sôbre colheitas e fenos, patético no *Agnus Dei*, triunfal no Evangelho de S. João.

Breve, ainda o abade do Touro, naquela sua voz encatarroada do cigarro matinal, não garganteara o *ite missa est* e já o alevante soara, rumoroso, arrastado, como por grande caterva a largada duma faina. E não tardou que a padraria tôda entrasse de roldão a desparamentar, zangarelhando, cruzando cutiliquês conforme seu desafôgo de homens naquele trânsito da rigidez hierática para o mais sôlto à vontade.

Leopoldina reapareceu a chamar suas reverendíssimas; e largando logo toque-toque, ruéla abaixo, puseram pé em casa do Quaresma, com os cra-

veiros já secos ao balcão, a rescender ao fartum das tulhas e da queijeira. Na sala, de teto em pirâmide, com espigas de milho enormes e teratológicas pelas paredes, uma vista muito amena para as hortas, a toalha, longa como vela de navio, estirada através de duas mesas da escola, cedidas bizarramente para o fim, os reverendos abancaram. Eram mais de vinte, do arciprestado e de fora, de molde quase todos a realçar, como a Paulo os apóstolos, o Padre Moura Sêco, homem de invejáveis letras tanto sagradas como profanas, com laivos de erasmista, verbo acostumado às alturas da Sé de Lamego e à humildade das ermidinhas rurais. Marcavam também Padre Aurélio, filhote dos sítios, abade em Moimenta, dos mimosos do Espírito-Santo; o Padre Januário de Vila da Rua, em seu saber poeirento um autêntico florilégio de frade beneditino; o abade de Peravelha com ar de fugido a uma iluminura de crónicon; o presbí-

tero António de Santa Maria que, sem igreja própria, forrageava forte e feio nas igrejas lautas dos beneficiados; o Padre José do Amaral, espadaúdo serrano que três freguesias, Nacomba, Peravelha, Ariz, escorraçaram ao toque dos sinos com surriadas de trabuco, insigne na arruaça e na devassidão; o Padre Zé da Lamosa, velho como uma bula do Papa João XXI, físico de santo embalsamado, com boleto ainda, pelas redondezas, em casa de mais de uma viúva ou mulher com marido por longe; o Padre Chança de Águas-Boas com a égua branca e as suas mãos finas e rosto pálido de jogador; o Padre Jacinto, que no meio da hilaridade erguia o lábaro de Cristo; o abade do Touro, anafado, bochechas afáveis, pai de filhos e lavrador, e outros, quase todos bons garfos, todos amigos da mulher, do vinho e também de Deus, em conformidade com o múnus que exerciam. E ainda alguns havia afamados pelo espí-

rito de ganhuça, e anónimos pela vida modesta entre duas cepas de vinha e uma ama velha.

Sem detença, nas mãos destras de Leopoldina, appareceu a terrina de sopa, rescendente, profunda como cisterna de mosteiro, larga como pia baptismal.

— *Paulo majora canamus!* — proferiu vergilianamente o abade da Rua, por sôbre as coroas, entretidas aqui e ali a prelibar num quodore e mordiscando o pão.

Padre Jesuíno empunhou a colher a rôgo de Moura Sêco, e foi servindo feijão barriga de freira afogado em caldo perfumado a tromba de porco e mão de vaca.

Suas reverendíssimas, em jejum ou mal lastrados com o arrebenta-diabos muito matutino, debruçaram-se sôbre a sopa, silenciosos, atentos à manobra. Apenas, na cabeceira da mesa, o Padre Moura Sêco, inveterado jogador do entendimento, continuava a discorrer. E

a sua voz, levemente áspera da laringe metalizada, com seu intôno de catequese e as breves pausas da deglutição, parecia, sôbre o ruído dos talheres e dos queixais, a lenta e claudicante leitura de cada dia num refeitório conventual.

— Para mim, não resta dúvida que é um só e não muitos, como por aí corre o autor destas violências — dizia êle. — E querem saber em que me estribo? A própria impenetrabilidade em que tudo isto se envolve, compatível com um, já mal explicável com dois, de todo absurda daqui para cima; e, além disso, a analogia que se pode observar na forma como os desacatos são perpetrados acometida imprevista, em geral, no meio dos bosques, ou nos caminhos solitários; o tronco ileso; as infalíveis escoriações na parte polpuda das pernas.

— O que acho singular — emitio Padre Aurélio — é que as desfloradas não forneçam uma idea cabal do agres

sor. Dir-se-ia que a cousa se passa em plena treva.

— Tambêm me intrigou essa circunstância — respondeu Moura Sêca. — Mas consultei umas e outras e tive a explicação do facto. As vítimas são derrubadas dum modo fulminante; é uma rajada que cai sôbre elas, as sufoca, lhes tira de todo o uso dos sentidos. Inconcebível, como se aqui se tratasse do *monstrum exitiabile, ira telluris gentium*, como reza um poeta da baixa latinidade de que eu muito gosto.

— Contudo alguma coisa teem dito — aduziu o Padre Chança — e nisso são concordes...

— Sim, mas pouco mais adiantados estamos. Que o corpo é coberto de vello, a face branca de neve, os dentes alvos, de lobo, que dá pulo que não há parede que não azangue nem cão corredor que o alcance, sabia-se desde a primeira hora. O mistério persiste indecifrável. Elas teem só ocasião de o

observar quando levanta . . . para desaparecer.

— Um Holophernes.

— Pior, muito pior. A rapariga de Ariz que é uma toira, e em desafios de fôrça prega em terra com os rapazes da sua idade, conta que se sentia nos braços dêle como levada num borborinho. Não a molestou, como não molestou às outras, mas privou-a de tôda a possibilidade de resistência. Só os gaviões fazem assim aos passarinhos.

— As autoridades deviam tomar providências — disse o abade de Peravelha.

— As autoridades são impotentes — contestou o Padre Jacinto. — Deus o trouxe, Deus só o pode enxotar.

Neste momento mostrou-se à porta a cabeça rotunda, de Caracala, do Padre Pires, entre o Quaresma e Pedro Jirigodes, amigos inseparáveis. De palato regalado da sôpa succulenta, suas reverendíssimas acolheram o colega de ventre escorreito de mal comido, nariz pin-

gão do cieiro, com uma assuada amável. Mas êle não ria; e, circunspectos ante êle circunspecto, atónitos ouviram:

— A fera violou, esta manhãzinha, uma môça da Lapa quando vinha para a festa. Tinha dezasseis anos, loirita, ao que dizem um peixinho de se lhe lamber os beiços.

— ¡Oh! c'os diabos!

— E' o que lhes digo. Estão lá fora os irmãos que contam.

Os abades tinham estacado de garfo no ar, carregado de barbela; da cozinha levantaram as mulheres tôdas e, estarrecidas no traço da porta, dentro da moldura negra do taipal, contra o fundo gris da pilheira, tomavam as proporções de santas figuras dum retábulo espanhol, em que Leopoldina fôsse a Virgem Maria.

— ¡Deus anda de guerra com os homens! — murmurou o Padre Jacinto num tom cavo de iluminado.

Suas reverendíssimas iam-se reco-

brando do pasmo; já, de voz afoita, o padre Amaral berrava:

— Abade de Barrelãs, abanque e esqueça connosco, diante dêstes bons pitéus, as misérias dos tempos.

O Padre Pires assim fêz, amezendendo face a face de Pedro Jirigodes, sócio necessário daquela festa.

— Mensageiro de Deus ou do Diabo, não sei — referia na cabeceira da mesa para o Padre Jacinto o Padre Moura Sêco. — O que êle possui, em alto grau, é o instinto apurado na arte da fêmea. ; O colega ainda não reparou? Não lhe serve uma qualquer, não lança mão ao puro acaso, não senhor. As suas vítimas são as guapas, as bem-feitas e sempre no ponto de passagem da adolescência para a puberdade. As que não entrarem neste condicionado, estão isentas. Não me consta que velha ou mal herdada de natureza tenha sofrido o enxovalho.

— ; Que refinadíssimo marau! — exclamou galhofeiro o Padre Chança.

— Um sibarita! — continuou rindo Moura Sêco. — Não há que mascar, o patife tem o faro da juventude e o ôlho brejeiro e certo dum D. João.

— O ladrão leva tudo raso — vociferou o Padre Jesuíno, que só tinha filhos e era até bonacheirão com o Demónio — Em poucos meses abocanhou as serigaitas mais tenrinhas da Serra. Ó Quaresma, estamos às escuras, esta pichorra deu o que tinha a dar.

— Aí vai já Sr. Abade.

— Começo a estar composto — disse o Padre Pires para os colegas da direita, batendo no ventre com a mão papuda. — ¡Encanava por essas ruas um vento... o excomungado dum boisana...!

O Quaresma trouxe o cangirão cheio, a chilrear de sua espuma côr de rosa o hinozinho doce da regaleira. E foi enchendo os copos.

— ¡Atesta, Quaresma, atesta! — exclamou o abade de Barrelas. — Uff! cheguei com um taró!

— Pois beba-lhe. O forno aquece pela bôca.

Na outra extremidade, a doutoral, os curas continuavam discreteando. Já o abade da Vila da Rua, com sua sciência enciclopédica de cartulário medieval, saía a terreiro, até ali mudo como um peixe e diligente com a faca como formiga, que tal era a etiqueta do seu estômago por bródios e jantares abaciais. Era, todavia um fraco comedor, mas mastigando com as gengivas, despidas quase de dentes, repastos em comum exigiam-lhe uma longa e exaustiva canseira. O Padre Aurélio interpretava, numa linguagem que ressabiava à ordenação recente, a categoria do *encoberto*.

— Não há tópicos bastantes para lhe lavrar a fôlha de identidade, está entendido; mas, por outro lado, sobram já elementos com que se forme o que poderíamos chamar a sua ética...

— Vejamos — proferiu o Padre Jacinto, atento na roda atenta.

— *Primo*: se rejeita umas e só se tenta por outras, é um ente com faculdades de arbítrio. ;É ou não é?

— *Concedo*.

— *Secundo*: quais escolhe? As bonitas. É, portanto, susceptível de gôsto, ia mesmo dizer, um delicioso. Isto é um dom raro das criaturas.

— *Nego* — confessou o Padre Jacinto — os dons são o imaterial, do puro entendimento, e aí só vejo em jôgo o instinto da torpeza.

— Santo Agostinho chamou à formosura lume cheiroso da graça. O facto é que êle sabe distinguir entre mulher e mulher; vai direito ao lume cheiroso; não se engana. Imanente a êste hábito de selecção ; não existirá, colega, o poder dum dom muito espiritual?

Lá do fundo, o Padre Jesuíno, de pé, em riste a travessa em que acabava de espostejar dois loiros capões, vozeava:

— ; Sabichões lá do cabo, vai um naco de frango?

Durante minutos ouviram-se apenas as vozes gulosas e o rascanhar das facas, amputando. Padre Aurélio saboreou do prato, bebeu um bom gôle de vinho e, satisfeito, proferiu para Moura Sêco:

— ; Não me dá razão?

— Assim se me afigura — respondeu êle com acento de benignidade. — Há outra circunstância que omitiu e merece ser ponderada: não há memória de que o estranho ser volte a cobiçar-se da sua vítima. ; Curioso, o abraço do monstro é uma vacina para o abraço do monstro!

— Pois se assim é — disse Aurélio — dispõe duma sensibilidade estética que só se encontra nas naturezas requintadas. Com vénia sua, Padre Jacinto, as mulheres devem ser para êle vasos de eleição que, depois de servir uma vez, se atiram fora.

— O que êle deve ser — proferiu o

abade da Rua num meneio sorridente da cabeça — é da raça do imperador Proculo que se gloriava de, em quinze dias, ter engrossado o ventre a cem virgens sarmatas.

— Arreda ! — cuspinhou o Padre Amaral.

— Para quem está familiarizado com os autores antigos — tornou o abade da Rua que era infatigável a historiar — os feitos dêste frascário não causam assombro. Os séres de hoje teem perdido de tudo, até potência. ; Reparem-me para Comodo, aquele extraordinário César que bateu bacanal com trezentas concubinas!...

— Prece-me — chalaceou Moura Sêco — ; que cá o abade anda enfrornado de mais na crónica de Citerea!...

— Nada disso — respondeu sorrindo — leio muito e dêsse muito um pouco vou respigando. Depois a memória, louvores ao Senhor que aqui nos tem reünidos, não me foi infiel como os den-

tes. Ficou. Não levem pois a mal que um velho lhe fale em coisas brejeiras. O nosso Camões passou pela mesa censória e lá traz esta imagem de suprema voluptuosidade, quando os marinheiros e as ninfas fazem das suas por entre as brenhas: ; *Oh! que mimoso choro na floresta!* ; Vossa Senhoria ainda não tinha notado?

— Não — confessou Moura Sêco.

Imensa como fragata, uma prateira coagulada de arroz de lebre andava de mão em mão. Suas Reverendíssimas tinham-se vingado na cabeça de porco, nos frangões, no cabrito de espêto, e impavam já. Mas uma colher aqui, duas alêm, lá se ia esvaziando a barçaça.

O festim, entretanto, entrava num alvoroto rasgado de arraial. O Padre Chança punha em hasta a sua égua branca, e o Padre Jesuíno marralhava com o Padre António de Santa Maria por môr duma capelania que êste lhe bifara.

À outra ponta, reacendera-se a controvérsia sôbre o espírito de imundície que corria à sôlta pelos andurriais da Nave. Chamavam-se uns aos outros a emitir uma hipótese, mantendo-se Moura Sêco à parte dêste jôgo, divertido a observar o eruditíssimo abade da Rua em visíveis transe de despeito porque não o consultavam.

As perguntas choviam sôbre êle :

— ¿Padre Moura Sêco, é homem?
¿é bicho? ¿ou é o Anti-Cristo?

— Padre Moura Sêco há-de ter juízo formado.

— ¿Fale o Padre Moura Sêco!

Ante aquelas vozes, o interpelado ergueu o copo cheio de vinho onde mal buliu, enxugou os labios, deteve-se com estudada manobra a dobrar o guardanapo que pôs à sua direita. E, esparecendo os olhos pelo cenáculo, sorridente, com um leve tom de malícia, proferiu :

— Primeiro resta saber se o monstro existe.

— Ora essa! — berrou do cabo Pedro Jirigodes. — ; Então as unhas nas pernas?

Os mais renitentes comedores ergueram a fauce dos pratos. E, captado assim o auditorio à Demóstenes, o Padre Moura Sêco disse com gentil rasgo entre sério e jocoso:

— Já me esquecia disso, mas eu lhes conto uma história. Ouvia-a, era eu pequeno, a um homem, cardador de ofício, rebequista nas horas vagas e mandingueiro, uma vez que esteve em casa de meu pai a fazer as lãs das ovelhas. ; Vossas Senhorias conhecem o convento da Taboza, essa pobre ruína cujo mirante ainda em pé, de janelas gradeadas e sem vidros a olhar por montes e vales, parece estar a pedir a piedade de quem passa?!... Não conhecem Vossas Senhorias outra coisa. Ali elegeram comunidade as claras descalças de S. Bernardo e ali a mantiveram durante o passo de muitas vidas. Os caminhos

que para lá convergem, das redondezas, todos êles de grande vau, testemunham ainda da sua invulgar opulência. Estão próximos os tempos em que não fique ali pedra sôbre pedra. Do que melhor resistiu ao estrago, resta a cêrca com seus altos paredais, esborrondados de espaço a espaço, e uma moita de carvalhos, tão velha e selvagem que há anos — ; querem Vossas Senhorias saber? — numa merenda a que o fidalgo de Aguiar me convidou, aconteceu levantar de nossos pés um texugo com os cachorrinhos. É verdade! Pois nesse convento, onde a regra não andava muito relaxada, só comunicando com o mundo por um locutório de dupla reixa e uma roda seguríssima, que meus olhos ainda viram a girar, passaram-se cousas do arco da velha. Uma bela noite certa noviça, tão considerada por seus meneios de virtude como pelas excelências da sua estirpe, caiu em colapso, a meio de matinas, com grande alarme de todo o

côro. Que é, que não é, levaram-na para a cela e, despindo-a, acharam-lhe o ventre inchado por demais. Requerido o cirurgião, pronto êste se pronunciou: «— Está grávida! » «— ¿Como pode isso ser? — objectou a madre-abadessa — Neste claustro, vou jurá-lo pelas bentas cinzas do nosso fundador, o melífluo e eruditíssimo S. Bernardo, só entra um homem, ou, antes, a sombra dum homem, que mais não é o nosso capelão, que já dobrou os oitenta e até vendeu a mulinha por não poder cavalgar! . . . » «— Está pejada! — repetiu o médico, categórico». Submeteu-se a freirinha a perguntas e, entre copioso chôro e juras solenes de inocência, negou ela ter contacto com barbas quer de leigo quer de frade. E tão persuasiva soube ser nos seus protestos, e tão morigerada se bem que formosa era, que se lançou o achaque à conta de error do fisico, ou artes de Satanás. Em contra do cirurgião que ordenara menos cinto,

aí se põe a veneranda madre com esconjuros e defumadoiros, senão quando igual quebração succede a uma segunda... semanas depois a uma terceira... em pouco mais de mês a uma quarta religiosa, sobrinha, mesmo, da prioreza.

— Com ventre igualmente farto, Padre Moura Sêco? — interrompeu Aurélio.

— Já se deixa ver... com barriga à bôca. A madre-abadessa, que entrara para a clausura com fama de pé leve, disse mal da sua sorte. E, consultando-se com a rodeira, que não fugira também do século traquejada pelo horror do dicto, decidiu-se apelar para o bispo, sob cuja alçada espiritual estava, como tantas outras, aquela comunidade. Veio o prelado, em pessoa, dêstes que foram a Roma em mulas guisalheiras, bem providas de pistolas e de peças, pernoitaram em cem albergues, cem mosteiros e colegiadas, e em Roma,

como *urbs aeterna* aprenderam com cardiais, famulos e gonfaloneiros, o bem e o mal que são eternos. Ante os ventres rotundos, e sendo forçado a aceitar, consoante as premissas da madre que o claustro era inexpugnável e o padre-capelão um morrão de pavio, mas deferindo para *ultima ratio* a acção subreptícia dum demónio incubo, determinou que tôdas as ovelhinhas de S. Bernardo, sem excepção, se preparassem para uma revista em forma, cada uma naquelles atavios com que no Paraíso nossa mãe Eva se passeava sem esquivança ante os olhos do Senhor. E assim foi feito. De cela em cela, precedido da madre-priora com grande luneta em aro de tartaruga engatilhada, o digno pastor foi rectificando troncos fecundos, dêstes que heróicamente se deram a Cristo, quando se podiam dar aos homens, troncos mirrados, que por se não poder dar aos homens se deram a Cristo, fresquinhos, escorreitos, de todos os cali-

bres e para todos os gostos, com os órgãos no seu lugar, conforme as leis da natureza feminina. «— Veneranda Madre — murmurou o Bispo descoroçoado — tenho de convir que nesta casa se dá um grande prodígio. Estão tôdas?» «— Tôdas; quer dizer, falta Sórora Maria do Santo Lenho, mas por essa respondo eu. E' a primeira das primeiras, uma pomba sem fel, rosa pura de Alexandria, que caíu doentinha mal soube que tinha de desvendar... desvendar... essa porciúncula malfazeja a que os santos confessores chamaram com exacta reprovação as portas do inferno. É uma nova Santa Clara, almoça cilícios e ceia cilícios!». Pelo sim e pelo não, escrupuloso no zêlo e amante da equidade, não se resignou o prelado a omitir o visto em Sórora Maria do Santo Lenho. E, compelindo-a a desvetir-se, o que ela fêz com nojoso parecer e geito espavorido, breve veio a lume uma vigorosa estampa de latagão. E tão avan-

tajado que a velha religiosa só atinou com estas vozes patéticas ante o bispo patético: «— Credo!... Há quarenta anos sou freira, há trinta madre-abadessa, com tão perfeito marmanjo, nada vi que se pareça!» Aí teem os meus reverendos colegas o que o velho bruxo me contou.

— ¿Qual a moralidade, Padre Moura Sêco? — questionou alguêm entre as gargalhadas dos convivas.

— A moralidade é transparente. No caso actual será preciso procurar perto... dentro da ordem natural das cousas. Só está fora dêste mundo o que dêste mundo não é.

Já nas mãos bailadeiras de Leopoldina e de Maria da Encarnação, qual delas mais perluxosa, de cabelinho a doidejar sôbre as tempes, o arroz doce, com polvilhamentos fulvos de canela sôbre brancura de jaspe, discorria pelos pratos dos reverendos. A tia Quaresma, contente consigo e com os fados, viera

acocorar-se mesmo à ilharga do padre Jesuíno e de mãos cilhadas no peito, a banha das bochechas a luzir, abria grande aranzel sôbre o bicho garanhão que ceifava a flor das donzelas. E, com olhinho de malignidade, muito desbocada, dizia :

— ; Ele bem sabe com que lambisgóias se mete?! Havia de ser comigo que não voltava mais a montar na gente — e, floreando aquele gesto vigoroso com que torcia no tanque os adeitos de estôpa, acrescentava — Eu lhe dera o cata-tau...!

Mas em face, escanchado num mocho, nada borracho, a esburgar com uma côdea de pão um pernil do rico cabritinho, o Quaresma dava à cabeça, sem dizer buz. E que lá nos refolhos da sua alma estivesse a dizer para a mulher, « não tentes a Deus! » ou que estivesse já deitando as duras contas ao festim, ninguém o ia jurar.

Mas a tarde declinava. Já o sol fize-

ra o seu giro por cima das casas da vila e, afogado na meia-névoa à outra banda, parecia um ôlho mesmo do céu a olhar para os sacerdotes. Chegavam lufadas metálicas duma rapsódia que a charanga, bem comida e bebida, tocava ao desenfado no largo de S. João. Desdenhosas da hora penitencial, as chanquinhas de verniz e os sapatos de brôcha bateriam a terra em redondo. Pelas janelas abertas, um pouco do de fora viera quebrar a beatitude suma dos abades. Mas os copos, meados ou cheios de vinho aqui e alê, eram sôbre a toalha branca como rosas rubras de alegria. A pipa do Quaresma tinha o espicho de pau ainda em alto, que os cangirões chegavam toucadinhos de espuma, o espírito todo a chilrear. E, empurrando-se com saúdes e máximas sôbre a curteza vida, gole por gole, a satisfação sem nuvens foi ressurgindo.

Uma hora assim, mais sorrateira que asa de andorinha pelo céu, foi passan-

do. O Padre Chança, afinal, conseguiu — modo de passar um migalho — reuniu número para o monte. Lento, mais pausado que um velho prelo a vomitar os fólhos dum incunábulo, o abade da Rua discreteava à flor dos séculos e dos prodígios com a segurança filosofal dum Hesidoro de Sevilha.

— Pois chamem-lhe balda, se quizerem, a esta minha predilecção pelos antigos. A verdade é que falando de tudo, sem avental, nem luvas isoladoras, nem óculos, a facúndia delas me deleita. Pois êsse Ulisses Aldrovandi compraz-se na descrição do homem silvestre, que pôde admirar com os seus olhos e de que dá umas estampas. *Homo villosus* lhe chama e pelos tópicos, que enumera, nu, coberto de grenha, célere na corrida, arteiro na emboscada, extraordinariamente semífero como já inculcava Pompónio Mela, bem condiz com o animalajo que habita estas paragens. Se temos de buscar a decifração do enigma

a dentro do quadro da natureza, como muito bem fabulou o nosso espirital colega Padre Moura Sêco, ahí teem. Ou é lobo, ou rã, feixe de lenha ou arméu de lã...

— ; Onde leu isso, Padre Januário?
— interrogou Aurélio entre frouxos de riso.— ; Foi no tal Ulisses... Aldravão ou Aldravando? Está-se a ver que é uma patranha de Ulisses.

—Ulisses Aldrovandi, patricio de Bolonha, se chama, meu senhor. Compõe-se a sua obra de dez tomos *in-fólio*, tomos em que os sábios de todos os tempos muito teem aprendido e que, postos no alforge duma égua pimpona, ali a égua branca do Padre Chança, parada que andasse, não lhe deixariam fidúcias para correr ao macho. Intitula-se *Monstruorum Historia* êssê monumental trabalho e, creia, pelas matérias versadas, que submeti a confronto com as especulações dos naturalistas modernos, nada mais exacto, nem digno de fé.

A existência do *homo selvagis ex Satyrorum genere* vem apontada desde a mais remota antiguidade. Falam dela Ptolomeu e Plínio. O Imperador Constantino pode admirar um que lhe mandaram embalsamado a Antioquia. Alberto Magno refere-se também a um monstro, caçado nas florestas, com forma e effigie humana. ; Não lhe bastarão estes testemunhos?

— Não, abade, não. Só se mos mostrar citados num versículo dos Evangelhos.

— Aí ainda não espulguei o assunto — tornou o erudito com candura — mas olhe que Santo António Eremita descobriu certo dia um passeando-se no deserto. Rezam do facto os Bolandistas.

— Não há dúvida — retorquiu folgazão o contendor — ; eu acredito tanto nos Bolandistas como em minha Avó Torta!

— ; E em Santo Agostinho acredita?

Pois ouça o que diz a Águia dos Doutores... *Mutatis mutandis* escreveu isto: «Seria bom investigar se algum vestígio de razão se encontra nêles, para se saber se veem completar a espécie humana ou se devem colocar-se na escala dos brutos». ; Ainda se não declara persuadido?

— Lá de Santo Agostinho aceito tudo... — proferiu o Padre Aurélio, levantando-se de cigarro entre os dedos — mesmo a ausência do «turbulento calor» na hora carnal de Adão e Eva, quando ainda caseiros do Paraíso.

— Ouça ainda... — lançou em ar turra de tréplica; mas já o outro com familiar sem-cerimónia, seguia na cola de Leopoldina, atarefada em carretar as louças que a mãe e Maria da Encarnação iam dispondo no armarinho da sala, desaparecia atrás da môça nas sombras da cozinha, a acender o seu cigarro.

— Este rapaz — segredou êle para Moura Sêco — não é tolo... não é tolo,

mas tem ainda que queimar muito as pestanas para ser gente. ; ; Os sátiros existiram pois não existiram?! Lá diz Ovídio:

*Sunt mihi semidei, sunt rustica numina
Et Nimphae, Satyrique et monticolae Fauni Sylvani.*

— Belo dístico! — pronunciou Moura Sêco.

— E eu lhe digo — tornou o Padre Januário, seguindo o fio das suas ideas — por mais duma circunstância, mórmente por êsse poder singular de lubricidade, aqui deve tratar-se dum sátiro, bicho assim designado do nome grego *sathê*, que significa *membrum virile semper in libidinem pronum*.

Bamboleando-se nas pernas altas, desleixadão, o cigarro na bôca a fumegar, Aurélio saíu da cozinha direito à banca dos jogadores.

Vinham do Largo de S. João guinadas altas dum passe-calhe.

Em tom ralhado, o Padre Jesuíno dizia:

— ; Antes de talhar, Padre Chança, pague o salto da dama! ; Pague, não seja ladrão!

III

Naquele domingo de sol e rito de glória a Nossa Senhora dos Remedios, o Padre Jesuíno ia a erguer do confessionário, depois de despachar em cem pecadilhos à Ana Fusca, quando a seus pés, muito trémula, de olhos baixos, face em fogo, ajoelhou Maria da Encarnação. Insofrido para alquilés de devocioneiras, tanto mais que na tribuna alumiamavam já as velas para a missa e tinha ainda que fazer um baptisado, o Padre Jesuíno acolheu-a de má sombra e com um *per signum crucis* mais veloz que calhau a galinha que lhe depenicasse na horta. E, ditas de afogadilho as orações preliminares, em tom de impaciência murmurou :

— ¿Dize lá depressinha, minha filha, tens pecado mortal a doer na consciêcia?

— Confessei-me e comunguei, faz hoje oito dias, nas missões de Duas Igrejas. Não tenho nenhum pecado mortal a acusar.

— Então?!

— Meu padre — proferiu ela animosamente —, tôdas as noites ouço uma voz: «Maria da Encarnação, à Serra subirás; sem pau nem pedra, o mêdo enxotarás!». Ou muito me engano, ou é Deus Nosso Senhor que me encarrega de pôr côbro à desventura das mais raparigas.

O abade considerou com sizudez aquela loirinha de vinte anos, de olhos claros, duma singeleza de anjo, a única que na sua igreja acompanhava por um livro de Horas os passos do santo sacrificio. Arvéloa e amiga de folgar que fôra dantes, o Padre Baldomero que, montado em macho preto, ia de terra

em terra apostolizando, infiltrara-lhe na alma com asco veemente do mundo tôdas as práticas da devaneação celeste. Desde que ouviu a palavra do missionário, nunca mais a sua voz alegrou esfolhadas e caminhos de romarias, nem mais seus olhos se ergueram para outros a namorar. A bonita voz que Deus lhe dera reservava-a de todo para celebrar a Deus em ladainhas e bemditos; aos olhos ninguém roubaria das perspectivas inefáveis do êxtase ou da contemplação de Jesus, espôso amantíssimo, que ali estava em efigie, parecer delicado, túnica vermelha com banda azul e mosqueamentos de oiro, e prometia às eleitas gozos infindos para lá da morte. Breve, por indústria sua, se instalava com veneras e escapulários na vila descuidosa a Associação do S. C. J. e os sinos dormentes, à hora da tarde em que os gados tilintam para os pastos, chamavam para o mês de Maria, o mês de S. José, a novena do Me-

nino e, no tempo santo, para a Via-Sacra. Confessava-se todos os domingos e recebia a comunhão pelos dedos rebo- ludos, amarelos do tabaco, do Padre Jesuíno, se lhe não era azado santificar-se em função solene, nas localidades pró- ximas, pelos dedos longos e pálidos dum jovem presbítero. O Padre Jesuíno, pai de filhos, caçador, seareiro de cereais nanja de almas, repugnava ao seu gôsto de espiritual. Mas era o pároco colado e ela resignava-se a ser uma dona de igre- ja na igreja mal casada. Castiçais, lâmpa- das, vasos, reluziam de limpos : e nunca a pôr um vestido em prova seus dedos de modista foram mais solertes e inteli- gentes que, em madrugadas de do- mingo, a enfeitar os altares com as flo- res — das primeirinhas às derradeiras — que brotassem nos quintais.

A paixão ascética, passo a passo, foi-a empolgando, a pontos de uma noite a família, norteada a tempo, a ir colhêr à vista de Lamego, numa caterva de mô-

ças que o Padre Baldomero dirigia sôbre Espanha com destino a um recolhimento. Deixava o pai caduco, a mãe paralítica, e a doida envergonhou-se da feia emprêsa. Mas, com ver a rota cortada, não se lhe entibiou o fervor pelo divino. Tinha o pressentimento que havia de ser bem-aventurada como Santa Inês, ou Santa Iria — dizia em voz alta. E agarrava-se a tôdas as sotainas e concorria a tôdas as festas. Neste jôgo a sua pele tão fina e côr de rosa chegou a adquirir o tom das virgens embalsamadas.

Foi nestes auges de iluminismo que Pedro Jirigodes a viu e se cativou dela. Tinha para a môça a pecha dos quarenta anos, a nomeada de matador — com o que amontoara um invejavel pecúlio — e o ar mal assombrado que lhe imprimiam as sobrancelhas, encrespadas na fronte de lés a lés, e o bigode farto, muito negro e vassoirudo, que lhe fechava a bôca. Mas Pedro Jirigodes

era alguém. Trajava de casimira sôbre o escuro, chapéu de palha desabado sôbre a fronte, corrente de oiro, de grossos elos, com uma peça de jarra por berloque, e, sempre assim por feiras e funções, carapuças no ar, mão afável — ¿como vai o amigo? — era o Sr. Jirigodes. Vivia dumas terras do Santíssimo, arrematadas em Viseu à porta fechada, e de dinheiros a juros altos. Não mexia uma palha; quando não passeava, caçava; quando não caçava, andava no rio à pesca. Era, sobretudo, um grande batedor de montes e engenhoso inventor de laços. Encoimavam-no de torpes enormidades e era muito respeitado. Já uma vez se desempenhara com honra do cargo de administrador da vila de Moimenta, em época eleitoral. Tinham-no por pessoa de conhecimentos, muito morigerada de costumes e assinava o *Seculo*. Homem sôbre os quarenta, rijo como o aço, queria constituir família — dizia-se — para o que

mandara erguer sôbre a estrada um prédio de boa cantaria e boa telha de Pampilhosa, e requestava, maluco de todo, à Maria da Encarnação.

Tantas pechas deviam-lho tornar odiento, mormente a da idade e do físico, o que é sempre de monta mesmo para donzela que destina suas graças às celestiais bodas, com noivo provado a colher as mais fragrantas virgindades. Pois não o repeliu com náusea, não; melancólicamente, invocando as suas juras de castidade, o despediu com brandura.

Pedro Jirigodes não renunciou; com lenta e hábil manobra foi-se insinuando; subornou vizinhas e beatas; conciliou o padre missionário à sua causa, mediante umas pernas de vitela e trutas mandadas de peita; os pais empurravam-na, certos de libertá-la com o casamento das garras do beatério. E umas com máximas da vida farta e regalada e não menos virtuosa, o apóstolo com exemplos de santos conjúgios, lentamente a foram aba-

lando. Era só em campo a defender-se; Pedro Jirigodes teimou e, em meados de Maio daquele ano, quando as poldras fogem dos lameiros a nitrir, ao fechar da festa de Nossa Senhora Mãe de Deus e dos Homens, de que fôra mordomo, obteve o sim, tão renhido com Nazareno. Áquela data, andava a correr o processo de estado livre de Jirigodes, que por terras da estranja arrastara mais de dúzia de anos, para que o matrimónio se consumasse.

Tudo isto repassava o Padre Jesuíno em seu cérebro não destituído de discernimento, diante da cabecinha louca.

— Ouves uma voz . . . — pronunciou o abade com mansidão. — E diz essa voz? Repete-mo, outra vez . . .

— «; Maria da Encarnação, à Serra subirás; sem pau nem pedra, o mêdo enxotarás!».

— Ah! ;E é quando estás a dormir ou acordada?

— Em sonho, meu padre, mas tam-

bêm já a ouvi uma noite, no instante mesmo em que acabava de rezar a salve-rainha do têrço.

— É preciso desconfiar de sonhos. Em autores dignos de todo o crédito, tenho lido que os sonhos tanto são instrumento dos anjos como dos génios infernais.

— Pois sim, mas ouvi-a, também, na posse dos meus cinco sentidos, tão real e perfeitamente como agora vos ouço a vós, meu padre.

— ;Parece-te, então, que te mandava ir lá acima, à Nave, dar cabo do monstro...?

— Assim o julgo.

— ;Donde partia a voz?

— Não sei; soava-me bem distinta aos ouvidos, mas não trazia direcção determinada. Figurou-se-me que falava mesmo sôbre mim... mas não o juro. E era uma voz muito bonita, uma voz como nunca ouvi...

O confessor desentranhou-se em perguntas que giravam tôdas sôbre o

mesmo tema, porque na sua casuística constituía aquele caso uma novidade, e o seu espírito, exercitado na lavoura, a educar os filhos e a bater as lebres, estava pouco apto a abarcar um tão transcendente problema. E esquivou-se a dar uma resposta decisiva com dizer :

— Minha filha, sôbre tão misterioso chamo, não posso eu pronunciar-me. Sei que mais duma criatura recebeu por êste conduto mandado do céu para execuções cá na terra. Mas, se a memória me não engana, também há exemplos destas vozes serem falaciosas, emitidas pelos espíritos malignos. Vou consultar o prelado...

— A voz é tão maviosa que só pode vir do céu. Ouço-a e fica-me o corpo banhado num gôzo tão incomparável, tão doce, que me esqueço de mim e da terra! — dizendo o que, em tom exaltado, arqueava os olhos para o alto, nas reminiscências do sumo deleite.

— Pois sim, mas tôdas as cautelas

são poucas. O diabo aprendeu artes com os sábios nas academias. Cada vez está mais subtil! Aceita o meu conselho: sossega e esperemos o que resolvem lá no alto...

— ¡¿E entretanto continua o flagelo à solta!?! Ah, meu padre...!

— É exacto, mas o mal é tão misterioso que para debelá-lo tôda a prudência é recomendável. Vá, minha filha, modera-te nessa sêde de sacrifício que a outra cousa não corre a tua magnanimidade. Modera-te e reza três avemarias a Nossa Senhora do Bom Conselho para que te sobre inspiração. — E com estas e parecidas palavras quebrou o ansioso transe daquela almazinha.

Duas semanas decorreram e novos estupros foram perpetrados em terras tristes, alheias ao mundo, à beira de velhos caminhos romanos adormecidos.

À missa conventual voltou novamente a môça a rogar ao abade que a ouvisse de confissão.

— Meu padre — murmurou ela — a voz não se cala: «Á Serra subirás, o mêdo enxotarás». Ouço-a cinco e seis vezes por noite. ; O senhor Bispo ainda não respondeu?

— Não; ainda não teve tempo.

— Pois, meu padre, estou decidida a subir à serra, aos píncaros mais altos, à ventura de Nosso Senhor.

— ; A serra é grande, minha filha, um bom cavalo a galope não lhe dá volta num dia. Tem muito valhacouto... muita furna... Perdias-te!

— Deixá-lo!

— ; Se aldemenos fôsses acompanhada?!

— Não quero ninguém. Judit também foi só à tenda de Holofernes.

— ; Os tempos são outros, alminha do Senhor! Os tempos são outros, e nós não somos os judeus. Nisto de... de copulação, eram raça pouco escrupulosa. Sara, mulher do grande Abraão, pintou o sete no Egipto.

— Tudo o que eu soffra estará bem pago se amanhã se puder dizer : as donzelas podem andar sem receio por êsses caminhos de Cristo. . .

— Lá farás. Eu não digo sim, nem digo não. Faz mesmo de conta que nada me ouviste.

— A voz é do céu. . .

— Quem sabe lá!?

— É. Tenho-a esconjurado noite por noite, pondo a alma tôda nestas palavras : se sois voz divina falai-me, se sois dos anjos das trevas, arrenego em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. E não se calava e mais melodiosa era. . .

— Já observei que tendes queda para o misticismo. Com as naturezas muito sensíveis dão-se, por vezes, fenómenos de alucinação auditiva. . . visual. . . e outras. Quero eu dizer, pode isso ser ilusão do ouvido. . .

— Tão repetidamente?! Deus Nosso Senhor não permitiria que assim fôsse lograda.

O abade não respondeu áquele argumento de fé tão incontradita e tornou:

— O meu conselho foi, é, e será êste: esperar!

— ; E *êle* também espera?!

— ; E queres largar à toa, por essas serranias fora?

— Sim, padre, armada apenas do sinal da cruz.

— Grande arma é essa, não haja dúvida. Há, porêm, ocasiões em que uma boa clavina não é para rejeitar. Judit levava um cutelo...

— Judit degolou o filisteu com a espada do filisteu. Tenho lido e relido o Livro dos Reis.

— Joana d'Arc andava armada...

— Mas havia guerra... era na guerra.

Ao senhor Abade já não era lícito apelar para o recurso episcopal; sentia lassa a expectativa da mocinha para tão illusória alçada; êle, também, não tinha pachorra para continuar a embair, e

muito menos coragem para dar realidade a uma promessa que lhe exigia grande tato, esmeros de estilo e de letra, bom papel, cousas estas indispensáveis nas relações epistolares com os senhores bispos e que na aldeia andam quase tão arredias do padre como o padre do breviário. Anos atrás — ainda a arte do púlpito vestia roquete de rendas e falava a Deus com a pausa solene de ministro a monarca — sua fama de prègador corraera mundo. A terra fôsse leve a Fr. José, egresso na capelania da Lapa, que lhe deixara uma sebenta de todo o santoral. Aí encontrava, de sobejo, com que prover às funçanatas daquelas terrinhas, pouco sôfregas de espiritualidade. E que fôsse omisso o sermonário, como as virtudes no hagiológio são invariavelmente excelsas e na mesma irrefragável o combate ao pecado, o panegírico estava em regra com uma substituição de nomes. A maior excelência desta retórica era ajustar-se a todos os

bem-aventurados como as carapuças a tôdas as cabeças. O Padre Jesuíno levava mais tempo, no monte, a ajoujar um coelho ao cinto que, à banca, a transferir um sermão de Santo Antão para S. Brás, ou das lágrimas de S. Pedro para os Espinhos do Senhor. O resto era com a memória e memória tinha bem fresca, mediante uma economia cerebral, em que só, morosas e roedoras como larvas, passavam e repassavam as dívidas relaxadas de pé de altar.

Com a idade e o gravame dos filhos, que eram perdulários, a sua ferramenta teológica estava pouco menos que fora de uso. Dirigir pois um relatório ao bispo, submnistrando-lhe o caso da visionária, era tarefa com que não estava em boas condições de arcar. Com ralhos e vozes de bom senso, como para pessoa que teima em abrir uma porta à marrada, aconselhou-a. Debalde; Maria da Encarnação, certa de lhe vir do alto a mis-

são de salvadora, abalou dali mais deliberada que nunca em seu propósito.

Ao nascer do sol do dia seguinte, depois de mungir as vacas, o Tomás Pa-teiro, estranho com não ver a filha a pé, cotovia no madrugar, foi à porta do quarto:

— ; Maria da Encarnação, oh lá! Ar-riba, já anda tudo fora . . .

Como não sentisse rumor nem voz, ia a bater, mas ocorreu-lhe que poderia ter passado mal a noite, atreita como andava a insónias e pesadelos, e que estivesse de pouco tempo presa dêste sono tardeiro, mais pesado que a morte. E, largando com o moço e o filho a plantar um quartel de feijões, que já se calara o vento galego e as rôlas arru-lhavam lascivas e motetavam umas com as outras em vôos planados pelos pi-nhais, entre engulir duas buchas disse para a mulher, entrevadinha na cama:

— ; Mal-o-haja os padres que nos

hão-de derrancar a môça! Chamei-a, nem deu acôrdo de si.

A velha quedou-se a rezar a coroa de Nossa Senhora, que era aquele o seu mês, e a contar pelos dedos a soldada que deviam ao paquete com o ano quási fora. O tempo foi dobando, passou meia manhã e a filha sem dar sinal.

— Maria da Encarnação! . . . — gritou a velha por fim. — ¡Eh, Maria da Encarnação!

Figurando-se-lhe ouvir gemer, suspendeu-se, assustada, de ouvido à escuta.

— Miau-miau!

— Morte mate o gato! ¡Çape! ¡çape! — berrou para o bichano, por cima das arcas, na roubalheira.

O gato deu um pulo, escapuliu-se, e a paralítica volveu a gritar:

— Maria da Encarnação! . . . Levanta-te, filha, chega aí o pai desatinado pelo almôço . . .

Chamou, tornou a chamar. Inalterá-

vel, e fito para ela como o lume dum açude, o silêncio enchia a casa. Vinha da cozinha, da rua, do mundo todo. E pouco a pouco começou a senti-lo em volta do catre assim parado e mofino como certas pessoas que a vinham ver e cuja presença só lhe dava enfado. Opressa dum vago terror, a imaginação mais esparvada que um cavallo doido, por um pedaço estacou imóvel, quase sem alento, recolhida dentro de si como no fundo dum cano. Pareceu-lhe dali que a vida tôda fugia em volta e que a sua vida corria em pós, ansiosa, a encher como rio a monte o vazio que ficara. Mas breve o ouvido percebeu lá longe, muito longe, um eixo a chiar; depois, nas eiras, alegre que nem romper de fanfarra, um galo elevou à luminosidade do dia o seu *orate fratres*; mais surdas ainda que o dobrar do missal, quando o padre acaba de rezar a missa, distinguiu as mulheres batendo roupa nos lavadoiros. O mundo lá continuava

a rodar preso a rédeas que ninguêem vê, mas mais seguras e grossas que se nelas entrasse o linhol todo das teias.

Em assonância com o de fora, a angústia primeira voltou a apoquentá-la. E outra vez se pôs a gritar :

— Filha!... Não respondes?!

Na imobilidade, os trastes todos, ali ao pé a talha das azeitonas, além na cantareira as panelas e o cântaro, acorados como bonzos, tinham o ar de quem escuta. O próprio silêncio estendia mãos invisíveis para a sufocar. E, novamente, o ouvido se apercebeu de ruídos infinitésimos, o caruncho que roía a madeira com um rom-rom monótono de verruma, uma areiazinha no telhado que, aquecida do sol, estalava no alvélo e deitava a correr. Mais vago que a zoeira dum mosquito numa resta de luz, o chi, chi-herú do carro esvaía-se nos caminhos do Senhor.

— Maria da Encarnação! Oh Maria da Encarnação!...

Nem voz, nem arquejo, nem bafo se ouviu.

— Oh Maria da Encarnação! — clamou ainda em tom dorido, molhado dum chôro de criança.

O ar todo, então, escureceu diante dela; confusos, os trastes da casa dançavam, caíam uns sôbre os outros sem bulha. E, desvairada, como se o fogo lavrasse na enxerga, rompeu em alto brado:

— Acudam! Acudam!...

E, durante largo espaço, a voz de desgraça, primeiro fremente como repique de sinos, roufenha depois, sobresaltou a aldeia que moirejava nas hortas.

Correram em tropel; arquejante, de olhos esbogalhados, fala descosida, a paralítica remeteu-os ao quarto da filha — que não dava sinal de si... estaria por lá no outro mundo...

Pedro Jirigodes, dum alancão, fêz saltar dos gonzos a porta fechada á cha-

ve. E quando vieram dizer à velha que nem viva nem defunta a Maria da Encarnação se encontrava no quarto, ela desatou a chorar um choro desfeito e consolador, porque a grande, a imediata idea negra se dissipava em seu coração de mãe.

Pedro Jirigodes desceu sobressaltado, de semblante torvo, a perguntar pela noiva à gentiaga, em chusmas, que acudia. E, a seu rôgo, por movimento de piedade, ou espírito de mexeriquice, ranchos largaram a bater os barrancos, as levadas do rio, casais e lugarejos. E, quando descoroçoados de buscas e alçadas lançavam tão misteriosa desapareição à conta do monstro que pelo telhado fôra violar a Leopoldina Quaresma, viram-na chegar, já o ocaso floria de púrpura os picos do Caramulo, num passo igual, cabeça erguida, como alma que se vem inebriando da santa paz do céu.

Jirigodes galgou as distâncias, direito

a ela. E ao olhar amante, ansioso, ela, com aprumo hierático e tom soberano, disse:

— Não me toques, homem réprobo, não me toques!

— O quê? — regougou êle.

— Não me toques!... O eleito do Senhor abriu-me o seu amoroso seio e santificou-me.

No rosto dela havia um tal clarão e na marcha uma tão serena magestade que, em alas, a levaram à presença do senhor abade.

— Meu padre! — proferiu ela — só na casa de Deus poderei falar do celeste mensageiro.

Contrariado, que era aquela a hora de deitar a água ao cebolinho, o abade lançou a garnacha pelos ombros e meteu para a igreja, ao lado de Maria da Encarnação, tão solene que parecia caminhar sem tocar o solo a meio da grande comitiva silenciosa.

Ajoelhou ela ao confissionário e a

nave, coalhada de povo, ficou imersa em recolhimento, numa patética suspensão de espera, como se o Santíssimo estivesse exposto no altar-mor. Breve, porém, o padre Jesuíno se ergueu por detrás do ralo com ademanos de desenganado.

— Não é caso de confissão auricular! — declarou êle, descrevendo vólutas no ar com a mão engatinhada. — ; Iluminismo ou cousa parecida, eu não a posso ouvir, não posso! Se lhe apeteecer falar que fale.

E sem mais, os panos da garnacha a voejar na pressa que o levava, despediu.

Ela foi até o primeiro degrau da capela-mor e, voltando costas ao Espírito Santo, depois de espairecer pelo povo um olhar sobranceiro, em voz inspirada clamou:

— Povo! Homens e mulheres, velhos e meninos, vós, sobretudo ó raparigas que com lágrimas loucas chorastes a

vossa donzelia, rejubilai! Um anjo do céo habita entre nós. Vi-o, falei-lhe, e em seus braços repousei, mais confiada que um inocentinho nos braços de sua mãe. ; Oh, é tão belo que a formosura de Absalão seria ao pé dêle uma sombra! mais forte que os exércitos de David, quando destroçaram os exércitos de seis reis! inebriador como o melhor vinho mosto! E' o Inefável de que falam as Escrituras. Da mesma maneira que o Messias veio à luz nos desertos da Judea, elegeu êle agora para teatro estas terrinhas tristes de Portugal. Rejubilai! Êle há de regenerar a raça, povoar o mundo de criaturas especiosas como êle, de criaturas à imagem e semelhança de Deus. Vós, ó tristes, ó piedosos, pouco tendes já da divina Presença! Os vícios e os trabalhos deformaram vos, e a vossa feição é a de pobres degenerados. Mas rejubilai, pois sereis exalçados em vossos filhos e vindouros, que assim mo revelou a bôca dulcíssima. Os que

nascерem do abraço com o Inefável serão belos, saúdáveis e gozarão duma alta sabedoria, e tôdas as fontes de vida que êle não toque, secarão. Homens de pouca fé, acreditai-me, um anjo do céu mora entre nós. Môças que êle tocou, tão leve como vento brando às canas dos canaviais, tão fundo como corisco à terra, dai graças! ; Fôstes as eleitas, vossos filhos serão os eleitos! Ajoelhemos e oremos ao Deus que dá o dia e a noite, a dor e a alegria, nos mandou há mil e novecentos anos o redentor das almas e nos manda agora o redentor dos corpos!

E na nave imensa, projectada até o infinito pela penumbra do entardecer, feridos os corações da transcendência mística daquelas vozes, mil jaculatórias celebraram a epifânia da carne, redimida do anátema milenário. E, subindo na noite, altas e rubras como línguas de fogo, pelos povoados, do traço das portas, as gentes tiveram o pressenti-

mento de que alguma cousa de grande se consumara na terra.

Desde essa hora, a grande nova correu: um anjo descera das alturas a resgatar o género humano de moléstias e fealdades, tomando para vaso da divina semente as donzelas limpas e casaduras. Seu geito era brusco e misterioso até que a preversa cegueira dos homens, ciosos da mulher, se dissipasse como catarata que era. Mas estavam a chegar os tempos em que êle desceria aos povos e cada casa o gasalharia entre os lençóis mais finos nos mais esculpturais braços. A corrente, assim lançada, engrossou, cortando longe; no tronco da velha religião a religião deliciosa floresceu; as próprias velhas falavam do Inefável com ternuras, suspirosas ondas do seio; raros homens com chamas turvas no olhar. Pouco a pouco rendiam-se todos, elas por paixão, êles por fé e humildade.

Simultâneamente, cessaram os estu-

pros por bruta fôrça no silêncio dos bosques e à beira dos caminhos silenciosos.

A furto umas, impávidas outras, guardando um sigilo de catacumenos, voluntariosas as donzelas iam aos montes ofertar sua flor ao voluptuário messias.

Entretanto avançava a prenhez das eleitas. Bem rogaram as mães bárbaras e morfanhas a intervenção da Virgem Santa Eufémia, de bruxos e benzedei-ras. O pólen possuía a virtude propa-gadora. A Micas Olaia foi a primeira a sentir as dores do parto. Acudiram as comadres para cortar a trave, se fôsse lobi omem, e bentas para o esconjura-rem para o inferno, se desse mostras de diabinho. Duvidavam ainda e o mesmo senhor Padre Jesuíno falou claro:

— Se a cria não fôr à nossa imagem e semelhança, esganem-no! — e floreava o gesto com que na serra afogava as perdizes que caíam de asa.

Nasceu um rapagão perfeito. Pôs-se

logo a vagir, como a dizer cá estou, e em menos dum credo, entre grandes upas, a sugar o seio farto da mãe. Após a Micas, pariram as outras, já sem exorcismos, nem receios de monstruosidade. Tôdos os crianças eram, por igual, sãos, escoreitos e formosos. E não houve mal, nem olhado, nem tinha que lhes pagasse.

Ante êles, os filhos do matrimónio eram uns arrelampadinhos que até pareciam enfeitados de Deus. Não tinham a côr, a pujança natural, o indício de fôrça e esbelteza dos filhos do Inefável. Confundido e compungido, o senhor abade torcia a cabeça, murmurando com os apóstolos: *Judicia divina dum nescintur, non audaci sermone discutienda sunt sed formidoloso silentio veneranda.*

IV

O Baltasar encavou os socos um no outro, meteu-os debaixo do braço, e vergado, a bôca quase nos joelhos, pôs-se a trotar à banda de Jirigodes.

Estava a romper a manhã, destas manhãs alviçareiras de agôsto, tão mivediças que ainda as sombras correm pela terra como cabras prêtas que vão seu destino e já o céu parece a êste uma suspensão aluvial de rosas, rosas brancas mais e mais esfloradas. Andorinhas roçavam já de asa veloz as rodeiras humedecidas pelo orvalho, e o tejasno e o cartaxo apareciam extáticos sôbre os marcos como eremitas a rezar matinas. A distância, porêem, flutuava ainda

este arzinho de noite, que imprimia aos vultos um tom dormido, de quase sentida sensibilidade.

Para lá das abas do povo, o sino das almas tangeu, arrepiou o ar silente com sons muito vagarosos, muito melados, trémulos de mistério e de morte. Com a mão canhota, o Baltasar benzeu-se; e Pedro Jirigodes, embora pouco acessível à piedade, tirou o chapéu e rezou. Rezou, primeiro, pela livração das alminhas que penam no fogo do Purgatório, e às quais, por sua natureza crepuscular, são de melhor refrigerio as avé-marias que sobem da terra na solidão do lusco-fusco; depois, para que lhe não falecesse o ânimo nem o amparo do anjo da guarda no grave intento que cometia. E, reconciliada com os espíritos a velha consciência, estugando o passo, meteu a direito pelos restolhais, leiras sôbre leiras calcinadas da canícula, varridas há muito do penetrante perfume das ervas maninhas e do gordo

rescendor das espigas gradas. Um ou outro feto, guarda-sol das lebres, enno-doava o campo lívido de seara.

Silenciosos, leva que leva trolhos fora, mais e mais a manhã ia clareando. Já pelo pendor dos oiteiros se distinguiam a chupar o húmus, ralos e ferrados como sarna, a urze e o sargaço; já, na chã fronteira, pequenos pinhais se erguiam cabeludos; e, de torcidos pelas rebanadas do temporal, lembravam maltas e maltas de caminhantes, dobrados, derreados sob enormes trouxas, rompendo o passo para as bandas do nascer do sol.

— Mexe-me essas gâmbias, Baltasar — disse Jirigodes, parando à espera do maluco que se atrasara. — Está a manhã fora...

De verdade, como se fonte farta lavasse tudo, a natureza inteira dealbava. Os horizontes estendiam-se até onde consentia o parapeito dos altos. Lá estava a Serra da Estrêla, coberta de man-

tel lilás com velaturas de bronze, sévera e duma dignidade de maioral a apascentar pela extensão rebanhos de montes e oiteiros; a ermida de Santo Antão fraldejava em seu morro e tinha a graça duma pomba branca empoleirada; logo abaixo, nos Alhais, luzia sobre o casario baço o curuchéo em ardósia, negro-burnido, da torre normanda. E por ali em fora, por batalhões, os pedregais apresentavam, sob os jorros da luz, uma doce carantonha de bons gigantes.

— Baltasar — pronunciou Jirigodes no remansar do passo, colina acima — estás bem certo que o viste?

— Assim os meus olhos vissem o mundo a arder!

— É boa! ; Que mal te fêz o mundo, homem?

— ; Que mal me fêz, sanxa-marranxa? Quando passo: lá vai o maluco, o dom golondrom; enterram um defunto: Baltasar, pega da véstia mais rôta; as ra-

parigas, eu a chegar-me, logo as grandes coiras: tero lero lero, tenho quanto quero Mas pior, ainda, são os rapazes. Um dia pilharam-me com a Zingamocho — vomecê sabe, a pobre de Quintela — e levaram-me a passear pelos serões, nu como minha mãe me botou ao mundo. Cães! Também lhes roguei praga e em hora foi que se cumpriu. ;Olarila!

— Praga?

— Sim, senhor; ensinou-ma, minha mãe, que tinha muita virtude em tudo o que cometia. ; Quer que lhe conte como fiz? Olhe, uma noite, estavam apagadas tôdas as luzes no céu, fui-me para o Oiteiro da Fôrca e deitei-me de joelhos a rezar. Rezei a santos e santas, a virgens e mártires, e quando mais não tinha a quem rezar, chamei pelas almas dos homens ali enforcados. Vieram tôdas, de matador, de ladrão dos quatro caminhos, de judeus que esfaquearam a hóstia do altar. Eram um arraial e cada vez vinham mais, cantarolando tuturutu.

Minha mãe, tinha-me dito: não olhes para trás, nem mostres medo. Finquei os joelhos no chão e ali quedei no meio das avantesmas, tôdas de ossos tão brancos que até tornavam a noite branca e se via tudo em roda. «Que queres, irmão?» — diziam-me elas. — «Que o tranglo-mango dê nas môças — respondi — e os homens que hajam de as levar, as levem desemmoçadas, prenhadas, batidas e rebatidas como às areias o mar». Eu de joelhos, e elas passando e preguntando sempre: «Que queres, irmão?» E lá se sumiram tôdas na noite, vozeirando: assim será! assim será! ; Vê a praga que lhes roguei? No dia seguinte, a Micas Olaia via sem querer o céu de costas.

— ; Então o quer que é veio ao teu chamo?

— Sei lá?! ; Quem manda é Deus! Agora considere vomecê a padralhada há milhentos anos a ganir: guardar castidade! guardar castidade! e, vai senão

quando, o mulhero rompe por essa serra fora a entoar ladainhas a Nosso Senhor e a pedir ao anjo que as venha cobrir. Safadeza, curas, bispos e papas nasceram para enganar o mundo! O mundo também era tolo: ; pois não via, nos telhados, pardais e pardalocas a satisfazer os seus gostinhos, e não lhes mingava o calor do sol nem o grão nos campos?! A minha raiva é estar velho e ser um aleijadinho. As môças, quando eu me chego a elas, depois de lhe fazer todos os aparicos, dizem-me que é pecado. Sou mais triste que a erva dos caminhos!...

— Valha-te o criador dos melros, Baltasar. As raparigas são como as cerejas... é para quem trepa.

— Pois é... é para quem trepa. Já trepei noutros tempos às cerejeiras. Uma vez deitaram-me abaixo e parti as costelas. As raparigas são como as cerejas, são, e às cerejas também roguei praga. Parti as costelas, mas no povo mal amaduram, criam logo bicho.

— És um feiticeiro temível. Mas olha lá: ¿a que altura do dia o viste?

— Era meia manhã quando muito, ainda havia orvalho no mato.

— ¿E que andavas a fazer na Serra, lá tão longe?

— Eu vivo mais na Serra que nos povos. A Serra é minha amiga, a cada canto me oferece cama. Chego-me às cabras, quando os pastores não vêm, e têto. No verão dá-me pútegas, quantas me pede o apetite. A Serra... quero-lhe como a minha mãe.

— Então o anjo, mal te viu, moscou. ¿E como era êle?

— Eu sei lá. Era como era.

— ¿Tinha feições de criatura?

— Tinha e de boa pinta. Êle no seu bom passo por vilas e aldeias e, só com mossinhas de bem querer, não havia solteira ou casada que lhe fugisse. Mas anda coberto de peles como ouvi contar que andava S. João nos desertos.

— Sempre quero ver se me levas a

vê-lo. Agora toca-lhe. Vês? já o milha-
fre anda pelo céu à coca das perdizes
que saem a almoçar o grão dos resto-
lhos. Toca-lhe...

As cousas tôdas, pouco a pouco, vi-
nham a lume como um livro muito lido.
Sôbre os giestais ajoujados de vagem e
a vagem de clara felpa, fôra como se
nêles caíra neve, muita neve, desta que
pousa directa e mais imponderável que
um enxame de mariposas. Lameiras de
tenro pasto, orgueirais de pendão a es-
farelar-se em limalha ruiva, tuños de
carvalhiços verde-mate cresciam no
desvão da terra de restolho, pondo uma
cercadura animada em sua côr morta.
Numa belga de painço, amanhada ao
tentame na vastidão do matagal, um
espantalho, mais disforme que Judas
derriçado dos corvos e escorrido dos
humores ao oitavo dia, abria braços
incomensuráveis. Quase por cima, a co-
tovia subira ao céu e por lá se perdia,
padejando de asa, a rir dêlo ou a entoar

o kíríes ao sol nado. Êle lá rompera detrás dos montes, mais loiro que a broa ao sair do forno, derramando pela terra a mansa amarelidão do azeite na azenha.

Lá vinha, e tôda a sensibilidade do ermo, da mais imediata à mais oculta, palpitou. Passaram corvos grasnando; os animaizinhos do Senhor, no chão e nos ares, romperam na lidairada. Já os pinheiros, aprumando-se daquela sua marcha penitencial, pareceram ser, sob os primeiros raios, filas de monges negros em ordem de canto-chão numa Velha Sé.

— Baltasar, anda-me. A cavallo na vassoura ias mais depressa.

— Nunca ninguêem me ensinou tais artes.

— Dizem que és bruxo...

— Sou cristão, tio Pedro, afocinhado na pia benta por mãos da Ana Fusca que é crístã e confessada.

— Desenvolve-te... temos ainda um bom migalho que bater.

O doido atrás de Jirigodes esbofava. Iam subindo as ribanceiras da Serra, vestidas com as côres mortiças do Agôsto já alto, sombrio nas matas, dum loiro esvaento no chão ralo de seara, pardo pelos morros, tons de chama nos coutos. Uma lágrima de sol coalhado sôbre o tojo e o sargaço, uma estranha flor azul suspensa de fina haste como alfinete de chapéu, falavam ainda do Maio que pelos montes arrastara rica capa de asperges, episcopal. Sentia-se que o outono começara a tecer sôbre escura lençaria seu catafalco de brocados. Mas, para o vale, por entre as lombas, da poalha doirada do sol emergia o luaceiro verde dos milharais e campos de sementeira. Uma nesga do rio scintilava a todo o fundo, e era um espelho ora a quebrar-se ora a refazer-se do vivo lume. E nas abas dos lugares, sultos em flor erguiam na alvura espacial feiras de oiro, da mais abundante e fantástica joalharia.

Sempre a direito, azangando paredes e regatos levados em cantarola, subindo e descendo, atingiram os picotos altos. Lentamente, a alma de Jirigodes fôra lavando-se na pureza do dia, deprimindo-se entre infinito e infinito.

Pedregulhal negralhento, ora reboludo à flor da terra, ora cravado como ossadas mal sepultas, escarpas alampanhadas de rabugem, bouças fôfas de mato galego ou de sargaço ribeirinho, morros na postura de cavalos a pino, colinas crespas a correr à doida, como se a natureza ali se deixara invadir de pânico, era a Nave.

E, entretanto, uma grande paz pairava sôbre aquele tropo-galhopo de couças, tôdas mudas, tôdas em suspensão, como se fôsem a própria inflorescência do silêncio. Pedro Jirigodes ouviu pulsar o coração e na inalterável imobilidade o sol mesmo tomava um relêvo objectivo de pessoa, como se se tratasse da visita rara do senhor daquela honra.

— ¿Estamos bem aqui, Baltasar?

— Melhor, nem no crescente da lua que lá em baixo parece mesmo um selim para a gente montar a cavalo. ¿Vê para lá do paredão um penedo como uma cova ao meio? Lá, uma cabeça de padre, que acabe de cantar missa, não tem a coroa mais bem feita...

— Vejo.

— Foi lá que o descobri.

Sentando-se numa pedra, a espingarda traçada nos joelhos, Jirigodes deixou espairecer os olhos, vagamente a scismar. Daquele ponto cimeiro, avistava-se o perto e o longe a mui grande distância em redondo.

Dezenas de oiteirinhos, logo abaixo, olhavam-se em turba multa por cima dos côncavos, parecia estarem ali mudos sob a torreira a uma voz de presença que houvessem de lhes pedir. Eram calvos, desta tristura dos cerros contraída a ouvir chiar a força e gras-

nar os corvos sôbre os justicados. Mas nas corgas, pelos sopés, a giesta piorneira, a orgueira e o tojo alvarinho medravam fortes, ao acento taramela das águas de rocha. Um ou outro carvalho, vindo do génesis, carregado de musgos e de ninhos, bracejava. Pedro Jirigodes, das noites de espera pelas luas, conhecia aqueles andurriais de erva doce onde os coelhos vinham doidos a valsar e até a raposa de ameijoada.

Para lá, em escaleira cada vez mais distante, os tesos sucediam-se nus, com uma coirama ressequida de mato, ou trechos negros de bosque. Já nêles se lobrigavam, como pontos minúsculos movediços, os rebanhos a ripar a farfalha dos arbustos ainda verdes.

A todo o fundo, como no côncavo duma imensa almofia, os lugares denunciavam-se pelos espanejamentos sôbre o vermelho da telha moirisca, fresca do forno, lanços caiados de moradias, o campanário, o fumo, o halo que res-

cendo ao céu a conglomeração humana.

— Por 'qui, por 'li — disse Baltasar estendendo a mão diante dos olhos de Jirigodes — as melhores serraninhas pagaram contas à criação. De comêço não queriam, agora pelam-se por mais. Estou vingado, Pai da vida! Por 'qui, por 'li...

A mão do louco apontava Soutosa, *onde nasce uma ovelha nasce um pastor*, enroscada nas matas como raposa em madrigueira. Apontava S. Martinho, escorregando na vertente, das mais provadas; logo adiante Peva, com o Patrono ao alto a branquejar, pequenino como um ovo, as manchas dos palheiros em capindó, a igreja matriz de três povoações, a estrada nova muito clara na paisagem baça, cheia de fuga, de ideas vagas para vagos horizontes e pessoas. E num gesto largo, indicava do outro lado do rio, a todo o lés, outras e outras aldeias, marcadas no mar de

maninho pela luma'ha verde dos seus oasis.

— Baltasar — disse Jirigodes — o sol aperta e tu hás-de estar com apetite à trincadeira. Vamos para debaixo daquela lapa. De lá vimos tudo e ninguêem nos vê.

Abrigaram-se com a penha e, puxando do bornal, Jirigodes repartiu com o louco e deu-lhe de beber da borracha. Feito o que, Jirigodes verificou a caçadeira, extraíndo e metendo os cartuchos, provando com os estalidos claros dos cães que a fecharia estava em regra. E, ajeitando-se no chão, ali se quedou com a espingarda no braço, numa posição perfeita de espera.

— ;P'ra que se pranta vomecê assim? — perguntou Baltasar.

— P'ra quê? P'ra melhor meter dois zagalotes na pele do anjo, se nos der a honra de se mostrar.

— Ficavam-lhe as mãos tolhidas — proferiu o doido mansamente.

— Êle que apareça.

— O chumbo, mesmo, não lhe tocava.

— A pólvora é fina. A cem passsos, e é meu.

— Tio Pedro, ao pé de mim não dispara.

— Se tens mêdo, vai-te embora.

— Não me vou embora; ao pé de mim não dispara.

— Não?

— Não! — respondeu o louco com arrego — Com penas de me meter diante...

— Pior para ti.

— Deixá-lo! Emquanto eu aqui estiver não dá fogo. Eu não vim para guiar um matador, sabe vomecê.

— Viesses que não viesses, não são as lérias dum louco que me hão-de embargar caminho.

— Tio Pedro — tornou Baltasar, exaltando-se — ouvi contar na venda do Nastácio que vomecê matou um contra-

bandista, lá em terras de Almeida, para o roubar. Não acreditei. Os assassinos trazem sangue nas unhas e eu sempre lhas vi brancas. Vi-o também ajoelhado ao altar a receber o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, e dizem que os assassinos ficam com a língua de fora, sem a poder recolher, se se aproximam da mesa da comunhão. Não acreditava, acredito agora. Acredito até que vomecê o cravou de facadas à falsa fé e levou o cadáver às costas, mais duma légua, para o deitar ao rio.

— ; Cala-te que te esgano, filho dum sapo!

— Não me calo. Aqui não matará. . . A Serra é santa. Ri-se?! Olhe, era eu pequeno, mataram um homem no caminho de Lamego, ao avistar da Orca. Esteve lá três dias, ao fim já se não podia chegar a êle. ; Quere saber o que succedeu? A Serra, num redondo de muitas léguas, começou a secar, a secar como se fôsse alma cristã a que tivesse

pegado a morrinha. Secaram os sargachos, secou o rosmaninho, secaram as ervas e as fontes e até os passarinhos e os bichos bravos se foram embora. Sabe vomecê?! Veio a primavera e não cresceu ali uma flor, nem vingou verde. Era como se tivessem salgado o chão. Sete anos levou a Serra neste castigo, sete anos, e as aldeias quási morreram de fome. Sabe vomecê?! A Serra é santa.

— És mais doido do que eu supunha...

— Serei, a Serra é santa, e aqui não matará. Repare lá para baixo, tanta capelinha a dizer: não matarás! Vê?...

Jirigodes seguiu o olhar alucinado do doido.

De facto, à beira dos povos, de longo em longo, grisalhas, alvas, inocentes, eram muitas as capelinhas e tôdas fanais de benigna inspiração.

Havia-as no tope das colinas e enchiam as colinas da brancura fragrante

dum campo de açucenas; perto ou entre casas mais tristes que velhas mendigas cobertas de velhas capuchas, e tinham a mística suavidade dum padroeiro a abençoar; reluzindo no meio das matas e delas, como escada de Jacob, ascendia aos ares uma coluna de celestial pureza; à beira dos caminhos para santificação dos viandantes; nos altos montes, para aplacar o céu, derramar as trovoadas, afugentar a peste, clamando alto: terra de cristãos! Lá longe, num bruxolear de toalha ao sol, o senhor dos Aflitos alcandorava-se na orla do planalto, cruzando o olhar com os santos mártires de Paredes. E até o Douro distante, aspergiam espiritualidade as ermídimhas.

— Viu? — exclamou o doido, recolhendo o braço. — ; Podia lá ser, matar, diante de tais testemunhas?! Nem a Serra consentiria. . . Vomecê a atirar, e êsses penedos a dar uns nos outros que seria o fim do mundo.

— A Serra é serra, aceita tudo, o bem e o mal.

— A Serra tem vida, sente, fala e escuta. Fala para Nosso Senhor e é quando está azul, mais azul que o manto da Virgem Maria. Ouve Nosso Senhor, para isso tem os picotos levantados ao céu. Não, aqui não mata.

— Êle que venha...

— Essas outras serras, por ahi abaixo, até o cabo do mundo, viravam de rota e vinham sôbre vomecê. Vinham sôbre vomecê como cavalos raivosos— ;mas que cavalos! — e calcavam-no, faziam-no em mais poeira que a poeira. Deus o livre!

— As serras estão bem presas no seu lugar. O teu juízo é que anda desamarado.

— É cego, é cego! Então as serras estão presas? Essa... Ora afirme-se, ; não as vê a andar?

— Não.

— Afirme-se bem.

Pedro Jirigodes encarou no louco e viu-o transfigurado, a bôca aberta num hausto de pasmo, os olhos esgazeados num vendaval de fogo, os cabelos he-rissados e torcidos, como se os tocasse um pé de vento. O próprio gesto, braço desmesuradamente alongado, o peito na postura de quem desafia, era duma intimativa sobrehumana. Mau grado seu, Pedro Jirigodes espraizou o olhar até os confins dos horizontes, como lhe requeria a insana citação do louco.

Espraizou o olhar e lento, depois rápido, depois vertiginoso, na opressão ansiosa dum imenso pesadelo, começou a descortinar o bailado das montanhas. Até a Estrêla, animada do galope que teria o cavalo capaz de arrastar um mundo, as serras, era certo, desfilavam por detrás umas das outras em segmentos de parábola como sáurios num recinto vedado. Jirigodes apercebeu-se-lhes do movimento nas lombas, ora crespas, ora ondulosas, na estirada das

colinas, no esgalgar tropeçante dos desfiladeiros, e nas articulações das cordas comparáveis a centopeias no jôgo rítmico da marcha. Não obedecendo a uma directriz precisa andavam, e seu passo era cheio, ao mesmo tempo, de angústia e de insuperável rompante. Onde iam? Encabritadas no espaço, figurou-se-lhe que corriam ao assalto do infinito, e que de ímpeto forçavam já as paredes primeiras do céu, paredes duma côr fôska de velha prata. Lá iam tôdas, imensidades dolorosas em viagem, e também a Nave que Jirigodes com seus pés ali pisava tinha impressa na carantonha feroz a sina de marchar. Remetendo sôbre ela o olhar cheio da vertigem que trazia do largo, viu-a girar, romper rumo. E lá seguia para longe ao encontro das mais, neste fadário das cousas e dos astros, correr, correr.

— Parece que andam — murmurou Jirigodes, sorrindo e esfregando os olhos.

— É o vinho da borracha que me subiu à cabeça . . .

— Andam, — tornou o maluco — e o seu andar é de pena. São como os homens que sobem as encostas do Douro, com cestos vindimeiros.

Jirigodes voltou a olhar.

Alterosas umas, atarracadas outras, mostravam tôdas um cariz de esforço, quase de mágoa. Cinzas cobriam-nas, cinzas velhas de damascos roxos, em suspensão, na Serra da Estrêla; cinzas negras dum incêndio filtrado por dilúvio na Serra da Lapa; quase brancas, inextintas, no oiteiro de Segões; côr ruiva, de lava quente, nos montes de Cuvelo; e lá atrás, no Caramulo, havia montões de rescaldo, escombros ardentes, carvão e luz, tôda a fantasia de mil tocheiros acesos batendo de chapa numa tribuna de igreja monumental.

— Olha matar! — dizia o doido. — Ao pé dessas eternidades é sombra dum

verme o pensamento mais alto. Tudo isso é o corpo de Deus.

— Baltasar, em verdade tudo isso é Deus, mas é preciso também contar com o diabo. O diabo é o ciúme, é a vingança, são as mulheres, é tudo o que há de mais importante em nós. Por hoje, quero-me com o diabo.

— ¿E que lhe vale? Olhe, já os rebanhos voltam para os lugares, não será hoje que lhe ponha a vista em cima. O melhor é irmos embora.

— Vai tu, eu fico. Fico e ficarei...

Os gados, com efeito, voltavam a face para as cortes e, subindo as escarpas, dobrando os cumes, seus pontos de lenta mobilidade pareciam associar-se à própria terra. A todo o fundo, as aldeias tiravam-se agora, sob a tremulina da canícula, pelo fumo das lareiras, vadiando no céu como peneirinhas à hora morta do sol pôr. Acercava-se a hora em que à sombra duma parede, ou sob a frescura dum sabugueiro, o cavador, sus-

pendendo a faina da sação que se sentia, mas não se via, pelos campos, rega do milharal serôdio, corte dos painços, decrua dos pousios, viria, com a mulher de filho no regaço e o cão em frente sentado sôbre o traseiro, engulir a sua tigela de caldo bem ganhada. Subtis como barbantes, caminhos pálidos sulcavam a fôlha, e môças — decerto — com chapéu de aba larga, ceitoira no ombro, passariam por êles afogueadas, para à noitinha tornarem cantando. O sol rechinava a terra e o ar era como se miríades de escamas, ultra diâfanas, turbilhonassem nêle em ebulição.

Lá longe as montanhas sarabandavam frenéticas, e Jirigodes possuído dum pensamento confuso, misto de vago de-sânimo e de instintivo assombro, deitou-se de bôrco, depois de recomendar ao doido :

— Fica tu de vigia ; já estou cansado de olhar . . . mas vigia !

As pálpebras fechadas sôbre as pal-

mas das mãos, Jirigodes entrou a scismar em monte. A sua vida, a sua noção de presença, o sentimento que o trouxera ali, despenharam-se-lhe no cérebro em catadupa. Era como o ruído duma feira sem a percepção nítida dum som único. Depois, sôbre a confusão, no fundo dos seus olhos, começou a ordenar-se, lento e lento, o bailado formidável das montanhas. E, breve, dentro do seu crânio limpo como um terreiro a horas mortas, o desfile vertiginoso succedeu-se. As enormidades do espaço passaram tôdas com suas tintas graves, maceradas, incompreensíveis em volume, esfarrapamentos de Deus; depois a planície tôda, ardendo ao sol, com os campanários, as môças de foice em punho, as ermidas; ao cabo, o louco, temível como a noite, profundo como o mar em sua loucura; e por um concatenamento da sombra à claridade, representou-se-lhe a silhueta de Maria da Encarnação, cheia de graça e de odioso.

E, daí, a idea exterior diluiu-se, para ficar êle só com tôda a sua jaula interior de egoísmos, mais ferinos que feras. Bem reconhecia quanto havia de quimérico em esperar o ser monstruoso, mais ágil que o gamo, no tôpo dum outeiro; esperá-lo em dois palmos duma serrania de muitas léguas, a que dava volta tão fácil como dono a sua casa.

A esperança de tê-lo ao alcance dos canos de aço dissipava-se; uma certa embriaguez de benignidade, colhida na contemplação dos livres espaços, e os fantásticos arrebatamentos do louco, acobardavam-no em seu propósito. ¿Seria *êle* de facto, como criam por vilas e aldeias, um emissário de Deus? E esta idea, com todo o jogo de probabilidades e improbabilidades, ficou-lhe a martelar a consciência e tão breve num impulso se dizia: o melhor é ir-me embora, como, recobrando-se, obtemperava: vim, a obrigação é aguardar. E ante o vislumbre de que a retirar-se cometia um acto

próprio de poltrão, agarrou-se ao seu intento, abrindo com fúria as chagas cancerosas do ciúme e do rancor. Fôsse o que fôsse, tinha necessidade de satisfazer a sua sêde de desforço, no monstro primeiro, depois nela que à bôca grande se ufanava das bacorices perpetradas. O amor próprio, também, segurava-o ali. Èle, o Jirigodes que não temia nem tremia, nem fechava a *barbeira* sem golpear, seria capaz de arredar ante um vago fantasma? Não era de resto apenas o seu vilipêndio, mas o vilipêndio de muitos que lhe robustecia o braço. Pelas aldeias, as raparigas tinham desandado em fêmeas voluntárias e confessas de serralho. Acamaradavam em ranchos, viviam algumas em comunidade, e diziam-se as eleitas. Em noites propícias, metiam-se à serra em cata do padreador. Mais que feitiçaria, formavam religião em volta dêle.

Donzelinhas, mal de seios a pojar, fôram oferecer-lhe a flor temporã da

puberdade. As casadoiras, no primeiro abrir mão da família, moscavam para êle. Já o Zé Margarido dera uma surra na filha, de pregões a correr com o professor da Pendilhe, porque tentara largar. A Joanhinha do Aires desaparecera uma tarde para só volver dois dias depois. Sem rebuço contavam que o anjo as tivera nos braços e que dali a nove meses, como rezavam os destinos, seriam mães de querubins. O monstro não precisava de caçar, a caça o buscava.

Uma moral nova, nascida com o instinto, crescia dentro da religião cristã. E alastrava velozmente, não obstante as objurgatórias dos curas e uma carta pastoral do bispo carregada de anátemas. A quem, com a letra do decálogo e as malas-artes de Satanás, chamava à razão antiga as catecúmenas, elas respondiam: Vejam! E mostravam seus gordos, róseos e saudáveis pimpolhos, saídos do concúbito com o anjo. E, con-

tra tal argumento, emudeciam a dogmática e a velha lógica da honra.

Neste apostolado pelo Inefável, a Maria da Encarnação e a Leopoldina Quaresma eram as vozes evangelizantes. As suas práticas, nas naves das igrejas montesinhas e nas ermidas das serras, abriam farta sementeira. Anunciavam elas uma divindade que vinha regenerar o mundo, remir as fontes da vida da excreção a que a tinha votado uma religião moldada por velhos, cuja carne vibrava menos que uma harpa sem cordas. Invocavam a sua imagem especiosa, e o fogo sublime que as trespassara na transfusão do gôzo terrestre com as místicas suavidades do céu. E filhas famílias, donzelinhas de virtude, sensitivas do recato, pimponas luxuriosas, com solfas do cerimonário requeriam, veementes, a mercê celestial da iniciação.

Breve a loucura transbordou. Pelos penedais da Serra, avistaram-se saias,

pinchando, parando, braldegando. E por quebradas e barrocas, inquietas ou gemebundas, eram como cabras montes-sas na sazão do cio as solteironas durázias.

O macanjo, porê, não acudia ao chamo das velhas, nem das feias, nem da mulher experimentada de homem. O seu cânon só lhes permitia as adolescências côr de rosa, e as puberdades em maturação. Um faro subtil, que tocava as raias do sobrenatural, o conduzia a aceitar. E por esta estranha qualidade se robustecia a voz pública de sua natureza divina.

Considerando um tão prodigioso discernimento e enigmática mobilidade, também Jirigodes hesitava em formar a sua opinião. ;Seria de facto o regenerador duma humanidade combalida? E quando esta interrogação se lhe erguia no espirito, acobardava-se em cometer o gesto temível. Mas era sair da idea realista que tinha das cousas e leis da

criação e, breve enxotava a reflexão pusilânime, para quedar só em campo aquele rancor filho duma paixão que em veemência se desferrava de quarenta anos insensíveis à ternura como fraga ao orvalho do céu.

Por muito tempo chafurdou Jirigodes em suas cogitações de melancolia e de sangue. Já o sol lhe batia na nuca quando se ergueu. Estirado à recega a tôda a longura, como um lagarto, o Baltasar dormia. Pela terra em brasa, nem pássaro, nem rumor de vento, nem bo-lir de fôlha. A cordilheira longínqua parecia mais tôrva, nimbada de borrasca, e os cabeços, ali ao pé, mais suspensos a entreolhar-se.

Pedro Jirigodes pegou da espingarda com mentes de se ir embora. Uma teimosia própria de temperamento, afeito ao exito, reteve-o. E, buscando melhor posição, com o espírito quase varrido de pensares, ou em que fatuejavam vadios e moles como a chuvinha rala

e quase invisível que fica instilando o céu ao cabo de dias de aguaceiro, com a coronha da espingarda juntando ocioso a areia perdida aos pés, deixou voar as horas.

O Baltasar, afinal, acordou. E circunvagando a cabeça, os braços estendidos para a frente, em arco, como as tenazes dum escorpião, disse de olhos luminosos:

— Ainda aí está, tio Pedro.

— Estou e estarei.

— Mal empregado tempo; o Inefável não vem...

— Quem sabe...?

— Sei-o eu. Não vem. Vomecê queria matá-lo como ao contrabandista, oh, não é a êle!

— É a êle e é a ti, se te não calas com a maluqueira, meu grande tinroso.

— ; Se eu lhe digo que já não vem!... Vomecê não quiere acreditar, ouça...

Baltasar ergueu-se e veio-se plantar de pé diante de Jirigodes.

— Ouça — tornou êle num acento de iluminado — acabo de sonhar e no sonho o anjo do Senhor appareceu-me. «Baltasar — disse-me êle — tu és um pobrezinho de Nosso Senhor, mais triste que um cardo nascido num canto onde deitam as sujidades e os trastes que já não prestam, mas o teu coração é bom e é simples, e a verdade entra nêle como o sol pelas vidraças. Tens razão em supor quem eu sou enviado do alto a regenerar o mundo. Os padres, os bispos, os papas estragaram a santa religião com castramentos e castidades. Estragaram o género humano com uma mordança aos appetites do amor, e tu és uma das vítimas, Baltasar. O que era natural tornou-se um vício, colocado fora da natureza; o instinto preverteu-se à fôrça de procurar exercer-se. Tens razão, Baltasar. O mundo está cheio de aleijões, de fealdades hediondas, de enfermidades, porque os homens deixaram atraiçoar as leis da vida. Baltasar, o teu

pai era mentecapto, andava pelos caminhos com um ramo de oliveira a cantar o bemdito. Herdaste o sangue de teu pai e és um pobre do espírito. Se eu tivesse tocado tua mãe, serias belo, forte, desempenado, cavarias a horta e as raparigas não te fugiriam com gatimanhos de inocência. Tens razão, Baltasar. Esse Jirigodes vem a mando dos padres e dos bispos, dos jarretas e cambados, dos velhos, lambuzeiros de donzelas, e prostitutas. Matou, tem marcado na face o signo de matador. Mas, não temas; eu sou invulnerável ao ferro, ao fogo, a tôdas as maldades dos homens. Bemdito sejas, Baltasar, que me quiseste guardar; bemdito sejas, porque o teu coração simples se deixou penetrar da verdade da minha missão». Aqui está o que me disse. A face dêle resplandecia; um cheiro, que todos os sultos em flor não igualam, rescendia dêle. Foi-se e eu acordei; há muito que estou acordado, mas não quis bolir, nem abrir os

olhos, para não perturbar em mim a visão celeste. Aí tem vomecê. . . Agora se não acredita, se quiere ainda esperar, espere.

E dizendo isto, Baltasar lançava sôbre Jirigodes, um olhar inflamado, reprovador, de profeta.

— Não me gastes a paciência — murmurou Jirigodes encrespando as sobrançelas. — Tu és doido e é o que te vale, mas mais doido fui eu em me guiar por ti. Daqui em diante, não abres mais a bôca, ouves tu? Se falas, esborracho-te. Se queres largar, larga. Fico, não tens nada que me pedir contas. . .

— Pois fiquemos — disse o doido sentando-se.

E ficaram. O meio-dia transcorreu. O céu todo era uma grande rodoma em brasa, sufocando a terra. Recortados nos longes, os penhascos pareciam arder numa labareda de alcohol, muito branca, que eram os lumaréus da canícula. Nem cício de vento, nem ruflar de

asa. A imobilidade das cousas esmagadas. No entanto a água de rocha, lá em baixo, manava sempre, mas num murmurinho tão ligeiro que só o empenho de ouvir ouvia.

O sol virou sôbre o Caramulo; vestida de brocatel dum amarelo desbotado com lhama a ouro, peitoral branco com matizes açafião, pinchou a folosa sôbre uma vergôntea de giesta; de cabeção vermelho alaranjado e barrete verde alga, saiu dumas carquejas o pisco a piar. Um grilo arriscou as duas notas do seu motete; as rãs e os ralos coaxaram. Era a tarde.

A catadura dos montes desanuviava; levantou-se o vento, e nos cerros os pinheiros apareceram derreados sob as suas cargas colossais; na chã, os cães latiram e o latir atroou, repercutiu entre os penedos como uma estreloçada de vidros. No mato e nos coutos as tintas revestiram uma tonalidade terna, numa quase síncope outonal. Nuvens alvas

corriam ligeiras e eram como bandos de groux que vão emigrando. Pedro Jirigodes repartiu o resto do bernal com Baltasar e comeram silenciosos, entretanto que o arraial da tarde ia esmorecendo.

As paredes deitaram sombra cabonde para se estenderem duas vezes sôbre ela; a Serra da Estrêla cobriu um sendal roxo; os côncavos tornaram-se lagos de melancolia. Esmoreceram os espanejamentos claros dos povoados; luziam muito os seixos, escureciam os bosques. Um perdigão rompeu a cacarejar para o outeiro e os ares e a Serra encheram-se da nostalgia dum toque de recolher.

— Vai-te—disse Jirigodes.—Eu fico...

— Também fico — respondeu, sem mais, Baltasar.

Os rebanhos que, lá ao fundo, tinham reaparecido, desapareceram. O sol parou sôbre o Caramulo, pareceu estoirar contra uma das suas agulhas al-

tas num esborrachamento de gemas de ovo. Um gritinho serôdio cantou gri-gri! e emudeceu. Era a noite.

— Vai-te — tornou Jirigodes.

— Vou quando vocemecê fôr — contestou o louco.

Acendeu-se uma estrêla no céu, depois outra e outra. Ocioso, breve Jirigodes contou onze. Velaram-se chãs e oiteiros e a abóbada celeste floria cada vez mais em cravinas de oiro. Maquinalmente Jirigodes foi seguindo a iluminação dos espaços, cachos, renques, suspiros de luz, praia de brasas na margem de lá da noite. O crescente ergueu-se, mas tão diáfano que não obscureceu o mais pequenino botão daquele imenso roseiral. A própria estrada de S. Tiago lá rompia de céu a céu, com empedrado tão miúdo que parecia uma rasteira de cinzas quentes.

Pedro Jirigodes, quando os astros acabaram de se acender, retirou a vista cansada, cansado também o seu espírito

de vaguear. Olhou ao longe, ao rés do solo, mas a opacidade da atmosfera tolhia a vista para lá da corga em que o mato se desdobrava num estendal grisalho de serguilhas. E caindo em si, ali no meio do ermo, a par dum doido, em desafio ao desconhecido, um terror inesperado o assaltou. Mas fôra senha sua quedar ali, quedava. E mão na espingarda, os olhos mergulhados na noite ficaram a espiar os rumores das sombras. Dos almargeais distantes, chegava diluída na aragem a chocalhada das rãs. Ali perto o cantar do ralo parecia-lhe amarelo sem saber porque; era um som mortuário, de debaixo da terra. As águas, essas lá iam sempre correndo, cantando um canto sem fim. Á fôrça de as ouvir, de devassar a noite de olhos parados, esqueceu-se do que viera ali fazer... não se podia lembrar... Depois, varreu-se-lhe da memória a noção do tempo e o sentimento do lugar onde estava. Confusamente sentia-se na pista

de Maria da Encarnação que por um outro o trocara. Mais nada.

Vozes alegres vieram banhar de extremo gôzo a sua quietude. Era um cântico, mais e mais animoso, e êle, dando um sacolão aos membros inertes, levantou-se estremunhado. Ah, sim, estava no cume da Nave, à espera! A lua lá ia alta entre as estrelas bem acesas. Mas ha!... lá em baixo na chapada cantavam...

Pedro Jirigodes esfregou os olhos e viu e presenciou a roda galhofeira. Era uma cadeia de vultos esguios em volta dum vulto mais alto. E as gargantas frescas alçavam a alacre modinha:

E ó senhor ladrão,
Ande ligeirinho;
Não queira ficar
Na roda sózinho.

Pedro Jirigodes julgou-se ainda a sonhar; palpou-se, fechou e abriu os olhos. Estava bem desperto. Em baixo,

a sarabanda prosseguia e, súbitamente, no lançar da trova percebeu a voz argentina, educada nas Novenas de Igreja, de Maria da Encarnação. Depois, um timbre muito suave e alto figurou-se-lhe da Joanhinha da Fonte; um tremolo da Francesinha. E, por clarões seguidos e repentinos, a verdade foi-se-lhe desvendando. Em volta do anjo, as barregãs, furtando-se das aldeias pela calada, arrostando com a noite, batiam o sari-coté. Cabras!

Espingarda em punho, Pedro Jirigodes lançou-se. Ser estranho, ágil como um gato, troncudo como um sapo imenso, caiu sôbre êle. Era o Baltasar.

—Deixa-me, excomungado!—regougou Jirigodes.

—Aqui não matará!

—Deixa-me!—repetiu britando-lhe a cabeça com a espingarda.

—Aqui não matará!

Quando as mãos do louco se despegaram dele, um grande silêncio pairava

sôbre a terra. Pedro Jirigodes fitou o doido, de olhos abertos para as estrêlas infinitas, braços em cruz na terra ensangüentada, e entrou a tremer, a tremer, como se o seu corpo tôdo fôsse a haste duma paveia balouçada no vendaval.

(Paris-Lisboa).

The first part of the book is devoted to a general history of the United States from its discovery to the present time. It is written in a clear and concise style, and is well adapted for use in schools and colleges. The author has done his best to give a full and accurate account of the events of our history, and to show the progress of our civilization and the growth of our nation.

The second part of the book is devoted to a detailed history of the United States from the discovery of the continent to the present time. It is written in a clear and concise style, and is well adapted for use in schools and colleges. The author has done his best to give a full and accurate account of the events of our history, and to show the progress of our civilization and the growth of our nation.

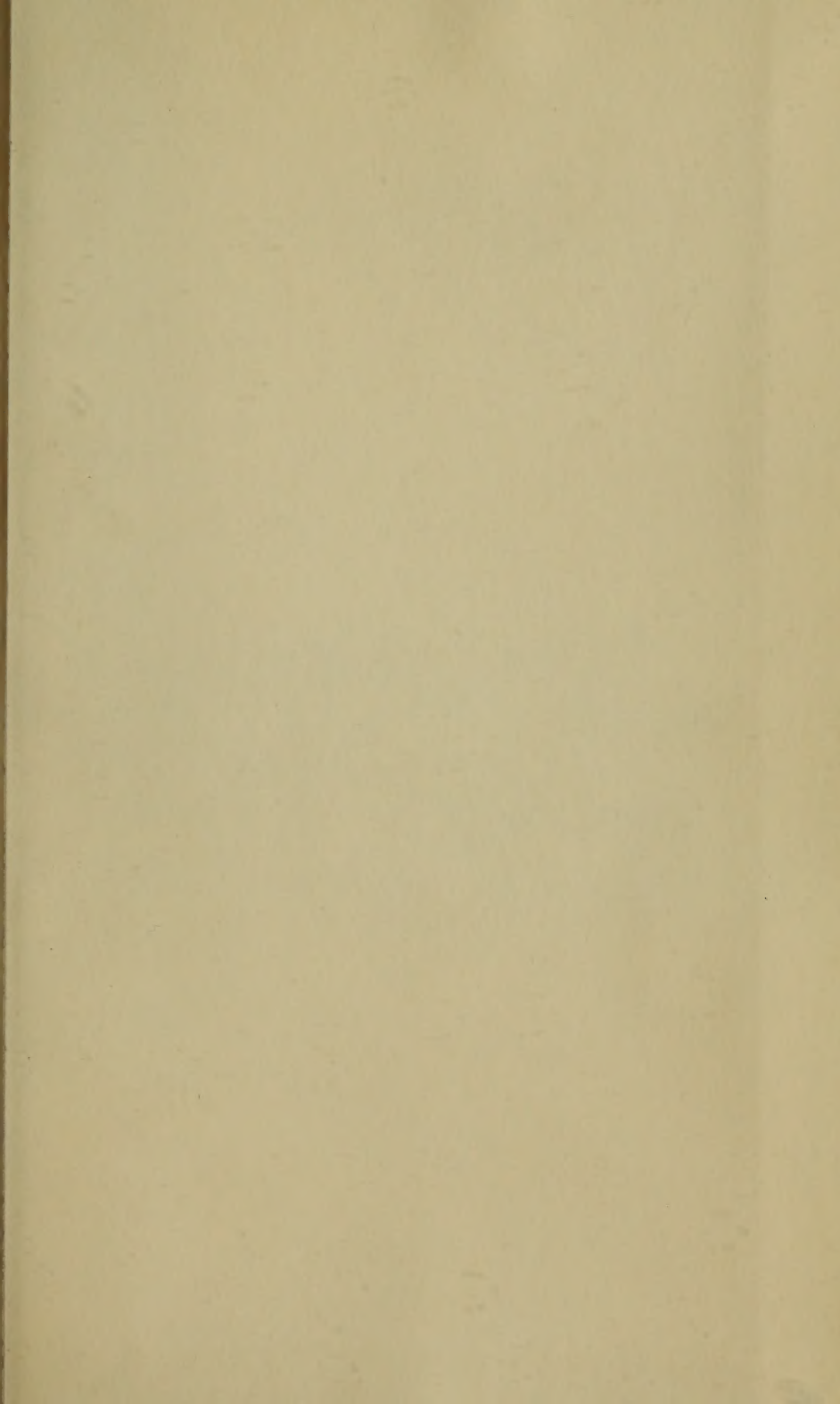
The third part of the book is devoted to a detailed history of the United States from the discovery of the continent to the present time. It is written in a clear and concise style, and is well adapted for use in schools and colleges. The author has done his best to give a full and accurate account of the events of our history, and to show the progress of our civilization and the growth of our nation.

Indice

Os olhos deslumbrados	1
Maga das ruas	107
O derradeiro fauno	215

ACABOU DE SE IMPRIMIR
ÊSTE LIVRO A TRINTA
DE MAIO DE MIL NOVE-
CENTOS E VINTE NA TI-
POGRAFIA DO ANUÁRIO
COMERCIAL, LISBOA.

THE
LIBRARY OF THE
MUSEUM OF
COMPARATIVE ZOOLOGY
AND ANATOMY
HARVARD UNIVERSITY
CAMBRIDGE, MASS.



PQ
9261
R5F5

Ribeiro, Aquilino
Filhas de Babilónia

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 04 02 09 001 6